

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

REGINA HELENA DE CAMPOS MARCIANO

**PROJETO SOL MORUMBI - PAULÍNIA:
as lembranças da infância e
adolescência pelos caminhos da
Educação Física.**

Campinas
2006

REGINA HELENA DE CAMPOS MARCIANO

**PROJETO SOL MORUMBI - PAULÍNIA:
as lembranças da infância e
adolescência pelos caminhos da
Educação Física.**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Pós-Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Stucchi

Campinas
2006

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M332p Marciano, Regina Helena de Campos
Projeto Sol Morumbi – Paulínia: as lembranças da infância e
adolescência pelos caminhos da Educação Física / Regina Helena
de Campos Marciano. - Campinas, SP: [s.n], 2006.

Orientador: Sérgio Stucchi.
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física,
Universidade Estadual de Campinas.

1. Educação não-formal. 2. Educação Física. 3. Lazer. I.
Stucchi, Sérgio. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação Física. III. Título.

REGINA HELENA DE CAMPOS MARCIANO

**PROJETO SOL MORUMBI - PAULÍNIA:
as lembranças da infância e
adolescência pelos caminhos da
Educação Física.**

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado defendida por Regina Helena de Campos Marciano e aprovada pela Comissão julgadora em: 30/06/2006.

Prof. Dr. Sérgio Stucchi
Orientador

Campinas
2006

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Sérgio Stucchi
Orientador

Prof. Dr. Luiz Barco

Prof. Dr. Gustavo Luis Gutierrez

Profa. Dra. Eliana Ayoub

Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, com muito amor, e respeito pelas oportunidades e educação.

Dedico aos protagonistas desta pesquisa, os egressos do Projeto Sol Morumbi, que com suas lembranças da infância e adolescência, pude constatar que mais aprendi do que realmente ensinei, obrigada!!!

E aos que cedo partiram...saudade!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Stucchi pela paciência e pelo carinho que tratou esta nossa pesquisa.

Em especial ao Prof. Dr. Gustavo Luis Gutierrez pelo incentivo, pelos ensinamentos e apoio na elaboração deste projeto.

À Banca Examinadora verdadeiros mestres, pelas valiosas orientações.

Ao meu querido Evandro Lontra Vieira pela força e parceria.

Às pessoas sempre presentes na minha vida: meus pais (Roberto e Angelina), irmãs (Tata, KiKa e Cau), meu querido irmão (Beto), minhas adoradas sobrinhas que muito me ensinam (Marina e Anita), os meus cunhados (Ortolano e Geremia) e cunhada (Marcella), minhas amigas de infância Helena e Lúcia Padilha Cury.

Não posso deixar de agradecer todos que colaboraram com esta pesquisa, direta ou indiretamente, fazendo parte da história chamada Projeto Sol: Eliane Paula Motta, Heraldo Heder dos Santos, João Carlos Conejo, Lucimara Rodrigues Prado de Camargo, Maria Luisa Vasconcelos, Isaak Vaidergoin, Dr. Benedito Dias de Carvalho, Maria Aparecida Beghini, Ana Luisa Magri, Iole, Rosa, Limerici Auxiliadora dos Santos Fadin.

À amiga Simone Toledo de Lima Martinez grande incentivadora!

À amiga Lucimara Rodrigues Prado de Camargo pelo carinho, amizade, nestes vinte anos de convivência!

Minha eterna gratidão ao Prof. Dr. Edison Duarte e a Profa. Dra. Tereza Adib Zambon Atvars pelo respeito e compreensão às minhas dificuldades administrativas.

“Para poder entender melhor as crianças no que seria de mais interesse à elas nas brincadeiras, marcenaria, no teatro; voltei muitas vezes a ser criança no Projeto Sol”.

(Professor João Carlos Conejo)

MARCIANO, Regina Helena de Campos. “**Projeto Sol Morumbi – Paulínia: as lembranças da infância e adolescência pelos caminhos da Educação Física**”. 2006. 152fs. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

RESUMO

O Projeto Sol foi idealizado na cidade de Paulínia – São Paulo em 1986 por uma equipe transdisciplinar e colocado em prática no final de 1987. Projetado com uma arquitetura moderna em formato de ‘sol’, foram construídos quatro núcleos em bairros da periferia da cidade: João Aranha, Monte Alegre, Morro Alto e Morumbi. Este último citado, o Morumbi é o que contempla este estudo. Objetivava-se um trabalho preventivo aos riscos da rua, por intermédio de uma proposta sócio-educativa preencher um período ocioso do dia das crianças e adolescentes que primeiramente o atendimento era dos sete aos treze anos, ou seja, no período contrário ao da escola formal. A necessidade era devido às questões orçamentárias da família, onde a grande maioria necessitava trabalhar fora do lar. A proposta era vivenciar e despertar curiosidades nas áreas da Educação Artística, Educação Física e Educação Geral (Pedagogia). Um trabalho que se diferenciava da escola formal, pois, esta já ocupava um papel claro e definido na nossa sociedade. Esta proposta inovadora na cidade foi construída *na e pela* prática, por ser na época questões pouco discutidas no contexto educacional. Este trabalho perdurou por treze anos, sendo fechado em Janeiro do ano 2001. Os objetivos desta pesquisa foram saber que lembranças guardam os ex-freqüentadores do Projeto Sol Morumbi, da sua infância e adolescência, neste espaço que não era escola e se os objetivos do projeto original, escrito pela equipe transdisciplinar foram realmente atendidos ou se restringiram aos papéis. Trata-se de uma pesquisa de campo, estruturada em forma de questionário, com questões abertas, semi-abertas e fechadas. A forma do envio foi de cunho pessoal. Foram distribuídos setenta e quatro questionários e devolvidos respondidos quarenta e oito. Concluí-se que o Projeto Sol atendeu a sua finalidade específica, passando pelas vertentes da educação formal, informal e não-formal, até sedimentar-se em características próprias do que se pretendia explorado pelas áreas citadas. Com o resultado deste trabalho, objetiva-se ampliar as discussões na esfera educacional, e na prática da Educação Física escolar e não-escolar, perpassando a questão do lazer. Discussões de papéis fundamentais na relação professor-aluno, numa via de mão dupla: ora quem ensina, ora quem aprende. Principalmente de quem vive o momento presente, seja qual for o espaço educacional.

Palavras-Chaves: Educação Não-Formal; Educação Física; Lazer.

MARCIANO, Regina Helena de Campos. “**Sun Project Morumbi – Paulínia: childhood and adolescence memories through Physical Education way**”. 2006. 152fs. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

ABSTRACT

“Sun Project” was idealized in Paulínia city, São Paulo State, in 1986 by a team involving persons from different educational areas. This project was put into practice in the end of 1987. Four units were constructed (built) following a modern architectural design in sun shape in different surrounding districts of the city: João Aranha, Monte Alegre, Morro Alto e Morumbi. The present study was based on the work carried out in Morumbi unit. Its aim was to prevent children from street hazards by means of a socio educational proposal able to fill the idle moments of children and teenagers in that period of the day when they were not in the formal school. This was a necessity arose from the financial position of the children family members most of whom worked outdoor. Its purpose was to give children opportunity for life experiences and to arouse in them interest in Art Education, Physical Education and in General Education (Pedagogy). A work that could differentiate from formal educational which already holds a clear and defined role in our society. This innovative proposal in the city was stated in practice and by practice, since it involved subjects not usually discussed in educational context in those days. This work lasted 13 years, and ended in January, 2001. The main objective was to know which memories the frequenters of “Sun Project Morumbi” keep from their childhood and adolescence in that space that was not a school and whether the original objectives of the project were really put in practice or were restricted to papers. Forty eight out of seventy four distributed questionnaires were answered and sent back. In the present study a field research was carried out using a survey questionnaire with open, semi open and closed questions. The questionnaires were directly distributed by the researcher to the project frequenters. We came to the conclusion that “Sun Project Morumbi” attained its specific purpose involving formal and informal education. It’s been explored by the mentioned areas and finally settled in its peculiar intended characteristics. Using the results of this research we aim to broaden discussion in the educational sphere and in practice of physical educational supplied in school and out of school and also in leisure matter. Discussions about fundamental roles in teacher-student relationship, in a two-way via: sometimes who teaches sometimes who learns. Mainly of who live in the present whatever the educational space considered.

Keywords: Informal Education, Physical Educational; Leisure.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Questionários Enviados / Devolvidos	78
Tabela 2 -	Idade	78
Tabela 3 -	Gênero.....	79
Tabela 4 -	Estado Civil.....	79
Tabela 5 -	Filhos.....	80
Tabela 6 -	Escolaridade.....	80
Tabela 7 -	Trabalha.....	81
Tabela 8 -	Horas Diárias de Trabalho.....	81
Tabela 9 -	Renda Mensal.....	82
Tabela 10 -	Organização do Tempo.....	82
Tabela 11 -	Liberdade de Escolha	83
Tabela 12 -	Se Gostava do Processo de Escolha.....	83
Tabela 13 -	Convivência com os colegas.....	84
Tabela 14 -	Diferença da relação dos colegas do Projeto/ Escola/ APAE.....	84
Tabela 15 -	Contribuição das Atividades do Projeto Sol no desempenho escolar.....	85
Tabela 16 -	Contribuição das Atividades do Projeto Sol para a vida pessoal	85
Tabela 17 -	Participava das Atividades Físicas/Recreativas no Projeto Sol	86
	Ilustração das Atividades Físicas/Recreativas mais citadas	87
Tabela 18 -	Tempo de Permanência no Projeto Sol Morumbi	88
Tabela 19 -	Motivo da Desistência	88

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	01
 CAPÍTULO I	
História de Paulínia	03
 CAPÍTULO II	
2.1 Histórico do Projeto Sol – Paulínia.....	12
2.2 Caracterização da Rotina.....	29
2.3 Atividades Práticas.....	34
2.4 O Espaço Recriado.....	36
2.5 As implementações e o cotidiano do Projeto Sol Morumbi.....	39
 CAPÍTULO III	
3.1 Contextualização do Projeto Sol pela educação no cotidiano.....	53
3.2 Educação Formal, Educação Informal, Educação Não-Formal.....	57
3.3 Educação Física Formal, Educação Física Informal, Educação Física Não-Formal.....	62
3.4 O Lazer.....	65
 CAPÍTULO IV	
4.1 Procedimentos Metodológicos.....	71
4.2 Descrições dos blocos de questões.....	75
4.3 Apresentação dos dados da Pesquisa dos Egressos do Projeto Sol Morumbi.....	79
4.4 Análise Ideográfica.....	90
Conclusões.....	98
Referências Bibliográficas.....	103
Bibliografia Consultada.....	105
 Anexos	
1- Entrevistas.....	107

2- Questionário.....	118
3- Respostas das Questões Semi-Abertas (Bloco Dois).....	120
4- Respostas da Questões Semi-Abertas (Bloco Três).....	125
5- Respostas da Questões Semi-Abertas (Bloco Quatro).....	130
6- Planta Baixa do Espaço Físico.....	136
7- Galeria de Fotos	138

1 Introdução

No decurso da vida podemos dizer que estamos em pleno processo de aprendizagem, onde muitas vezes somos educadores e muitas outras tantas somos aprendizes.

Consideramos importante ressaltar que independentemente da formação, classe social, raça, gênero, da condição nos papéis que desempenhamos na sociedade, aprendemos – ensinamos. Somos modelos e temos constantemente modelos.

Quantas situações nos deparamos no cotidiano, especificamente no ambiente escolar e invertemos os papéis, ou seja, ora somos professores – educadores, ora somos alunos.

A história deste projeto de pesquisa nasce numa instituição sócio-educativa de caráter não escolar, com a finalidade de preencher um tempo ocioso de crianças e adolescentes de sete a treze anos primeiramente, cujos pais necessitavam trabalhar fora do lar.

Trata-se do Projeto Sol Morumbi, na cidade de Paulínia, idealizado para prevenir situações de risco nesta parcela da população. Objetivando criar oportunidades para ampliação do universo cultural destas crianças, estabeleceu-se as áreas de atuação sendo, Educação Artística, Educação Física e Pedagogia. Tendo na arte, nos jogos, nas brincadeiras, na literatura e escrita, elementos fundamentais no respeito à cultura acumulada, como na sua ampliação.

Justificamos a relação direta da pesquisadora em questão com o Projeto Sol na cidade de Paulínia. Esta iniciou como sendo a primeira professora de Educação Física no núcleo Morumbi,. Posteriormente, incluindo na sua formação a Pedagogia, exerceu função de Orientadora Pedagógica nos quatro núcleos existentes neste município, durante cinco anos. E por três anos na direção do núcleo do bairro Morro Alto.

Esta trajetória contempla uma história de treze anos, tempo de duração deste tipo de educação em Paulínia.

Os núcleos foram fechados em Janeiro de 2001 numa mudança de governo, por questões políticas, justificadas pela demanda premente em atender mais de mil crianças fora da escola, especificamente na Educação Infantil, crianças de quatro a seis anos.

Portanto, os prédios foram adaptados e utilizados para o atendimento da Educação Infantil até a presente data.

Esta experiência motivou a elaboração da referida pesquisa, porém, partindo da seguinte problemática:

“O que significou na vida destas pessoas ter participado, experimentado, vivenciado na fase da infância e adolescência o aprendizado em uma instituição que não era escola?”, e “se os objetivos propostos no projeto original elaborado por uma equipe transdisciplinar foram realmente atingidos”.

A intenção era receber um feedback dos primeiros participantes do Projeto Sol Morumbi, hoje homens e mulheres que carregam na sua formação uma prática diferenciada no contexto educacional formal.

O olhar no passado, reviver as lembranças, preencheram esta pesquisa de reflexões importantes para o papel do professor, da escola, da família, das relações pessoais, dos valores, enfim, que certamente serviram de avaliação deste trabalho sócio-educativo.

Desta forma, ao longo do projeto de pesquisa, visualizaremos questões relevantes como a cidadania, a função social da família, da escola, o campo profissional, o lazer e principalmente a valorização da infância.

Este trabalho está subdividido em capítulos, quais são:

- Capítulo I: Identifica o local onde esta pesquisa foi desenvolvida – cidade de Paulínia;
- Capítulo II: A gênese do Projeto Sol, a sua trajetória histórica;
- Capítulo III: A contextualização deste trabalho com referencial teórico para análise;
- Capítulo IV: A metodologia da pesquisa, apresentação dos dados, conclusão.

CAPÍTULO I

HISTÓRIA DE PAULÍNIA

Paulínia fazia parte da cidade de Campinas. Era um antigo bairro, uma vila e não há documentos fidedignos sobre as terras da atual Paulínia e seus proprietários. Somente registros a partir da história de Campinas e suposições marcam o início de sua história.

As terras em nosso país eram divididas em sesmarias - antiga medida agrária - terra sem cultura ou região abandonada, isso no final do século XVII. Vários desdobramentos das sesmarias deram origem a lotes de terra cada vez menores, surgindo as fazendas. Deduz-se que desses desdobramentos surgiram às fazendas: São Bento, Morro Alto, Deserto, Santa Genebra, Quilombo, Funil, São Francisco e outras. Foi a partir da Fazenda São Bento, de propriedade de Francisco de Paula Camargo, que se originou o antigo Núcleo São Bento. Mais tarde, em 18 de Setembro de 1899, houve a inauguração oficial da Companhia Carril Agrícola Funilense, inclusive a Estação de José Paulino.

Em 1944, a Vila José Paulino, pequeno povoado, é elevado à condição de Distrito pelo Decreto-Lei número 14.334. Por este mesmo decreto, retira-se o nome de pessoas de algumas localidades. Dessa forma, a Vila José Paulino passa a ser denominada Paulínia.

Paulínia emancipou-se da Comarca de Campinas em 28 de Fevereiro de 1964, pela promulgação da Lei 8092.

A luta pela emancipação foi árdua por parte dos que acreditavam na sua autonomia e capacidade de se administrar com município independente. Foi um trabalho de conscientização, de conceber mudanças de mentalidade, em acreditar na independência deste núcleo de terras conhecida como Vila José Paulino, e posteriormente na mudança da Lei número 82, de 1963. Esta Lei previa exigências rigorosas sócio-geo-políticas, que dificultavam a emancipação dos distritos. A população estava dividida sobre os reais benefícios da emancipação, ou seja, se por meio dos próprios recursos como a arrecadação de impostos da indústria química francesa Rhodia, a produção agrícola de cana de açúcar, café, algodão, milho, feijão, enfim, possibilitariam recursos suficientes para o seu desenvolvimento. Sendo assim, em 06 de Novembro de 1963, houve um plebiscito que resultou na emancipação. Nesta mesma época, a

Deputada Conceição da Costa Neves assumiu a presidência da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (substituindo a Abreu Sodré, presidente efetivo e ausente nesse período, por motivo de viagem ao exterior), revogou a então Lei 82/63. Portanto, a antiga Lei de 1958 entra em vigor, cujo grau de exigência para este assunto era menor.

A fazenda São Francisco foi vendida à empresa Rhodia, cujo nome era Companhia Química Rhodia Brasileira, em 12 de Dezembro de 1942. Uma linda área, banhada por dois rios, sendo que, posteriormente, algumas glebas foram vendidas à Prefeitura de Paulínia para que esta fizesse a doação à Refinaria do Planalto (REPLAN).

Em 07 de Março de 1965, foram realizadas as primeiras eleições municipais para prefeito e vereadores. O primeiro prefeito de Paulínia foi o Sr. José Lozano de Araújo e o vice Sr. Luís Vansan.

Com a emancipação, veio o progresso! Em 1968, o então presidente da Petrobrás, general Arthur Duarte Candal Fonseca, confirma a construção de uma refinaria no município de Paulínia. O local para a construção abrangeria uma gleba de 371 alqueires, pertencentes à Fazenda São Francisco, onde se instalou a Rhodia desde 1942.

Em 22 de Maio de 1970, por meio do Decreto-Lei número 1105, o município foi declarado área de interesse da Segurança Nacional, baseado na Lei de Segurança Nacional número 313. De acordo com esse Decreto-Lei, o município não mais poderia eleger os seus prefeitos, sendo estes nomeados pelo Governador do Estado, com anuência do Presidente da República.

Em 12 de Maio de 1972 inaugurou-se a Refinaria do Planalto (REPLAN) em Paulínia, considerada a segunda maior refinaria de Petróleo da América Latina.

A partir desta data outras empresas se instalaram no município fortalecendo assim a sua arrecadação de impostos e os investimentos.

Em 19 de Dezembro de 1984, por meio do Decreto Lei número 2183, descaracterizou o município como área de interesse de Segurança Nacional. Com isso podemos considerar esse ato como sua segunda emancipação, desta vez, política.

Hoje, Paulínia é considerada como uma das cidades de maior arrecadação de impostos, devido às indústrias ali instaladas.

A partir de 20 de Setembro de 1996, recebe da Embratur e do Governo Federal o selo de Município com Potencial Turístico. Seus pontos fortes de turismo são os seguintes

atrativos: Mini Pantanal, a Igreja Matriz, os Jardins, o Parque Ecológico, e a recém-inaugurada Rodoviária Shopping.

PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE PAULÍNIA:

Atualmente – Edson Moura

01/01/2001 a 31/12/2004 – Edson Moura

01/01/1997 a 31/12/2000 – Adélsio Vedovello

01/01/1993 a 31/12/1996 – Edson Moura

01/01/1989 a 31/12/1992 – José Pavan Júnior

01/01/1986 a 31/12/1989 – Benedito Dias de Carvalho

(Prefeito eleito após treze anos de suspensão de eleições diretas)

03/10/1983 a 31/12/1985 – José Pavan

30/09/1983 a 02/10/1983 – Sylvio Rodrigues Viamonte

05/07/1979 a 29/09/1983 – Geraldo José Ballone

08/01/1976 a 04/01/1979 – José Antonio Maranhão

(Primeiro Prefeito nomeado pelo Governador)

01/02/1973 a 07/01/1976 – Reinaldo Kalil

22/03/1969 a 31/01/1973 – Vicente Amatte

21/03/1965 a 21/03/1969 – José Lozano de Araújo

1- DADOS DO MUNICÍPIO

Localização: Pertence a XI Região de Governo do Estado de São Paulo (sede Campinas – SP).

Limites: Norte – Cosmópolis

Sul - Campinas

Leste - Jaguariúna

Oeste - Nova Odessa / Sumaré

Área do Município: 154 Km²

Área Urbana: 98 Km²

Área Rural: 56 Km²

Altitude: 587 m

Clima: Temperado

Latitude: 22° 45' 47''

Longitude: 47° 09' 07''

Temperatura Média: 21,6°C

Rio que corta o município: Atibaia com 18.600m. de extensão

Taxa de Urbanização: 87,72%

Densidade Demográfica: 09,966 hab/Km²

Unidades Imobiliárias: 20.546

Unidades Residenciais: 11.400

Renda Per Capita: R\$ 503,34

Taxa de Alfabetização: 94,40%

2- DISTÂNCIAS QUILOMÉTRICAS: Campinas - 18Km

São Paulo - 118Km

Brasília - 885Km

Dentro de um raio de 200 quilômetros, a partir de Paulínia, situam-se cidades como São Paulo – capital do Estado, Santos, Campinas, Piracicaba, Americana, Limeira, Rio Claro, São Carlos.

Dentro desta área, destaca-se, ainda, o Aeroporto Internacional de Viracopos que possui um dos mais importantes terminais de carga do País. Nessa pequena fatia do Estado de São Paulo, é gerada a parte mais importante do produto nacional bruto do Brasil.

3- TRANSPORTES

Rodovias: A região de Paulínia tem acesso às mais modernas rodovias do Brasil, como a Via Anhanguera e Rodovia dos Bandeirantes cujo acesso dá-se pela Rodovia José Lozano de Araújo na altura do Km 118 da Via Anhanguera, ligação com Campinas e com a Rodovia D. Pedro I, através da SP-332, interligando estas às Rodovias Castelo Branco, Régis Bittencourt, Dutra e Imigrantes.

Ferrovias: O importante entroncamento ferroviário de Campinas propicia a Paulínia acesso a todas as regiões do Estado e do País. Por meio das interligações existentes no sistema de estradas de ferro, é possível ter acesso a países como Bolívia e Argentina.

Hidrovia: Há a hidrovia Tietê-Paraná que, embora em funcionamento parcial, já permite a navegação comercial desde o interior de São Paulo até Guaíra e Foz do Iguaçu no Paraná, fronteira com os países Paraguai e Argentina, transportando um relevante volume de produtos.

Aeroportos e Portos: A região de Paulínia tem ligação internacional realizada pelos aeroportos de Viracopos, Guarulhos e Congonhas, e pelos portos de Santos e São Sebastião.

4- POPULAÇÃO (estimativa)

Zona Urbana: Feminino – 25.346

Masculino – 25.416

Total – 50.762

Zona Rural: Feminino – 292

Masculino – 272

Total – 564

Total: Feminino – 25.632

Masculino – 25.688

Total Geral – 51.326

(Censo IBGE-2000)

5- ECONOMIA

Estabelecimentos: Comerciais – 1338

Industriais – 146

6- ASSISTÊNCIA SOCIAL E CLUBES DE SERVIÇOS

Centro de Ação Comunitária (CACO)

Rotary Club

Lions Club

Sociedade Joana Elizabeth

Casa do Menor “Padre Antônio Caetano Magalhães”

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE)

7- SAÚDE

Hospitais – 02

Centro de Saúde-Escola – 02

Pronto Socorro – 01

Unidades Básicas de Saúde – 03

Centro de Terapia e Reabilitação Integrada Municipal (CETREIM)

Serviço Odontológico (SEROD)

Projeto Lixo Zero

Usina de Reciclagem e Compostagem de Lixo

Incinerador de Lixo Hospitalar, Clínicas, Farmácias e Barbearias.

No município de Paulínia existe um Centro de Saúde preventivo, sendo classificado pelo SEADE/87 na 6ª posição da região de governo.

8- EDUCAÇÃO

Educação Infantil - Creches Municipais – 23

- Atende 1.600 crianças de 4 meses a 3 anos

Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI) – 16

- Atende 3.383 crianças de 4 a 6 anos.

Escolas Profissionalizantes-02

• Centro Municipal de Ensino Profissionalizante “Prof. Osmar Passareli Silveira” (CEMEP)-
900 alunos

- Escola Técnica de Paulínia (ETEP)- 406 alunos

Escola Municipal de Ensino Supletivo Fundamental e Médio – 05

- EMEF “Profª Flora Ap. Toledo Lima” - (Suplência de 1ª a 4ªsérie)- 200 alunos.
- EMEF “Profª Maria Ap. Caputti Beraldo” (Suplência de 1ª a 4ªsérie)- 250 alunos.
- EMEF “Maestro Marcelino Pietroboim” (Suplência de 5ª a 8ªsérie e Ens. Médio)- 700 alunos.
- EMEFM. Supletivo Fundamental e Médio (Centro)- 856 alunos (Suplência 5ª a 8ªsérie e Ens. Médio)- 700 alunos.
- EMEFM “Prefeito José Lozano Araújo”(Suplência de 5ª a 8ªsérie e Ens.Médio)- 405 alunos.

Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) – 10

- EMEF “Prof. Domingos de Araújo”- 317 alunos.
- EMEF ”Prof. Dr. José Dalmo F. B. Mattos” - 950 alunos.
- EMEF “Profª Maria Ap. Caputti Beraldo” - 635 alunos.
- EMEF “Oadil Pietroboim” - 283 alunos.
- EMEF “Sol Nascente” - 373 alunos.
- EMEF “Profª Flora Ap. Toledo Lima” - 846 alunos.
- EMEF “Prefeito José Lozano Araújo” - 753 alunos.
- EMEF “Yolanda Tiziani Pazetti” - 588 alunos.
- EMEF “Maestro Marcelino Pietroboim” - 1043 alunos.
- EMEFM “Monte Alegre” - 970 alunos.

Escolas Estaduais – 05 (atende no total 2836 alunos)

- E.E. “General Porphyrio da Paz”
- E.E. do Núcleo Habitacional “José Paulino Nogueira”
- E.E. “Padre José Narciso Vieira Ehrenberg”
- E.E. “Dr. Francisco da Araújo Mascarenhas”
- E.E. “Prof. Francisco Álvares”

Escolas Particulares – 05

- Colégio Cosmos Paulínia
- Instituto Lúmen Verbi de Educação e Cultura
- Escola Anglo Paulínia
- Colégio Adventista de Paulínia
- Colégio Integral Paulínia

Coligados à Secretaria de Educação:

- Museu Histórico Municipal
- Biblioteca Pública Municipal
- Biblioteca Pública Virtual
- Videoteca
- Corpo de Dança

9- SANEAMENTO BÁSICO

92% da população é abastecida por rede de água potável

73% da população é servida por rede de esgoto.

O saneamento básico feito pela Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo – SABESP, parte desde a captação da água retirada do Rio Jaguarí no município de Paulínia, ao tratamento e a distribuição pública.

CAPÍTULO II

2.1 HISTÓRICO DO PROJETO SOL – PAULÍNIA

O Projeto Sol foi idealizado pelo Prefeito Dr. Benedito Dias de Carvalho em 1986. O “slogan” de sua administração era “Solidariedade, Trabalho e Justiça Social”. O Programa de governo voltado para educação era denominado “SOL”, que visava atender crianças desde o primeiro ano de vida até adultos. A escolha deste nome para o seu programa de governo veio de encontro ao prefixo da palavra “solidariedade, aplicada no sentido moral, que vincula o indivíduo à vida, aos interesses e às responsabilidades de um grupo social, de uma nação ou da própria humanidade, relação de responsabilidade entre pessoas unidas por interesses comuns, de maneira que cada elemento do grupo se sinta na obrigação moral de apoiar o outro. Também a palavra “SOL” simboliza calor humano, afeto e atração para integração, possibilitando novas visões de opções de vida, da beleza e da harmonia, assim como a redescoberta dos valores universais do ser”.*

“O PROGRAMA SOL CONSISTIRIA DOS SEGUINTE PROJETO:

RAIO DE SOL I – que atenderia crianças de 01 a 06 anos de idade (Educação Infantil: Creche e EMEI – considerada a antiga pré- escola);

RAIO DE SOL II – que atenderia crianças de 07 a 13 anos;

RAIO DE SOL III – que atenderia jovens de 14 a 17 anos, seria Curso Profissionalizante, o qual seria continuação do anterior visando uma profissionalização;

RAIO DE SOL IV – que atenderia pessoas na idade adulta, com atividades específicas deste Projeto, mas também com participação em atividades nos demais Projetos (I, II, III)”.

* Este símbolo norteará todo o trabalho para indicar que esse texto foi extraído do projeto original. Foi elaborado pelo Prefeito Dr. Benedito Dias de Carvalho – gestão de 1986 a 1989; Ana Maria C. Magri – Psicóloga da Assessoria da Promoção Social; Izaak Vaidergon – Arquiteto da Divisão de Obras e Serviços Públicos; Maria Aparecida Coli Beghini – Psicóloga da Divisão de Saúde e Meio Ambiente; Maria Luiza Rodrigues Vasconcelos Côrtes – Pedagoga da Divisão de Educação, Cultura e Lazer.

O Programa SOL tinha como objetivo maior, integrar todo o serviço educacional do município, visando a uma filosofia comum, ou seja, uma seqüência nas etapas do desenvolvimento das pessoas. Desta forma, com um Programa estruturado, seria possível conceber uma rede de ensino, em termos práticos.

Os serviços voltados para a educação infantil (creches e EMEIs)¹, nesta época, já funcionavam, e eram custeados pelo município, e que faziam parte do Programa SOL. Outro programa existente em Paulínia desde 1977 tinha como meta atender crianças e adolescentes, subsidiado pela Promoção Social do Estado de São Paulo, conhecido como PLIMEC (Plano de Integração do Menor na Comunidade), existente em dois bairros da cidade: João Aranha e Morumbi. Posteriormente, cria-se o AICA (Atendimento Integral da Criança e do Adolescente), até 1986, também subsidiado pelo Governo do Estado. Tanto o PLIMEC como o AICA, não tinham critérios definidos para os freqüentadores, como, por exemplo, a questão da idade. Qualquer criança poderia participar. Mesmo existindo um livro de matrícula², os mais velhos levavam os irmãos mais novos e ali permaneciam um período do dia, e participavam das atividades propostas pelas monitoras. Algumas destas monitoras eram estudantes do curso de magistério, mas este não designava critério de formação para atuarem. Podemos ressaltar que na transição de AICA/Projeto Sol, duas destas monitoras cursaram o ensino superior e coordenaram dois núcleos.

A estrutura educacional foi um ponto importante para reflexão pois, as crianças com idade inferior a sete anos eram atendidas pelas creches e EMEIs, tanto no período parcial, para mães/responsáveis que não trabalhavam, como no integral, para as que trabalhavam fora do lar. No entanto, uma parcela desses estudantes, com idade entre sete a treze anos, cujo pais/responsáveis trabalhavam, criava-se uma lacuna de tempo ocioso e ficavam mais expostos aos riscos. Foi justamente pensando neste tempo ocioso das crianças e adolescentes, que o Projeto Raio de Sol II foi criado.

¹ Utilizaremos a abreviação EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) referindo-se ao atendimento à crianças de 04 a 06 anos, a antiga pré-escola. Esse termo é assim usado no município de Paulínia.

A questão familiar envolvendo o trabalho do pai, ou seja, do homem da casa e a conseqüente deficiência econômica para o sustento da família, fez com que o trabalho da mulher se tornasse necessário, de maneira a aumentar o orçamento do lar. Como substrato dessa realidade, vê-se uma forma de independência, pois, em muitos lares, a responsabilidade pelo sustento era somente da mulher.

No contexto acima, de uma necessidade, gerou um benefício para a população, o Projeto Sol foi um ganho para a comunidade.

Com a pretensão de um único programa no sistema de ensino na Prefeitura de Paulínia, alguns órgãos, tanto nas esferas municipal e estadual, participaram desta discussão, a saber:

- Centro de Ação Comunitária de Paulínia (CACO)
- Assessoria de Promoção Social da Prefeitura
- Divisão de Educação, Cultura e Lazer (DECLA)
- Divisão de Saúde e Meio Ambiente (DISMA)
- Divisão de Obras e Serviços Públicos (DOSP)
- Secretaria de Promoção Social de Estado
- Secretaria de Educação do Estado

Foi implantado o Projeto Raio de Sol II, subsidiado pelo município, em parceria com a Secretaria da Criança do Estado de São Paulo, chamado “Recriança”. O Projeto Raio de Sol II era de responsabilidade da Assessoria de Promoção Social de Paulínia.

Para fomentar este programa, uma equipe transdisciplinar³ de apoio foi constituída nas diversas áreas como psicologia, serviço social, pedagogia, arquitetura e medicina.

² Pelo livro de matrícula registrou-se a transição dos freqüentadores do AICA para o Projeto Sol. Documento de grande importância para esta pesquisa tanto para localizar as pessoas, como para verificar o seu tempo de permanência e o motivo do seu desligamento no Projeto Sol.

³ Segundo Jurjo Torres Santomé (1998, p. 74) entende-se por Transdisciplinariedade, “conceito que aceita a prioridade de uma transcendência, de uma modalidade de relação entre as disciplinas que as supere. É o nível superior da interdisciplinariedade, de coordenação, onde desaparecem os limites entre as diversas disciplinas e se constitui um sistema total que ultrapassa o plano das relações e interações entre tais disciplinas. A cooperação é tal que já podemos falar do aparecimento de uma nova macrodisciplina. Aqui a integração ocorre dentro de um sistema onicompreensivo, na perseguição de objetivos comuns e de um ideal de unificação epistemológico e cultural”.

* Este símbolo norteará todo o trabalho para indicar que esse texto foi extraído do projeto original, vide página 12.

É importante salientar que o Poder Executivo estava na mão de um profissional da saúde (médico), que visava ao desenvolvimento da saúde pública, além de suas funções administrativas como prefeito. E com sua essa visão holística do indivíduo e das reais necessidades do município em atender uma parcela da população de crianças entre sete e treze anos, com um tempo ocioso do dia, onde necessitavam de segurança, e principalmente ‘ser’, que idealizou o Raio de Sol II.

Portanto esta equipe que envolvia uma visão ampliada nas diversas áreas era chamada de “Entidades Executoras” do Projeto Raio de Sol II, eram constituídas pelos órgãos: CACO, DECLA, DISMA, DOSP.

Nos objetivos abaixo relacionados, pode-se notar forte influência das Ciências Humanas, Sociais, Biológicas, Exatas inseridas neste contexto do Projeto original.

“OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO RAI0 DE SOL II:

- Dar oportunidades para o desenvolvimento pessoal, favorecendo o aprimoramento das potencialidades da criança, preparando-a para o exercício pleno da cidadania, que compreende a aquisição da cultura, do saber, a formação intelectual, a participação social e a iniciação ao trabalho.
- Propiciar a participação dos pais e demais moradores do bairro, para a discussão dos seus próprios problemas, auxiliando-os a alcançar a resolução dos mesmos”.*

“OBJETIVOS ESPECÍFICOS DO PROJETO RAI0 DE SOL II:

- Dar condições para que a criança se sinta amada.
- Dar a ela condições de num período do dia ter liberdade de participar de atividades próprias de sua idade (correr, pular, competir, criar).
- Dar oportunidade para o desenvolvimento de valores tais como: respeito, cooperação, solidariedade, responsabilidade, religiosidade (acreditar mais na própria possibilidade de vida), ordem, limpeza no trabalho.
- Desenvolver o interesse na produtividade e qualidade do trabalho.
- Favorecer o desenvolvimento das capacidades de cada um.

- Estimular a criança a expressar adequadamente seus sentimentos, dúvidas, medos, inseguranças, dificuldades e raivas.
- Estimular as possibilidades de participação e da família na programação e nos benefícios prestados pelos recursos da comunidade.
- Oferecer condições para a melhoria do estado nutricional e de saúde da criança”.*

Uma grande preocupação para esta etapa era a de pensar no espaço que realmente fosse de encontro aos objetivos do programa e que favorecesse a questão filosófica de um novo modelo de educação, sem a rigidez da escola formal. Procurava-se um meio que propiciasse a participação ativa de todos, no processo ensino-aprendizagem, criando possibilidades das diversas manifestações culturais, artísticas, corporais, intelectuais etc.

Foi assim que o arquiteto Izaak Vaidergon integrou-se nesta equipe que pensava uma nova proposta de educação no município. Um espaço físico que pudesse abranger o maior número de crianças e adolescentes. A escolha da localização foi feita levando-se em conta a maior concentração de estudantes, que na época eram de escolas estaduais, em quatro bairros da periferia da cidade, quais eram: João Aranha, Monte Alegre, Morumbi e Morro Alto.

Algumas metas foram estabelecidas para possibilitar o desenvolvimento da ação, pensando na área de vivência das crianças e jovens. Sendo os bairros João Aranha e Morumbi contemplados desde 1977, pelo atendimento do PLIMEC, e depois substituído pelo AICA, estes estariam, em curto prazo, em funcionamento, segundo as metas estabelecidas no Projeto original. A proposta para cada núcleo era:

- “ - Atender diariamente até 120 crianças por período, dando um total diário de 240 crianças.
- Atender cada criança no período contrário ao de sua ida à escola de educação formal.
- Atender crianças de 7 a 13 anos separadas em seis grupos, proporcionando atividades sócio-educativas e de apoio escolar, sendo cada grupo composto de vinte crianças.
- Fornecer diariamente duas refeições para as crianças participantes do Projeto.
- Proporcionar atividades de iniciação ao trabalho.
- Proporcionar aos menores atividades em grupo, favoráveis à manifestação de valores de vida cotidiana.
- Promover atividades recreativas que envolvem a comunidade, aproximando-os do trabalho desenvolvidos nos núcleos.

- Oferecer oportunidades para reflexão conjunta com pais e demais moradores do bairro, possibilitando um conhecimento mais claro de si mesmo, propiciando uma melhoria do relacionamento entre todos.
- Abrir espaço para que a comunidade discuta sobre o trabalho desenvolvido, avaliando o mesmo e sugerindo o que falta para atender as necessidades do próprio bairro”.*

Ainda de acordo com a proposta original do Projeto, a médio e longo prazo, pretendia-se:

- “- Ampliar o número de núcleos de atendimento a outros bairros periféricos.
- Iniciar o atendimento a cada bairro a partir da solicitação da própria comunidade”.*

Uma arquitetura moderna, em forma de Sol, caracterizou os prédios, chamados de núcleos. Constituído por três blocos na formação da estrela solar sendo: uma parte administrativa formada por três salas e dois banheiros; uma área com refeitório, cozinha, despensas, lavanderia, banheiro; cinco salas amplas para atividades, podendo ser ateliês, sala para dança, que simbolizavam os raios de sol, e mais dois banheiros. Uma área livre, tendo como parte central uma arena, para apresentações de dança, teatro, reuniões, enfim, um espaço que previamente pela Equipe de Apoio se saberia como utiliza-lo, mas no dia-a-dia as crianças e jovens criaram novas formas, como brincadeiras utilizando tanto a área interna, como também os degraus, etc. Esta disposição circular favoreceria a relação com o outro, pois na área interna destes núcleos, era possível visualizar, interagir, de maneira direta ou indireta. Uma área de construção com 725,49 m² para todos os núcleos, a variação estava em relação ao terreno. No João Aranha, terreno de 8.916 m², no Monte Alegre de 11.376 m², Morro Alto com 4.305 m² e no Morumbi com 7.500 m².

Durante toda a construção dos núcleos, a aproximação com a comunidade local foi estimulada pela própria proposta educacional que se pretendia construir. Ouvir da própria comunidade o que seria aquela obra, diferente, ousada para os padrões da época, contribuíram para um primeiro contato. Na visão desta população seria uma igreja, um castelo, nada que realmente se aproximasse pelo menos de escola. Muitas reportagens com a equipe de apoio foram registradas e divulgadas pela mídia local. Alguns destes registros, como pelo Jornal “Integração Dito e Feito”, de Dezembro de 1986, intitulando: “Projeto Sol: Nova Filosofia na Educação”, declara a fase de transição do então conhecido AICA, para Projeto Raio de Sol II, e deu ênfase numa proposta sem formalismo. E ainda no “Jornal de Paulínia” em 27 de Dezembro de 1986, o

Prefeito Dr. Benedito Dias de Carvalho esclarece sobre a simbologia do nome SOL traduzido por “energia, expansão e vida”. E também a preocupação de educação período integral à criança e jovem desta faixa de idade, onde esclarece ser um dos pontos mais importantes deste Projeto, como investimento pioneiro, e completa sobre os benefícios diários para esta clientela, dizendo:

(...)recebe o café da manhã, freqüenta as aulas, pratica educação física, vai ao almoço, recreio, tem auxílio psico-pedagógico e um constante exame para checar suas condições – porventura existentes – de deficiências. Arte, dança e teatro entram nessa magnífica escolaridade, até mesmo facultando a criança de opção para o encaminhamento vocacional futuro.

Nota-se nos termos utilizados acima na reportagem, como o pioneirismo da proposta está enraizado pela escola formal, até mesmo subjetivamente, os conteúdos e a busca da deficiência, justificada no formalismo educacional pelo aluno malgrado.

Neste contexto, o Programa SOL, conseqüentemente, o Projeto Raio de Sol II, está regimentado teoricamente, mesmo partindo da referência da instituição escolar formal, para uma ampliação e, por que não dizer, preocupação em extrapolar os limites do modelo já existente.

E ainda nesta mesma reportagem, esclarece o modelo de educação sem formalismo dizendo:

(...) o Projeto tem uma viabilidade pedagógica moderna e prática, sem imposições curriculares rígidas, como aquelas que não se encontram com o realismo da vida nem da comunidade. É o que desanima a criança, diz, jogando-a à um estado de apatia e desinteresse. A filosofia informal desse aprendizado é a que tem validade, segundo um conceito básico dos grandes mestres,” (...) “procura-se, assim, compreender a criança, através de um critério que exercita o diálogo e a descontração. O Projeto tem tudo para vigorar, já que foi concebido dentro de padrões revolucionários.

Portanto, surgia a intenção de uma forma diferente de educação, que realmente centrasse a atenção em significados e conhecimentos da clientela, partindo do que já se conhecia, que era o modelo da instituição formal. Tendo como referência à escola, mas que não fosse reprodutora, e sim construtora de conhecimentos, numa proposta inclusiva independentemente de gênero, etnia, classe social.

Conhecer cada um e o grupo, entender as necessidades da comunidade local, criar momentos de discussões com os freqüentadores para que a prática fosse repensada constantemente, com envolvimento participativo. Que propiciasse uma ampliação no repertório de conhecimentos e oportunidades para todos.

No Projeto proposto originariamente, era detalhado com as seguintes descrições:

“Pelo que temos lido e observado, parece que nem sempre o conteúdo definido pela escola é o necessário para a vida prática de seus alunos”.

Nesse processo de apresentar um conteúdo que provavelmente será esquecido pela maioria das crianças, deixa de oferecer oportunidade para a reflexão, a conscientização e o aprendizado de atitudes efetivas que tornem cada criança livre para crescer interiormente e assim expressar sua grandeza na relação com o outro e o mundo.

Com o Projeto Raio de Sol II pretendemos realizar um trabalho conjunto que propicie a formação e não só a informação da criança, tendo um conteúdo mais amplo, que se apoia nas inter-relações sociais, profissionais e afetivas.

Esses aspectos são importantes na medida em que proporcionam às crianças instrumentos e possibilidades de participarem mais ativamente na vida comunitária tornando-se capazes de pensar e de fazer, de criar, criticar e atuar em seu processo educativo.

O atendimento será diário e sempre no período contrário ao que a criança freqüentar a escola, com capacidade para cento e vinte crianças por período.

Para que a criança participe do Projeto a mãe deverá fazer a inscrição da mesma, respondendo a um questionário onde constarão os dados da criança, informações sobre sua família e sua saúde.

Haverá horário de entrada e de saída para cada período, que será de quatro horas.

A criança receberá duas refeições diárias, fornecidas pela Prefeitura Municipal, que constarão de: café da manhã e almoço para o primeiro período e almoço e lanche da tarde para o segundo período.

As crianças serão recebidas pelos monitores que deverão ser, antes de tudo, amigos que acolhem com carinho e ouvem com atenção os fatos que as mesmas trazem a cada dia.

As crianças serão atendidas em três áreas: Educação Física e Esportes, Educação Artística e Educação Geral, em grupos de vinte e em sistema de rodízio, passando pelas três áreas em cada dia.

O Monitor de Educação Física e Esportes trabalhará visando à recreação, à iniciativa esportiva, procurando atingir o desenvolvimento global da criança.

O Monitor de Educação Artística atuará em atividades tais como: pintura, teatro, dança, trabalhos artesanais, etc.

O Monitor de Educação Geral além de acompanhar a execução das tarefas escolares, deverá propiciar discussões, reflexões, críticas e sugestões, sobre assuntos atuais de interesse da criança e relacionados à vida de sua comunidade.

Dentro de cada área trabalhada, as atividades serão programadas a partir da análise de sugestões das próprias crianças.

A Equipe de Apoio, Coordenador e Monitores reunir-se-ão uma vez por semana para avaliação, planejamento de atividades, leitura e discussão de temas referentes à realidade trabalhada.

Mensalmente serão realizadas reuniões com pais e outros moradores do bairro, nas quais as atividades desenvolvidas com a criança e o desempenho das mesmas serão relatadas.

Quando necessário ou solicitado, poderão ser discutidos temas de interesses da comunidade”.*

No projeto original, os designados por monitores, eram os professores com formação universitária.

Em julho de 1987, publica-se o edital para o processo seletivo para as seguintes áreas: Educação Artística, Educação Física e Pedagogia. A exigência desde a concepção do Projeto era envolver essas áreas do conhecimento, pelos conteúdos em relação à arte, esporte, recreação, pesquisas, auxílio nas dificuldades pedagógicas, necessitando assim de profissionais com nível universitário, e a disponibilidade de trabalho em período integral, ou seja, dedicação plena. O processo seletivo se deu em duas etapas: uma prova escrita, e após aprovação nesta, uma entrevista oral para classificação. Cada núcleo consistiria de dois professores de cada área citada, para atender o previsto de cento e vinte de crianças e jovens por período.

Portanto, além do número de professores e das áreas supra citadas, um coordenador para cada núcleo.

E assim em outubro de 1987, o primeiro grupo de professores foi contratado com uma carga horária de quarenta horas semanais. Mas, neste momento, foi contratado um professor de cada área para dois núcleos, Monte Alegre e Morumbi. Esse grupo recém chegado de profissionais passou por um processo de trabalho, e reflexões sobre cada área, suas contribuições no desenvolvimento da criança, seus objetivos, enfim, coordenado pela Equipe de Apoio, para que pudessem incorporar a proposta. Compreender o que se pretendia, bem com construí-la, pois até o momento esta era puramente teórica.

Aos Monitores (professores), atribuía-se as seguintes responsabilidades:

- “Colaborar com o Coordenador na estimulação do relacionamento amigável dos funcionários entre si e com as crianças.
- Estar atento para perceber problemas gerais, levando-os ao conhecimento do Coordenador.
- Atender as convocações feitas pelo Coordenador do núcleo e/ou Equipe de Apoio.
- Participar da avaliação e seleção das sugestões de atividades feitas pelas crianças, juntamente com o Coordenador e Equipe de Apoio em reuniões semanais.
- Auxiliar na organização do cronograma das atividades comemorativas do ano.
- Efetuar o controle da frequência diária das crianças.
- Solicitar ao Coordenador os materiais necessários para o desenvolvimento de suas atividades.
- Informar ao Coordenador sobre reparos que precisam ser feitos.
- Colaborar para manter a documentação do núcleo atualizada.
- Auxiliar o Coordenador no processo de matrícula participando de entrevista com os pais.
- Receber com carinho e atenção a cada criança que chega.
- Acompanhar as crianças em todas as atividades especialmente na hora do lanche e do almoço.
- Manter, durante todo o dia, um relacionamento alegre e amoroso com as crianças.
- Trabalhar sempre de acordo com as necessidades e realidade de cada criança.
- Propiciar situações que estimulem o relacionamento amigo, solidário e cooperativo entre as crianças.
- Elaborar o planejamento diário, definindo os objetivos e conteúdos a serem trabalhados nas atividades sugeridas pelas crianças, em sua área.
- Fazer registros diários sobre as crianças e o trabalho desenvolvido, para redação de relatório mensal, que chegará à Equipe de Apoio, após ser avaliado pelo Coordenador.
- Na ausência do Coordenador, zelar pelo cumprimento do horário, não permitir a saída de criança sem autorização dos pais ou responsável, e receber autoridades, pais ou visitantes”.*

Portanto, esses profissionais recém-contratados, participavam de dois momentos pertinentes à sua atuação: vivenciavam a prática, tanto com os frequentadores do até então conhecido AICA que passariam para o Projeto Raio de Sol II, como também com a comunidade local. Os professores se apresentavam a esta comunidade, especificavam sobre sua formação profissional e algumas propostas de trabalho, mas também ouviam seus anseios em relação a tarefa escolar trazida da escola, alimentação, enfim, preocupações pertinentes à um

período integral. Essas reuniões aconteciam sempre aos sábados e/ou no período da noite para que abarcasse o maior número de pessoas.

Diferentemente do antigo AICA, alguns critérios fundamentais para frequentar o Projeto foram estabelecidos, como estar matriculado na escola formal ou regular, nesta ocasião de responsabilidade do Estado. Portanto, a idade a ser exigida dos sete aos treze anos (o primeiro grau, atualmente, ensino fundamental). Este critério em frequentar a escola formal, tinha dois propósitos:

- Um para que não houvesse evasão escolar, pois, o Projeto Raio de Sol II não tinha intenção de forma alguma, substituir o lugar da escola formal, mas, ser complemento da educação;
- E o outro, pela necessidade da certificação no nosso país.

Nesta época a inclusão social já estava inserida na proposta educacional do município, parte pelos objetivos do Programa SOL, e por receber crianças e adolescentes da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), e do Centro de Terapia e Reabilitação Integrada Municipal (CETREIM), que frequentavam o período contrário do atendimento especializado.

No período contrário da escola formal, da APAE, ou do CETREIM, ou seja, no tempo livre que teriam, expostos aos perigos da rua, sem os pais/responsáveis por perto, pela necessidade do trabalho, conforme citado, essas crianças e adolescentes participariam do Projeto Raio de Sol II.

Nesta ocasião convém esclarecer sobre o CETREIM, constituído por uma equipe interdisciplinar⁴ sob a responsabilidade da Divisão de Saúde e Meio Ambiente (DISMA), atendia crianças e jovens desde meses até a adolescência, que frequentassem alguma instituição de ensino ou não. Pela interdisciplinariedade, abrangia diversas áreas como fonoaudiologia, fisioterapia, psicopedagogia, pedagogia, terapia ocupacional, psiquiatria, serviço social, educação física adaptada, enfim. Tanto a APAE como o CETREIM, também encaminhavam crianças e jovens para o Projeto Raio de Sol II, estabelecendo-se assim uma parceria institucional, visando a inclusão social e participativa das crianças. Toda orientação sobre as dificuldades destas crianças

⁴ Por interdisciplinariedade entende-se segundo Jurjo Torres Santomé (1998, p.73), “que reúne estudos complementares de diversos especialistas em um contexto de estudo de âmbito mais coletivo. A interdisciplinariedade implica em uma vontade e compromisso de elaborar um contexto mais geral, no qual cada uma das disciplinas em contato são por sua vez modificadas e passam a depender claramente umas das outras” (...).

e jovens eram subordinadas pela Equipe de Apoio, principalmente por uma das psicólogas desta Equipe que era também diretora do CETREIM, Maria Aparecida Beghini.

Para freqüentar o Projeto Raio de Sol II era necessário efetuar uma matrícula feita pelo responsável legal, com os seguintes documentos das crianças: certidão de nascimento, comprovante de endereço, cartão do posto de saúde com a vacinação em dia, escola ou instituição que freqüentava, e uma entrevista sobre a vida da criança/adolescente. O objetivo de obter um pequeno histórico antes de começarem a freqüentar facilitaria o primeiro contato, adaptação, enfim, um conhecimento prévio de acordo com o relato dos responsáveis. A princípio a matrícula e entrevista era de responsabilidade da coordenadora do núcleo, auxiliada pelos monitores (professores), mas na prática o fator tempo, não permitia esse auxílio. Mesmo assim, a coordenadora do núcleo assumia a entrevista e, depois a socializava com todos os professores caso a caso.

Importante ressaltar neste momento, que a prática que estava sendo construída, fundamentava-se nos princípios pedagógicos, pois os profissionais recém-contratados eram ligados à área educacional. No caso do Morumbi, a coordenadora do núcleo, ou seja, um cargo de direção, cuja formação era no Serviço Social. O seu enfoque em atender a comunidade, suas necessidades, encaminhamentos, visava melhor atendimento à criança e adolescente num âmbito maior, relacionado com os objetivos do Projeto. A responsável pelo núcleo respondia, tanto pela parte administrativa como pedagógica, coordenava os trabalhos a fim de alicerçar uma equipe integrada. Era também o elo de ligação com a Equipe de Apoio, a escola formal, e demais instituições como APAE e CETREIM. Quanto ao núcleo do bairro Monte Alegre, a coordenadora que na época concluíra o curso de Serviço Social, porém, atuava como monitora do antigo AICA, e a coordenadora do núcleo do bairro João Aranha, era professora de Educação Artística e atuava como monitora do AICA e também professora responsável pelo núcleo.

Para dirigir cada núcleo, não seria necessariamente um pedagogo especialista em administração escolar, mas profissionais dinâmicos, participativos, que pudessem coordenar o trabalho do Projeto SOL II e atender à comunidade local, integrando-a nesta nova filosofia de educação. Uma exigência era ter nível universitário e algumas características como: “liderança, flexibilidade, organização, altruísmo, comunicabilidade, dinamismo, religiosidade, capacidade de análise, de prognóstico e de planejamento”.*

A jornada diária destes frequentadores era preenchida com a escola e o Projeto SOL II. Portanto, estabelece-se uma rotina que não ignorava a tarefa para casa enviada pela escola formal. Pelo contrário, criava-se um espaço adequado para que fossem concluídas, com orientação dos professores caso necessitassem. Desta forma, contemplava também a ansiedade dos pais/responsáveis sobre esta questão.

Em 28 de Novembro de 1987, no jornal local intitulado “Paulínia HOJE”, divulga a seguinte manchete: “Está nascendo um novo sol em Paulínia”. Nesta reportagem há uma visão panorâmica com o que se pretendia, como algumas falas da comunidade em relação à construção, e muitos achavam que era igreja, castelo, e assim pouco a pouco este envolvimento foi se concretizando. A psicóloga e diretora do CETREIM, Maria Aparecida Beghini cita em relação à progressão:

“Aqui ninguém é reprovado mas todos devem sair SABENDO. Esta é a grande responsabilidade e obrigação do orientador”.

Como proposta educacional de que todos envolvidos no processo seriam responsáveis, desde os professores, como zelador, cozinheiras, serventes, pois a relação social entre todos, o respeito pelas funções, o que competia a cada integrante da equipe, envolveria aprendizagem. E continua a psicóloga:

“As crianças que apresentavam problemas nas escolas eram discriminadas e tratadas como seres enfermos ou inferiores. No Sol elas têm um tratamento dirigido à sua problemática particular permitindo no contato com outras crianças sua integração na sociedade”.

Ainda nesta reportagem, o arquiteto esclarece a constante preocupação com o espaço físico e todas as possibilidades em explorar este espaço, dizendo:

“antes os edificios educacionais pareciam prisões ou quartéis. As crianças ficavam confinadas, presas a uma disciplina militar, sem preparo ou formação psico-pedagógica. O Sol tem cara de Sol, ou seja, um lugar que irradia energia, luz, calor, amor e compreensão”.

Os aspectos afetivos, sociais, priorizavam o pensar na construção de uma nova prática pedagógica, não no sentido de justificar, mas de compreender cada um, e o grupo da comunidade local. Vivendo numa época onde o pai ou o homem não era mais o único responsável pelo sustento da família e a mulher necessitava trabalhar para complementar o orçamento da casa, sendo que em muitas situações era da mulher a única fonte de renda, conforme citado, conseqüentemente as crianças poucas oportunidades teriam em ampliar seus

universos cultural e intelectual. E nessa problemática social evidente, no período contrário à escola, estariam expostos aos riscos de uma sociedade desigual e exploradora de mão de obra barata. No término desta reportagem o arquiteto deixa clara a preocupação com a oportunidade para todos, principalmente para os menos privilegiados.

O trabalho do Projeto era integrar todos os serviços locais, como escola, postos de saúde, pois a sua clientela era a mesma.

O primeiro núcleo inaugurado oficialmente foi o Monte Alegre em 28 de Fevereiro de 1988, e o segundo o Morumbi em 11 de Setembro de 1988. Foi um grande acontecimento e esperado por todos, a inauguração do núcleo Morumbi local do estudo da referida pesquisa.

As festividades aconteceram com diversas atividades de teatro, dança, apresentadas pelos freqüentadores (crianças e adolescentes). Tanto as expressões cênicas, corporais, orais, plásticas, foram orientadas pelos professores de educação física, educação artística e pedagogia, bem como os demais envolvidos. As fantasias foram confeccionadas na oficina de educação artística, pelos participantes. Um fato curioso e interessante a ser registrado no presente estudo foi quanto ao teatro apresentado na inauguração. A sugestão partiu da mãe de uma criança que relatou aos profissionais ter representado esta peça de teatro quando pequena, e guardava esta fábula como boa recordação. Sendo assim, escreveu a peça da “Formiguinha e a Neve” e apresentou a todos. Essa sugestão foi aceita e o sucesso foi garantido. Talvez este fato marque um primeiro início da participação da comunidade no processo de aprendizagem. Foi uma festa aberta para a comunidade local, e autoridades do município. Escolhe-se uma música como Hino do SOL: “Somos o Sol” do grupo infantil da época “Trem da Alegria”.

E o terceiro a ser inaugurado foi o núcleo do bairro João Aranha em Março de 1990, mas funcionou todo o tempo com a então proposta do SOL, no prédio do antigo AICA, mudando-se para a nova construção, antes mesmo da inauguração oficial, ainda no governo do Dr. Benedito Dias de Carvalho. O último núcleo a ser inaugurado foi o Morro Alto, num bairro com terrenos doados pela Prefeitura onde as casas foram construídas num sistema de mutirão pelos beneficiários nos lotes. A escola de educação infantil estava sendo construída neste bairro e a demanda era em atender esta faixa etária (de quatro a seis anos), assim o núcleo Morro Alto foi emprestado para o atendimento desta clientela. Inaugurado como Projeto Sol em 01 de Janeiro de 1993.

Em 1990, com a mudança de governo, onde vence a oposição, o Projeto Raio de Sol II, passa a ser chamado de Projeto Sol e de responsabilidade da Divisão de Educação, Cultura e Lazer (DECLA). Nesta ocasião, sob a responsabilidade integral do município, sem nenhum tipo de parceria financeira, onde o seu caráter educacional é reforçado. A equipe de apoio deixa de ser suporte para os profissionais do Projeto Raio de Sol II.

Com os três primeiros núcleos bem estruturados, e repensando novas possibilidades para aprimorar o trabalho, utilizado como sinônimo o termo “oficinas”, amplia-se o quadro de profissionais incorporando o professor de nível técnico de magistério, justificado pela “polivalência” do curso, e ainda monitores de música, marcenaria e trabalhos manuais. A rotina era estipulada pela equipe de professores e coordenadora de cada núcleo, visando à criação de possibilidades que contemplassem os interesses dos frequentadores. Muitas divulgações continuavam sendo feitas pela mídia local e imprensa das cidades vizinhas, exposições dos trabalhos na Câmara Municipal de Paulínia, em Instituições Financeiras da cidade. Enfim, um incentivo a uma proposta que ainda estava em fase de construção dentro da educação, além do aprimoramento no trabalho com a comunidade local.

Em 1991, o Projeto Sol passa a ser denominado de “Centro Educacional”, tendo uma Supervisora que coordenasse os três núcleos em atividade até então. E o DECLA passa a ser Secretaria de Educação, Cultura e Esporte (SECE). Mas essa mudança na nomenclatura do Projeto Sol ficou restrita aos documentos burocráticos, pois, o Sol havia enraizado no vocabulário da comunidade, dos frequentadores e até profissionais. Portanto, “Centro Educacional” talvez na tentativa de parecer uma nova proposta, o que não aconteceu, mas sem dúvida, muitas contribuições e reestruturações foram valiosas no fortalecimento deste trabalho. Nessa ocasião os professores antigos, poderiam optar pela diminuição da carga horária, e para os recém-contratados, a exigência era vinte horas semanais. Inaugura-se no bairro Morro Alto a escola municipal de educação infantil (EMEI “Prefeito José Pavan”), em final de 1992.

Em 1993, mais uma mudança de governo, novamente a oposição no poder. E os “Centros Educacionais” (denominados burocraticamente), retornam à origem Projeto Sol. Em janeiro de 1993, inaugura-se o Projeto Sol Morro Alto. A SECE torna-se Secretaria de Educação e Cultura (SEC) e verifica-se a necessidade de uma orientadora pedagógica para então quatro núcleos de Projeto Sol. Assim é feito através de um concurso de acesso. A orientação pedagógica tinha como objetivo criar a unidade dos quatro núcleos, enquanto nova proposta de educação no

município, sem descaracterizar cada realidade, mas uni-los pelos objetivos. Assim, através de reuniões que ocorriam: com todo grupo de professores de cada núcleo, com o grupo de professores do período (manhã e tarde) de cada núcleo, e com o grupo geral de professores de todos os núcleos, essa unidade foi se construindo. Obviamente sem perder a origem da proposta inicial, todos os funcionários envolvidos, independentes da função, participavam em determinados momentos das reuniões, em todas as atividades festivas, recreativas, esportivas, culturais, enfim, conforme a programação de cada núcleo, e em momentos de todos os núcleos. Também, nesta ocasião, algumas modificações ocorreram na direção dos núcleos João Aranha e Monte Alegre, onde, sob nova direção, oriunda do concurso de acesso supra citado, e no Morro Alto, pela experiência, da então diretora do João Aranha transfere-se para o novo núcleo. Com toda modificação até o momento, também passa a ser exigência que a Direção de cada núcleo tivesse concluído o curso de Pedagogia, com Administração Escolar, como pré-requisito para desenvolver a função administrativa.

Ainda em 1993, cria-se a Secretaria da Criança e do Adolescente (SECA), com o objetivo de atender esta faixa etária em questão, em situações de riscos, ou, propriamente em riscos, bem como, orientações às famílias. Mais uma parceria estabelecida, pois, qualquer anormalidade, suspeita de violência doméstica, a SECA era acionada para trabalhar em parceria criando uma rede de proteção às crianças e jovens.

Em setembro de 1994, publica-se na Revista Nova Escola ano IX – n.78 uma reportagem sobre esta concepção de educação na cidade de Paulínia, o Projeto Sol, com a seguinte manchete: “Um ninho para a criançada quando a mãe trabalha fora” (p.26). E em entrevista também com o arquiteto que concebeu a estrutura SOL, anos depois explica que partiu de duas palavras que denominavam a proposta informal;

projeto e sol. A palavra *projeto* acabou incorporada ao nome porque a educação informal não tem respostas definitivas. É um conjunto de indagações, exigindo uma reflexão permanente. Por esse motivo, os prédios devem ter uma capacidade de adaptação constante. (...) O sol é a energia de que precisamos para concretizar projetos, realizar atividades(...).

Em 17 de Abril de 1997, o Projeto de Lei nº. 050 aprova a municipalização do ensino de primeira a quarta série do ensino fundamental e de educação especial. Neste mesmo ano, mais uma mudança de governo, apoiado pelo anterior. Em 1998, contratou-se mais uma

orientadora pedagógica, portanto, uma para cada dois núcleos, com os mesmos objetivos anteriores.

Mais uma eleição para Prefeito e Vereadores em outubro de 2000. Em janeiro de 2001 fecharam-se os quatro núcleos de Projeto Sol. Sob a justificativa de excesso na demanda da educação infantil, muitas crianças de quatro a seis anos permaneciam fora da escola. Portanto, os espaços foram adaptados para esta faixa etária. E uma outra justificativa era a proposta do período integral para os estudantes de primeira a quarta série do ensino fundamental. O “Programa de Atendimento Integral” (PAI), ficou restrito aos documentos burocráticos. A SEC passa a ser denominada Secretaria de Educação (SE) neste governo.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DA ROTINA

O Projeto Sol construiu-se no seu dia-a-dia, primeiramente na teoria, onde uma equipe o concebia como uma nova forma de adquirir conhecimentos que realmente acrescentassem informações para a vida dessas crianças e jovens. Em seguida, toda proposta escrita se transformaria em prática. Nesta fase de transposição teoria e prática, os entraves foram notórios para o repensar e estruturar uma rotina coerente para atingir os objetivos desta nova proposta educacional no município.

Como o atendimento era para preencher o tempo livre do período contrário ao da escola formal, e outras instituições, a rotina de cada núcleo foi estruturada conforme a necessidade da sua clientela. Sendo assim, o tempo diário de permanência, o horário de atendimento, a própria dinâmica das atividades, variavam de núcleo para núcleo. Pois, cada qual com as suas particularidades, equipe de profissionais (re) pensando o trabalho, enfim, as diferenças se constituíam em benefícios para melhor atender a comunidade.

Algumas diferenças para estipular o horário de atendimento eram, por exemplo:

- crianças e jovens que dependiam de transporte público para chegar à escola, conseqüentemente ao núcleo, e retornar à casa no final do período;
- no intervalo entre uma instituição e outra não ter com quem ficar e nem onde ficar;
- o horário de funcionamento da escola formal.

Estas foram algumas situações que mereceram atenção, pois, a proposta do Projeto Sol era justamente minimizar os riscos das crianças e jovens, oferecendo atividades estimulantes nesses ‘vazios’ do seu dia.

Respeitando as considerações acima, as crianças iniciavam as atividades do período da manhã às 7:00, outros às 7:30 e encerravam às 11:30, 12:00 ou 12:30 horas. No período da tarde iniciava-se às 12:00, 12:30 ou 13:00 horas, encerrando-se às 17:00 ou 17:30 horas.

Percebe-se, portanto, um cruzamento de horário entre um período e outro, e nesta situação a presença constante de um ou mais adulto responsável pelo atendimento, recepcionando estas crianças e jovens neste trânsito entre uma instituição e outra.

Conforme o projeto original, o tempo de permanência era de quatro horas, mas, na prática, nos deparamos com situações que exigiam um repensar nessa estrutura. De acordo com as necessidades citadas acima havia crianças e jovens que permaneciam no núcleo cinco até cinco horas e meia a fim de melhor atendê-los.

Convém ressaltar que era o Projeto Sol que se adaptava às necessidades de sua clientela, e não o contrário, justamente para não perder de vista os seus objetivos gerais e específicos.

Para todos os núcleos, duas refeições diárias por período eram servidas. No período da manhã, o desjejum e o almoço. E no período da tarde diferentemente da proposta original, optou-se por uma merenda reforçada na entrada e o jantar. Essa opção foi pensada justamente para garantir uma boa refeição no final do período, que para muitos seria a última do dia. Essa pontuação é importante para percebermos que muitas vezes mesmo com as melhores das intenções, não atendia às reais necessidades das pessoas que eram atendidas.

Com o passar do tempo, as crianças e jovens que freqüentavam o período da tarde, reclamavam de fome no curso desse período, pois vinham da escola formal ou outra instituição, sem a referida refeição. Recebemos solicitações de pais e/ou responsáveis em relação ao servir o almoço, realmente no horário de almoço e, assim, foi feita uma mudança no quadro de funcionários operacionais, serventes, cozinheiras, a primeira refeição do período da tarde passou a ser o almoço, e no final do período uma merenda reforçada.

Outro ponto desta consideração foi a permissão de um espaço para que as crianças e jovens, bem como suas famílias, fossem ouvidos com relação aos seus desconfortos e críticas, de forma a nos adaptarmos.

A atenção com o bem estar, de uma maneira geral, relativamente às crianças e jovens que permaneciam no núcleo, para seguirem direto para a escola, refletia, por exemplo, no verão, pois devido às atividades físicas (correr e brincar) e às atividades artísticas, algumas se sentiam mal pelo suor causado por essas atividades. Passaram a trazer trocas de roupas para que tomassem banho no núcleo antes de irem para a escola convencional.

O cuidado com a saúde bucal também era considerado como parte do bem estar das crianças e dos jovens, educando-os para que, após as refeições, efetuasse a escovação de seus dentes. Toda orientação quanto à higiene bucal e tratamento das crianças de ensino fundamental

(primeira a quarta séries) era ministrada pelo Programa Integrado de Educação de Saúde Escolar (PIESE). Cremes dentais e escovas de dentes eram fornecidos pelo município.

Por outro lado, o município também oferecia materiais esportivos, pedagógicos, os específicos de oficinas como artesanato, marcenaria, horta, e materiais permanentes como televisão, vídeo cassete, aparelho de som, equipamentos para manutenção dos núcleos, e os suprimentos de gêneros alimentícios para o preparo das refeições.

A nomenclatura para designar cada momento de atividade na estrutura diária, variava de um núcleo para outro, mas tudo era considerado atividade, desde a entrada até a saída.

Período da Manhã:

- Entrada
- Refeições – desjejum, almoço (momento coletivo);
- Primeiro momento, ou atividade específica, ou oficinas;
- Segundo momento, ou horário livre, ou horário da brincadeira;
- Saída

Período da tarde:

- Entrada;
- Refeições: almoço, merenda (momento coletivo);
- Primeiro momento, ou horário livre, ou horário da brincadeira, também oficinas;
- Segundo momento, ou atividade específica, ou oficinas;
- Saída

A repetição é para melhor ilustrar os períodos, e esclarecer que a ordem do primeiro com o segundo momento variava conforme avaliação da equipe de trabalho, em relação às respostas dos frequentadores.

Entrada:

A entrada era um momento de acolhimento, tanto a do período da manhã como da tarde, pois, a jornada dessas crianças e jovens era longa, muitos ultrapassando mais de dez horas longe de casa, da família. Os conflitos existiam, aconteciam, e o mediador para ajudar a

solucioná-los, não era ninguém da família, e sim os professores das instituições em questão, mais especificamente no Projeto Sol, pelas possibilidades e propostas já descritas.

Nesta entrada também era feita a frequência do dia, variando a dinâmica também de núcleo para núcleo. Alguns passavam lista e as crianças e jovens assinavam, e quem ainda não sabia escrever, usava um símbolo da sua escolha. Outra forma era um professor anotar no horário da primeira refeição; outra situação era a de todos permanecerem na arena e um ajudante responsável se encarregar de fazer este controle de frequência, enfim, não havia uma única dinâmica para cada núcleo, mas muitas para todos os núcleos.

Refeição:

Neste momento, além de atender uma necessidade orgânica, era um momento também de aprender a pensar no outro ao se servir, para que os primeiros não deixassem faltar alimento para os próximos, e também a questão do desperdício de alimentos. Criar um clima de tranquilidade, valorizar o alimento servido e por quem era feito, compartilhar deste momento com quem quisesse, ou seja, sentar a mesa com os colegas que quisesse, sem estabelecer regras específicas para este momento e sim, mediar para que tudo ocorresse bem. Os professores faziam as refeições juntos, e se possível outros funcionários, de acordo com a organização do trabalho de cada um.

Cada núcleo possuía uma dinâmica para se servir, uns faziam algum tipo de jogo, começando pela letra tal; outros agendavam em forma de cronograma os interessados em servir os colegas; outros, conforme chegavam no refeitório iam se servindo; outra situação, o professor chamava mesa por mesa. Também nada definitivo, e variando de tempo em tempo, ou até diariamente conforme a prática combinada.

Primeiro Momento:

No período da manhã era caracterizado pelo desenvolvimento de trabalhos mais específicos de cada área, e também da lição de casa enviada pela escola. No período da tarde, era o momento de brincar, escolher alguma oficina de interesse, enfim, um momento mais livre, pois, chegavam da escola, o cansaço físico e mental eram visíveis por suas posturas, falas e gestos. Esta caracterização não foi fechada como certa e absoluta, portanto, muitas vezes após avaliações bimestrais, ou semestrais, conforme a proposta de cada núcleo, eram invertidas.

Segundo Momento:

É a situação acima invertida, mas não estanque, nem definitiva. O importante não é a nomenclatura utilizada, mas, sim a contextualização da proposta. Atividades específicas das áreas oferecidas em forma de projetos, com tempo de duração ou atividades mais recreativas, mais livre, onde os grupos se constituíam pelos interesses.

Saída:

Cada núcleo também possuía uma organização, pois, havia os que iam embora sozinhos; outros que um responsável ia buscar, os que dependiam de transporte público. Essa estruturação também se dava de acordo com as situações. Importante ressaltar que o controle desta etapa do dia, bem como a organização era de responsabilidade dos professores, ou seja, de todos do núcleo.

2.3 ATIVIDADES PRÁTICAS

Por se tratar de um espaço de aprendizagem, mas que não se caracterizava como escola, cuja proposta era justamente ser diferente da escola, não por descaso, mas esta já ocupava e ocupa um lugar, um papel designado na sociedade, o Projeto Sol estava em construção da sua própria identidade.

As dificuldades foram imensas, a rotina em relação às atividades era repensada diariamente. No início, os professores apresentavam a proposta do dia, numa assembléia que acontecia na arena, e as crianças e jovens escolhiam em qual atividade começariam, e a cada hora acontecia o revezamento. Cada um pegava uma ficha com o seu nome e colocava na porta de cada sala, que havia um cartaz de pregas, onde se encaixavam as fichas. Ao efetuarem o rodízio, carregavam a ficha para a outra sala. Os professores ficavam atentos no horário para não atrapalhar a dinâmica combinada. A corrida contra o tempo para encerrar as atividades propostas desqualificava o trabalho, na sua organização, no processo criativo, nas conversas, nas sugestões e, conseqüentemente, na avaliação. Nesta etapa, a semelhança com a escola formal em relação ao horário, incomodava a todos, não preconceituosamente, mas, o objetivo era justamente o oposto, ou seja, não reproduzir o modelo existente. O processo de começo, meio e fim ficava a desejar, isto frustrava todos os participantes, professores, crianças e jovens. Para minimizar esta frustração, o revezamento continuava diário, com o sistema de ficha, mas com duração de uma semana para tentar desenvolver toda a proposta oferecida. Assim, o planejamento se concluiria semanalmente com uma avaliação final, dando oportunidade para todos passarem por todas as propostas oferecidas. O sistema de avaliação não foi estipulado como padrão, o importante era que algum tipo de avaliação acontecesse, até para (re) planejar com dados consistentes. Portanto, dependia de cada professor escolher o seu sistema de avaliação e também, por optar pela melhor forma de registrar a sua prática. Muitos preferiam uma avaliação diária oral. Outros registravam todo o processo do trabalho em forma de livro, incluindo as avaliações finais.

Neste contexto, pouco espaço era oferecido para as sugestões, sondagens pelos interesses, pois o relógio não parava, e precisava concluir o trabalho.

A expressão comumente utilizada, “a teoria é uma coisa, na prática é outra”, norteava o dia-a-dia dos profissionais com certo entrave, pois, teoria e prática caminham juntas, como o planejamento e a avaliação. Esta percepção se confirmava pela negação das crianças e

jovens em não quererem trocar de sala para outra atividade, pois estavam totalmente envolvidos nos trabalhos ou oficinas que escolheram como mais interessante. Quanto às fichas com os nomes para o revezamento das atividades, caíram no esquecimento de todos, nada viável na prática, envolvendo uma média de cem crianças e jovens por período.

Nesta trajetória de Projeto Sol, não é possível descrever uma única rotina como acerto, uma dinâmica imutável, um planejamento repetitivo ano após ano, e sim, muitos matizes permearam este cenário.

O rodízio, por hora, foi descaracterizado, sendo que nunca mais aconteceu conforme a descrição acima.

De acordo com as oficinas, o tempo de desenvolvimento era semanal, quinzenal, mensal, bimestral, chegando a ser semestral. Porém, esta organização de tempo, variava conforme a proposta de acordo com a equipe de profissionais do núcleo, as sugestões das crianças e jovens em avaliação, o consenso entre todos fundamentava a prática.

E nesta tentativa de acertar, foram precisos os erros, as divergências necessárias entre a equipe do núcleo, com a equipe de apoio, enfim, o momento era ter uma boa avaliação para que o planejamento fosse coerente, estimulante, e que houvesse espaço para vez e voz das crianças e jovens.

Cada núcleo encontrou a sua forma de desenvolver as atividades, as pesquisas, as oficinas, os passeios, as apresentações para pais/responsáveis, exposições de trabalhos, integração entre todos os núcleos por meio da recreação, músicas, danças, teatros, festividades, churrascos. Todas essas atividades acabaram por proporcionar troca de conhecimentos.

Portanto, a rigidez do tempo se fez mais flexível, a imposição dos conteúdos, mais participativo, a avaliação não mais se restringia aos especialistas e sim a todos que participavam do processo. Assim, com o exercício da discussão, das diferenças, das intransigências, cada núcleo encontrou as suas diversas rotinas, as suas próprias nomenclaturas para os mesmos significados.

2.4 O ESPAÇO RECRIADO

A concepção do espaço físico inspirado numa arquitetura moderna contemplava a contextualização de educação que se desejava construir.

Os espaços entre uma sala e outra eram utilizados como mini-quadras de basquete, peteca, leitura individual ou em pequenos grupos, para expressões artísticas nos trabalhos com argila, bordados, marcenaria, circuito de atividades físicas e culturais, conversas, etc. O que parecia sem utilidade, no dia-a-dia, preenchia-se com a espontaneidade do improvisado.

A arena, centro do Sol, foi aproveitada para teatros, danças, reuniões, assembléias, discussão de temas relevantes, organização e avaliação do dia, divisão de turmas conforme o interesse, ou seja, o momento da escolha das atividades, resoluções de problemas ocorridos no dia, brincadeiras, banho de esguicho, onde as diversas manifestações culturais, rotineiras, envolvendo o grupo, fossem socializadas.

Um dos pontos altos da exploração do espaço arena em relação à brincadeira foi a adaptação de um jogo que, no prédio do antigo PLIMEC/AICA, praticavam num quiosque pequeno. Por se tratar de uma casa sem muito espaço, o Professor de Educação Física do núcleo Monte Alegre, enquanto aguardava essa inauguração, desempenhou um papel importante no prédio do antigo AICA. Criou diversos desafios para trabalhar a educação motora, dentre tantos, a brincadeira “latinha”. Essa foi uma das transposições de espaços adaptados do velho para o novo que nos momentos de brincadeiras traziam muitas alegrias e concorrências entre os freqüentadores do Projeto Sol.

A quantidade de participantes variava conforme as regras estipuladas para a jogada. Objetivo do jogo: derrubar a latinha do outro chutando uma bola de borracha, do tipo “Nogan”. A brincadeira acontecia da seguinte forma: cada um permanecia na frente do seu alvo (um pet ou latinha de refrigerante, ou um boliche), para defendê-lo. Iniciava-se o jogo como no basquete, bola ao alto, e todos saíam das suas posições para tentar ganhar a bola. Quem conseguisse, mirava para o alvo de algum colega, a fim de atingi-lo. E assim, todos tentavam chutar a bola para derrubar um alvo. Aquele, cujo alvo era atingido, saía desta jogada, ia para o final da fila e o próximo da espera entrava. Aqueles que esperavam para entrar no jogo posicionavam-se nos degraus da arena, servindo e intervindo espontaneamente como árbitros. Quanto à regra do toque de bola, era combinado a cada jogada, ora com somente um toque na

bola, ora com dois, três, e as diversas variações como em duplas, trios, etc. As regras também eram combinadas, em relação à força no chute, chamada por eles de “bombada”. Utilizando-se do termo, era proibido dar “bombadas” para não machucar o colega, e caso, a regra fosse infringida, o responsável sairia dessa jogada, dando o seu lugar ao outro, e ficaria no final da espera.

No início, os participantes do jogo da “latinha” eram somente meninos, inexplicavelmente, ou talvez, hoje explicavelmente pelo fato de ter sido criada num contexto de atividades com os meninos, e por eles explorada. A agitação era tanta pelo jogo, que contagiou também o lado feminino causando uma disputa acirrada por esse espaço: arena. Pois, após a descoberta pela “latinha”, as equipes femininas entraram na concorrência. E, posteriormente, o jogo passou a ser misto, pois, na maioria das vezes, apesar de muitos permanecerem no centro da arena, normalmente o jogo era individual, cada um na defesa do deu alvo. Esta brincadeira era a mais concorrida.

Conforme citado, pelo fato desse Professor ter sido contratado para o núcleo do bairro Monte Alegre, e se encontrava no bairro Morumbi até o término da construção do respectivo núcleo, a propagação da brincadeira num primeiro momento ocorreu pelo próprio adulto. Podemos dizer, que num segundo momento, os próprios participantes foram responsáveis por essa divulgação, pois, mudavam de bairro e passavam a frequentar outro núcleo. Assim, esta foi difundida rapidamente para os demais núcleos.

A terminologia foi modificada conforme as experiências práticas, como por exemplo, “pé na lata”.

E posteriormente, os encontros de integração entre os núcleos serviram para a aquisição de novos conhecimentos, inclui-se o jogo em questão. A brincadeira da “latinha” ou “pé na lata” passou a ser culturalmente conhecida, desejada, e recriada conforme os sujeitos da ação.

É pertinente esclarecer que, nesta concepção proposta, as diferenças de gênero não impediam a participação nas atividades. Em outras palavras, tudo era possível a todos, marcenaria, bordado, costura, futebol, dança, enfim, desde que houvesse desejo, interesse pelos participantes. Pela nossa cultura machista, alguns pais/responsáveis, proibiam o (a) filho(a) de participarem de algumas atividades sendo essas caracterizadas “culturalmente” como sendo somente para homens, ou especificamente para mulheres. E assim, por meio de dinâmicas de grupos em reuniões com pais/responsáveis para que se conscientizassem da importância da

participação conforme o interesse, que as descobertas do aprender, experimentar, independente do gênero, não tornava ninguém mais homem ou mulher, e sim mais felizes. Foi um processo árduo e cauteloso, pois, afetava diretamente gerações criadas no berço do preconceito, acostumadas a separar menino da menina em atividades físicas escolares, por filas, nas brincadeiras de ruas, enfim. O que mesmo no século XXI ainda encontramos, e muito, nos meios escolares.

Outra questão que necessitou de prudência, foi o aspecto religioso. Em nenhum momento abordava-se a questão “religião”, mas, sim o outro, o respeito, a solidariedade, o valor nas e das coisas, que muitas vezes foram confundidas. Por exemplo, nossa tradicional “festa junina”, com danças e comidas típicas, eram situações que necessitavam de muitas reuniões com os responsáveis, para esclarecer sobre a época do inverno, da colheita, e não a exaltação pelos “santos”.

Um fator importante era que a comunidade compreendesse e aceitasse a proposta do Projeto Sol, não como a melhor, mas como contribuinte na formação global da criança e do jovem, e desta forma, fosse valorizada.

2.5 AS IMPLEMENTAÇÕES E O COTIDIANO DO PROJETO SOL MORUMBI

A presente pesquisa foi desenvolvida com os ex-freqüentadores do Projeto Sol do bairro Morumbi, na cidade de Paulínia.

Por ser este o segundo núcleo de Projeto Sol inaugurado, meses após o primeiro, que foi o do bairro Monte Alegre, muitas discussões giravam em torno da rotina, do cotidiano.

Por ser um espaço educacional, mas que se diferenciava das formalidades da escola, como os conteúdos preestabelecidos, a necessidade da nota ou menção para ‘passar de ano’, ou seja, freqüentar a série subsequente, dentre outros, as grades de horários também deveriam se diferenciar. Mas, no início a reprodução em sua organização diária era nítida, pois o único referencial, até então, era a escola formal.

O ponto de partida foi organizar crachás e cartazes de pregas para elaborar a freqüência do dia, e a formação de grupos nas portas das salas.

Para freqüência do dia, um grande cartaz com pelo menos sessenta divisões de cada lado foi fixado na parede de entrada do núcleo. O núcleo comportava atender cento e vinte crianças por período. Por este motivo, o cartaz de freqüência foi confeccionado com essa divisão.

Para cada sala foi fixado um cartaz, com quarenta pregas, pois, no início contava-se com apenas três professores, das seguintes áreas: Educação Artística, Educação Física e Pedagogia.

Cada participante elaborou o seu próprio crachá com o nome e desenhos para personalizá-lo.

A freqüência geral do dia foi a primeira preocupação, além de necessária para informar a cozinheira sobre o número de participantes e assim preparar as refeições, e quanto as demais necessidades da freqüência, esclareceremos abaixo. Portanto, na entrada cada um retirava o seu crachá e o prendia na prega do grande cartaz. Esta contagem era feita pelo professor ou participante e, informado à cozinheira.

Após o café da manhã, o ponto de encontro era na arena, por sua disposição circular facilitava a comunicação, e o dia era organizado. Os professores apresentavam sua proposta e a divisão era feita, conforme o interesse dos participantes.

Uma maneira encontrada foi limitar o número de vagas para cada professor, de acordo com o total da frequência do dia, e oferecê-las ao grupo para escolha. Não havia a preocupação de alguém ficar frustrado nesta divisão, pois todos passariam por tudo no dia. A divisão tinha a finalidade de formar os grupos e organizar a ordem de participação nas propostas oferecidas.

Mais uma vez, a teoria se confrontava com a prática e a reprodução do sistema de ensino formal, subjetivamente surgia na expressão citada acima: ‘não havia a preocupação de alguém ficar frustrado nesta divisão, pois, todos passariam por tudo no dia,’ (...), a questão neste momento era simplesmente ‘organizar’. Na concepção do adulto, o problema estava resolvido, mas, a frustração aparece e surpreendentemente não prevista, conforme as colocações abaixo.

O rodízio era feito de hora em hora, ou seja, o professor ficava atento ao relógio para não atrapalhar a atividade do outro, e neste panorama, as atividades deveriam ter começo, meio e fim nesta uma hora.

Apesar de propostas interessantes como pinturas com diversas técnicas, uma diversidade na parte de expressão corporal, leituras, encenações com fantoches, confecções dos mesmos, o tempo era um fator limitador para aprofundar nas atividades, e principalmente avaliar o dia para sugestões, críticas dos envolvidos no processo.

Um sinal de descontentamento nesta dinâmica do rodízio diário surgiu pelos próprios participantes em não admitirem trocar de sala após apenas uma hora de atividade. Durante esse mesmo período de uma hora, os participantes deveriam fazer suas tarefas trazidas da escola formal. O tempo que sobrava era mínimo para o desenvolvimento da atividade escolhida. Portanto, no auge do envolvimento era momento de mudar de proposta, ou seja, de sala. A ‘não esperada’ frustração é explicitada.

Sendo assim, uma outra proposta surgiu: não necessariamente a atividade deveria ser concluída no dia. Mas, para que isso acontecesse todos os professores deveriam estar sintonizados na programação, e assim, o planejamento passou a ser semanal, ainda com rodízio de hora em hora.

Neste sistema, apesar de melhorar a qualidade do trabalho, era ainda incipiente para o que se pretendia como nova proposta educacional.

Desta forma, criou-se o sistema de uma turma com o mesmo professor durante toda a semana. As atividades deveriam ser todas muito interessantes, que estimulassem a

curiosidade em conhecer determinado assunto, fosse ligado à arte, ao esporte, à literatura. Assim sendo, se não houvesse um equilíbrio nas propostas, a Educação Artística e a Educação Física a princípio levariam certa vantagem pelo próprio interesse das crianças nos jogos, nas expressões artísticas. Repensado sobre esta questão com o grupo de professores e Equipe de Apoio, e ainda pela extensa jornada das crianças e jovens fora dos seus lares, indagou-se sobre a descontração, e o brincar? Criou-se o Momento da Brincadeira. Esta nomenclatura era a utilizada no Projeto Sol Morumbi.

Este momento era desprendido dos crachás, cartazes de pregas, enfim, era de livre escolha das crianças e jovens.

E este momento da brincadeira realçou a importância do espaço liberado de tantas regras e direcionamento, e enfocava a necessidade das sugestões, e da escolha pela atividade com maior tempo para ser desenvolvida, explorada nas suas diversas linguagens.

Três pontos fortes da avaliação foram reforçadas com esta prática, ou seja, sobre a importância do brincar, do se divertir, quais eram: 1) de proporcionar momentos de total interação com o outro, independente da idade, gênero; 2) a fase de seu desenvolvimento; e 3) da jornada diária dessas crianças e jovens fora de casa, pois, num período era destinado às obrigações escolares e no período contrário era o Projeto Sol. As crianças e jovens passavam o dia inteiro distantes da família ou do seu lar, conforme citamos.

O período de atividades passou nesta etapa ter dois momentos qualificados no núcleo Morumbi como: *momento específico* e o *momento da brincadeira*.

O *momento específico* foi assim chamado devido às atividades sob a orientação do professor, essas atividades eram também chamadas de oficinas. E o *momento da brincadeira* tanto as atividades como os grupos se constituíam conforme os interesses dos frequentadores. Neste contexto de brincadeiras, o professor estava presente, e era o mediador dos conflitos, intervenções, que as crianças e jovens não conseguissem resolver, ou conforme a situação exigisse.

Com esta divisão do tempo em dois momentos específicos e da brincadeira, criou-se, ainda que de forma incipiente, maior visibilidade em relação à proposta educacional que estava sendo construída. Desta forma, compreender os objetivos, as necessidades, os interesses, as preferências e a realidade, eram fatores relevantes nesta construção. Com esta concepção de significados e significantes, as propostas eram desenvolvidas da forma mais próxima e concreta

possível da realidade e compreensão das crianças e jovens. Sendo assim, não só a Educação Física e a Educação Artística eram de oferecimento mais atrativos, mas também a Pedagogia.

Enfim, as três áreas se convergiam e despertavam também grandes interesses.

Após muitas reflexões, descartava-se a organização da freqüência pelo cartaz de pregas, bem como os das portas das salas, e a contagem diária passa a ser verbal pelos próprios freqüentadores, onde a cozinheira era informada sobre o total de participantes do dia, e cada professor cria o seu sistema de freqüência em sala com o seu grupo.

Convém esclarecer que a importância da freqüência diária era premente nas questões burocráticas. O documento Mapa de Movimento era feito mensalmente, onde havia o número de matriculados, eliminados, quantas pessoas do sexo masculino e feminino e total dos comparecimentos e de faltas. Esses dados serviam de indicativos para solicitações de materiais pedagógicos, de gêneros alimentícios, de produtos de limpeza, enfim, além das necessidades básicas para o desenvolvimento do trabalho, o dado real de freqüentadores, eliminados e o motivo.

E, além disso, o registro da freqüência favorecia informações necessárias pela responsabilidade sócio-educativa que o Projeto Sol se propunha no atendimento de crianças e jovens no seu tempo ocioso. Caracterizamos de tempo ocioso, ou seja, no período contrário ao da escola formal e/ou outra instituição de caráter obrigatório, autorizado pelo pai/responsável.

O Projeto Sol foi idealizado justamente para prevenir que as crianças e jovens ficassem expostos aos riscos da rua. Portanto, a freqüência auxiliava em diagnosticar excesso de faltas e buscar junto aos pais/responsáveis justificativa das mesmas. A intenção era criar aos freqüentadores uma rede de proteção. Neste caso, os professores eram responsáveis em entregar a freqüência mensal à coordenadora do núcleo, e esta a formalizava em cadernetas, classificando-a para melhor visibilidade: crianças de sete a nove e de dez a quatorze anos, e ainda por gênero. E assim, construir o ‘Mapa de Movimento Mensal’ do núcleo.

Nos casos mais urgentes onde os professores diagnosticavam muitas faltas, ou caso alguma criança trouxesse informação sobre a ausência de colegas, era logo informado à coordenadora e esta visitava a família, para possíveis justificativas.

No período havia situações comuns a todos, ou seja, momentos considerados coletivos, como as refeições, as conversas na arena e o momento da brincadeira.

As oficinas oferecidas correspondiam às áreas, e eram de responsabilidade do professor de Educação Artística, Educação Física e Pedagogia.

O trabalho se fortalecia por meio de atividades concretas nessas três áreas do conhecimento que consistia no Projeto Sol.

Na Educação Artística, o trabalho cênico, objetivava explorar as várias linguagens como ferramentas da expressão corporal, da estética, plástica, oral etc.

Nesse contexto, nos apropriamos da definição de Gallardo (2003, p. 48), quando nos reporta à arte cênica como:

É a arte de representar, de mostrar aos outros de como sentimos e interpretamos os nossos sonhos e fantasias, é a arte de imitar e a capacidade de aprender que herdamos de nossos ancestrais, já que com a imitação experimentamos o mundo real das ações num espaço menos constrangedor, fato que aproxima do jogo.

A dramatização enfatizava dois pontos fundamentais para o desenvolvimento:

- ‘o Faz-de-Conta’ com a representação de histórias clássicas infantis, populares e criadas no contexto do dia-a-dia da vida real e;
- ‘os temas informativos’ como ‘dengue’, ‘drogas’, ‘destruição de telefones públicos’ popularmente conhecidos como ‘orelhões’, e outros trabalhos que necessitassem de uma verdadeira campanha para conscientização. Por meio da dramatização de forma totalmente lúdica, tanto para os que representavam como para os que assistiam, as informações eram passadas com uma linguagem própria e de forma concreta.

E ainda segundo Gallardo (2003, p.48), completamos que:

“Por meio das representações podemos observar como a criança entende e compreende o mundo, sendo uma ferramenta excepcionalmente útil no processo de avaliação do desenvolvimento”.

As diversas técnicas de expressão artística formavam elementos necessários para estimular a criatividade, algumas utilizadas nas artes cênicas como confecção de fantasias, máscaras, cenários e outras como meio de aprendizagens.

Podemos concluir segundo Gallardo (2003, p.48) que,

“É por meio das artes cênicas que podemos ser qualquer coisa, pelo menos em nossa imaginação, e dependendo do grau de desenvolvimento da capacidade de expressão corporal, conseguir a consistência do representado”.

Uma grande novidade foi a decoração dos vidros do núcleo em datas festivas como Carnaval, Páscoa, Festa Junina, Sete de Setembro, Dia das Crianças e Natal. Nestas ocasiões, os vidros do refeitório do núcleo Morumbi eram pintados com tinta ‘guache’, por ser um tipo de pintura lavável e não tóxica. O professor organizava a atividade, prevendo que as crianças mais baixas não alcançariam os vidros altos, portanto, dispunham-se mesas forradas, e para aqueles cuja estatura era menor, permitia-se que subissem nas mesas para confeccionar sua ‘obra de arte’. Após a conclusão do trabalho, o registro era fotografado, pois de uma data comemorativa a outra, os vidros eram lavados.

Uma outra proposta inovadora e surpreendentemente concorrida tanto pelos meninos como pelas meninas, foi a oficina de marcenaria. É interessante relatar como surgiu esta oficina.

No início de 1989, elaborava-se um planejamento traçando-se algumas propostas de trabalho a serem desenvolvidas no decorrer do ano. A Festa Junina era uma atividade esperada e a proposta desse ano era estender à comunidade local. Uma festa típica que faz parte da nossa cultura deveria explorar todos os atrativos, como a decoração, as comidas, as brincadeiras, as danças. No caso das brincadeiras, as barracas de jogos eram importantes. Sendo assim, teria mais significados a construção de prendas com as próprias crianças e jovens. Surge então a idéia de aproveitar a ferramenta ‘serra tico-tico’ existente no núcleo, usada até o momento pelo zelador para efetuar pequenos consertos e reparos com madeiras.

As crianças e jovens traziam caixotes de madeiras (para guardar frutas e verduras), que pediam nas chácaras, nas quitandas. Esses caixotes eram desmanchados, lixados e transformados. As lixas, os pregos, ou seja, materiais de uso de pequeno porte, eram comprados com o dinheiro da Contribuição Mensal Espontânea, enviados pelas famílias que assim quisessem e pudessem contribuir.

Diversos tipos de objetos eram confeccionados como: porta-copos, raquetes de pingue-pongue, segurador de portas, porta-fósforo, porta-ferro de passar roupa, portaguardanapos, carrinhos. Ou seja, foram confeccionados desde utensílios até objetos para

recreação utilizados no próprio núcleo. O interesse foi geral, passando assim, a oficina de marcenaria a ser uma efetiva atividade no núcleo.

Um fato importante ocorreu em meados 1989 que foi uma brusca evasão pelos jovens de doze a quatorze anos. O motivo constatado foi a necessidade de trabalhar para contribuir no orçamento familiar. Mesmo pela legislação da época, proibia que menores de quatorze anos tivessem qualquer tipo de vínculo empregatício. No entanto, a necessidade de ajuda no orçamento familiar, naquele momento, estava definindo as prioridades dos participantes nessa faixa etária.

Pelos objetivos específicos do Projeto Raio de Sol II, previa-se uma iniciação ao trabalho, pois a próxima etapa seria o atendimento aos adolescentes de quatorze a dezessete anos no Programa Raio de Sol III, com curso profissionalizante.⁵

Essa preocupação foi tanta que, na época, com amparo legal e juntamente com os pais/responsáveis por estes jovens, buscou-se juntos uma solução para que estes não perdessem a infância e sofressem exploração por serem mão-de-obra barata. Portanto, os objetos confeccionados na oficina de marcenaria seriam vendidos para a comunidade local e para os próprios profissionais, criando um espaço aberto dentro do núcleo, fora o horário de atividades para essas vendas. Posteriormente, foi levado para um espaço de 'feira livre' numa praça central do município. Todo dinheiro arrecadado era dividido entre os participantes e no final do mês juntamente na presença dos pais/responsáveis recebiam o valor designado e os responsáveis assinavam um documento expedido pela coordenadora do núcleo. Convém ressaltar que nem todos que participavam da oficina de marcenaria recebiam o dinheiro das vendas. Esta oficina foi dividida nesta ocasião por faixa-etária justamente para separar os objetos que seriam confeccionados para vender pelos jovens autorizados para tal, dos demais aprendizes.

O professor de Educação Artística, em parceria com os jovens, e a Diretora do núcleo Morumbi eram responsáveis pelo controle das vendas. Como a primeira experiência na época da festa junina foi contagiante e despertou muito interesse, o próximo passo foi solicitar os materiais adequados para uma 'verdadeira marcenaria'.

O lucro era de 100% pois, toda matéria prima foi fornecida pela Prefeitura Municipal de Paulínia, como as madeiras, as ferramentas e suas manutenções em assistência técnica, pregos, cola de madeira, enfim, todo o material necessário para a oficina. O dinheiro

⁵ Conforme especificado na item 2.1. "Histórico de Projeto Sol".

entregue aos pais/responsáveis era revertido aos próprios jovens por algo que necessitassem adquirir como sapato, camiseta, material escolar e outros.

Em 1990, agregou-se à equipe a monitora de trabalhos manuais, e professor com formação em magistério. A oficina de trabalhos manuais foi de grande interesse sem discriminação de gênero, principalmente por parte das famílias, que nessa ocasião conheciam mais sobre os trabalhos do Projeto Sol, e também percebiam boas mudanças no comportamento dos filhos. A proposta era oferecida e todos os interessados participavam desta atividade. Eram confeccionados bordados em telas, bonecas de pano, petecas, pintura em tecido, tapetes no tear, porta-lápis, bonecos com bolinhas de gude e durepox, fantoches com diversos tipos de materiais, reaproveitamentos de materiais reciclados, macramê, etc. Os trabalhos em algumas situações eram contextualizados com um tema gerador, como Folclore, Brincadeiras, Natal, e explorados com os diversos materiais disponíveis.

Tanto na oficina de marcenaria como na de trabalhos manuais, o número de vagas para os participantes era reduzido para no máximo quinze, devidos às ferramentas de riscos como serra tico-tico, lixadeira, martelo, pregos, e nos trabalhos manuais como agulhas, alfinetes, tesouras, entre outros. Portanto, pela demanda foi necessário oferecer outro momento para novas turmas, assim evitava-se tanta angústia pela espera e descontentamento nas crianças e jovens. Uma alternativa encontrada para minimizar esta demanda foi criar novas turmas no momento da brincadeira. Sendo assim, além das brincadeiras, as oficinas de marcenaria e trabalhos manuais eram mais uma opção de escolha. Porém, a nomenclatura *momento da brincadeira* continuou, mesmo porque a intenção prevalecia, que era a descontração, revertido em prazer.

Em 1991 não foi mais possível reverter o dinheiro para os jovens, por questões burocráticas da Secretaria de Educação. No entanto, os materiais das oficinas de marcenaria e trabalhos manuais eram vendidos e o dinheiro arrecadado beneficiava todos os participantes, com materiais diversificados para as próprias oficinas, passeios, festas, compra de filmes para fotografias e revelações, locação de filmes para a sessão de cinema no núcleo e/ou na Câmara Municipal.

Os materiais confeccionados nessas oficinas continuaram a ser expostos à comunidade e muitas vezes vendidos por um preço simbólico.

Cada participante confeccionava o seu mostruário para que pudesse guardar e servir de modelo do que aprendeu a fazer, e essa era também uma forma de registro. O interesse

contagiava a todos, e por solicitação dos participantes da oficina de trabalhos manuais, alguns materiais eram permitidos serem levados para casa nos finais de semana, como a tela de talagarça, lã e a agulha grossa para bordar. Com isso, o compromisso, a responsabilidade, os cuidados, eram trabalhados através de atividades concretas e, de forma prazerosa, sem contar que os pais/responsáveis também aprendiam com os filhos.

O trabalho foi tornando-se mais consistente e o importante, não mais de forma intuitiva, mas, sim de forma reflexiva através da prática. As questões “o que, como, onde, quando, para que, para quem” eram repensadas e discutidas entre os profissionais do núcleo Morumbi.

Na Educação Física, o desenvolvimento das atividades, igualmente ao da Educação Artística e Pedagogia, tinha conotação lúdica.

As brincadeiras de rua foram resgatadas como fontes de pesquisas para desenvolver as habilidades motoras através da ludicidade.

O interesse pela dança num primeiro momento, partia especificamente da ‘ala’ feminina. Diferentemente das oficinas citadas acima como marcenaria e trabalhos manuais que envolviam tanto os meninos como as meninas.

Porém, nas diversas modalidades esportivas-recreativas, os interesses se igualavam.

Como citado, na oficina de dança o lúdico era fator preponderante, explorando-se a percepção rítmica, as habilidades motoras, a compreensão da letra da música, sobre a época da música, a história do compositor, enfim, elementos que se constituíam num contexto mais amplo a ser atingido do que puramente o movimento.

Desta forma, a junção de conhecimentos ampliavam tanto o repertório motor como de outros conteúdos. Como nos ilustra na colocação de Gallardo (2003, p.44), que:

Nas danças confluem todas as formas de linguagem: musical, oral ou falada, gestual, emocional, entre outras. Por ser uma maneira potencializada de comunicação, elas representam formas e valores culturais, assim, as danças são manifestações de um grupo social que refletem, interpretam e interagem um conjunto de formas de expressar as necessidades sentidas de um grupo social.

Com o embasamento acima, citaremos algumas atividades nesse amplo conceito de exploração da dança, onde o movimento fosse meio e não fim dos demais conteúdos envolvidos nesta proposta. Citaremos alguns trabalhos desenvolvidos nesta oficina:

- como a música do compositor Luiz Gonzaga “O xote das meninas” com as adolescentes;
- uma pesquisa sobre a origem das famílias do núcleo Morumbi e a maioria naquela época eram migrantes do Nordeste, e o “Frevo” foi um marco importante com os seus movimentos, ritmos, vestimenta, adereços e a sua história;
- “Os Saltimbancos” de Chico Buarque com a leitura da história, baseada nos “Músicos de Bremens”;
- o “Samba” e a formação de uma escola de samba, as alas, o samba enredo;
- as danças típicas de festa junina.

O produto final deste processo era socializado de alguma forma significativa como apresentações dentro do próprio núcleo, e/ou para instituição do “Lar dos Velhinhos” que se localizava no bairro, no Ginásio de Esportes da cidade no mês de Agosto na festa conhecida da época como “Folclorada”, e pelas ruas do próprio bairro como na atividade da “Escola de Samba”.

A dança era um meio de explorar não só a linguagem corporal, mas outros conhecimentos muitas vezes subjetivos que norteavam esse panorama gestual.

Em relação aos esportes, talvez seja importante esclarecer que o termo não é o mais apropriado pois como o lúdico se aproximava mais dessa intenção, os conteúdos norteadores eram os jogos e as brincadeiras. Mesmo utilizando regras oficiais, fundamentos, esses não se diferenciavam na sua estrutura do trabalho da dança, no sentido de ampliar os repertórios de conhecimento e do movimento, através do movimento.

Em muitas ocasiões a ‘briga’ de todos era jogar conhecendo as regras oficiais, o que foi bem interessante, pois muitas pesquisas foram feitas.

A história dos esportes, dos Jogos Olímpicos, da Copa do Mundo, as Ginásticas, eram discutidos e sempre que possível aproveitando o momento atual que ocorria.

Outras questões eram discutidas como a importância do aquecimento antes do jogo, o alongamento após, a boa alimentação, os cuidados com o corpo. Uma abrangência maior não limitando-se ao esporte em si, mas a um contexto mais amplo, segundo João Batista Freire: “uma educação de corpo inteiro”(1989).

Pelo próprio espaço físico, as regras eram adaptadas, inventadas pelas próprias crianças e jovens, e que nesse contexto, não se priorizava a técnica e nem tampouco o seu domínio, porém não a ignorava, mas o importante era a experimentação, a vivência.

Na definição de esportes por Gallardo (2003, p.52),

São manifestações da cultura corporal que transcenderam ao jogo e às brincadeiras, passando a ser regulamentadas e tendo fim em si mesmas. Isso significa que têm definida toda a sua estrutura, desde as leis e regulamentos que orientam a atividade e até as formas de executar as habilidades que fazem parte de cada modalidade esportiva.

E para contextualizar a intenção do papel da Educação Física numa proposta que se diferenciava da escola formal, nos aproximamos de conteúdos dos jogos, brincadeiras, atividades físicas e pré-esportivas, como nos mostra Gallardo (2003, p.51), quando descreve:

Os jogos, brincadeiras, as atividades físicas e pré-esportivas, devem servir para ampliar as fronteiras dos alunos, para abrir portas e janelas para o futuro, de forma que eles consigam ter experiências de vida, que lhes permitam adquirir (com base na aproximação do conhecido ao por conhecer) novas experiências e culturas, devendo promover a autonomia e a liberdade.

Um outro fator relevante do esporte é a competição que não era ignorada, mas, trabalhado o ganhar, o perder, o ‘como’ ganhar, e ‘como’ perder. O respeito pelos colegas de equipe, pelos adversários naquele jogo, naquela situação, mas, a valorização do outro até pelas suas dificuldades eram pontos de reflexões constantes.

Em determinadas situações como, por exemplo, a já citada apresentação de dança no “Lar dos Velhinhos” da cidade, os outros profissionais se envolviam, pois todos os frequentadores do núcleo acompanhavam e assistiam os colegas.

Portanto, nesta situação do exemplo acima, partindo da premissa que todos acompanhavam, porque não apresentar outros trabalhos como os manuais, os da marcenaria, um teatro, uma oficina com os próprios velhinhos, uma música cantada? E assim, os trabalhos em determinadas situações, passavam a ser norteados por um Tema Gerador. Isso significava todos os profissionais explorando a sua área de atuação, com um tema comum. Houve um enriquecimento muito valioso, pois todos os profissionais, participantes, estavam envolvidos por uma temática e pela diversidade das ações.

Em 1993, para os quatro núcleos de Projeto Sol existentes na cidade, sob a coordenação administrativa de uma Supervisora, agrega-se a Orientação Pedagógica, que até esta

nova função ser implantada a Coordenadora (Diretora) de cada núcleo acumulava também esta tarefa. O acesso para esta nova função nos Projetos se fez por meio de um concurso interno, onde professores de toda a rede municipal que tivessem mais de três anos em exercício docente poderiam concorrer. A aprovada na nova função foi a primeira professora de Educação Física do núcleo Morumbi e a pesquisadora em questão.

Até então, cada núcleo desenvolvia a sua proposta isoladamente, e os momentos raros de encontros com os demais núcleos eram para atividades recreativas como um jogo de futebol, um jogo de queimada, um lanche comunitário, sem reflexões sobre essas situações.

A orientação pedagógica foi o elo entre os quatro núcleos. Reuniões foram feitas com todos os profissionais dos quatro núcleos, tanto docentes como discentes, aperfeiçoamentos profissionais com pessoas convidadas tanto do serviço municipal de Paulínia, como de outra cidade.

Para conhecer bem os demais núcleos, muitos encontros eram necessários. Estipulou-se três momentos de reuniões:

- uma reunião mensal em cada núcleo: nesse dia os freqüentadores eram dispensados. Essa reunião podia acontecer de duas maneiras. Uma delas, reunindo os profissionais dos dois períodos e a outra, reunião por período;
- as chamadas reuniões extras: solicitadas pela própria orientadora, pela diretora ou pelos professores, conforme a necessidade. As reuniões 'extras' aconteciam sem limite estipulado, quantas fossem necessárias, no período contrário de trabalho do professor;
- as reuniões individuais, eram conversas de orientações, sugestões, por ambas as partes.

Por se tratar de uma orientadora pedagógica para os quatro núcleos, uma estratégia utilizada foi o relatório mensal sem padrão estipulado. Os professores, monitores, enviavam os relatórios à diretora do núcleo e esta encaminhava à orientação. Após a leitura de todos no prazo de uma semana, os retornos eram direcionados, e serviam de subsídios para a construção de futuras discussões.

Não só a socialização dos trabalhos desenvolvidos nos quatro núcleos nas diversas áreas do conhecimento, mas também a rotina de cada núcleo serviram de momentos de trocas de experiências entre os profissionais.

Um outro fator de relevância quanto ao ingresso da orientação pedagógica foi referente ao registro dos núcleos, o que antes era individual, passou a ser registrado no núcleo, a fim de efetivar o processo dos trabalhos, as avaliações, as modificações, na sua história como núcleo e sua equipe. E também, como instituição, criar uma unidade de trabalho pela proposta escrita no projeto original, seus objetivos, sua evolução histórica sedimentada numa base prática, respeitando as características locais, a equipe de cada núcleo e a própria clientela.

A socialização não se firmou somente entre os profissionais, mas, também entre os freqüentadores e uma das atividades práticas dessa ação foi o: “Internúcleos”.

O Internúcleos consistia em socializar os trabalhos realizados das mais diversas formas como ‘exposições’, ‘apresentações’, ‘oficinas’, enfim, o objetivo era oportunizar a troca de experiências vividas e apreendidas. A organização do Internúcleos era mediada pela orientadora pedagógica, num primeiro momento em discussão com os profissionais de cada núcleo para levantamento de data, esquema de trabalho, horário das apresentações (caso fosse apresentação de dança, teatro, música, coral, e outros), local, ou seja, qual núcleo receberia os demais. Nessa questão de qual núcleo receberia os demais, foi uma discussão interessante, pois receber visitas significava uma grande celebração, então surpreender os visitantes era um ponto estratégico. Todos os núcleos receberiam os demais em épocas diferentes, mas a questão era quem seria o primeiro, o segundo e assim sucessivamente.

A partir do primeiro levantamento das propostas para o Internúcleos, a segunda fase era formar um conselho com alguns professores representantes de cada núcleo, a fim de definir aspectos como local, tempo para cada apresentações, roteiro, enfim, estabelecer critérios para que todos tivessem oportunidades de expor os seus trabalhos. Isso era levado ao núcleo e discutido com a equipe toda e freqüentadores para definirem juntos o que, como, com que intenção apresentar determinados trabalhos realizados.

No início, o Internúcleos era realizado semestralmente, especificamente nos meses de julho e o outro em novembro ou dezembro, e posteriormente, após avaliações dos até então apresentados, optou-se por uma única apresentação, como encerramento do ano e não necessariamente nos núcleos, mas em outros espaços no município.

O Internúcleos passou a ser um grande evento para todos, não no sentido apenas de apresentações de trabalhos, mas, de encontro, de confraternização.

Alguns locais como a Câmara Municipal, o Pavilhão de Eventos do conhecido Brasil 500 localizado no Sambódromo, o Parque Itapoã, todos localizados na cidade de Paulínia, foram cenários importantes para esses encontros.

CAPÍTULO III

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO SOL PELA EDUCAÇÃO NO COTIDIANO

O objeto desta pesquisa está centrado numa proposta educacional para atender o social independentemente do tipo de instituição escolar. Sendo assim, trata-se de uma discussão que tem a pretensão de ampliar os horizontes da educação, caracterizada nesse caso pela educação não-formal, a partir de relatos de experiências dos ex-freqüentadores do Projeto Sol Morumbi na cidade de Paulínia.

Em 1986, elaborado pela equipe de apoio já citada no histórico do Projeto Sol, surge uma proposta de trabalho sócio-educativo para a população Paulinense. Um projeto pensado para suprir não as falhas já tão discutidas da escola formal, mas, sim preencher uma lacuna que dava indícios das necessidades mais urgentes voltadas para a instituição familiar. A principal necessidade foi sentida na questão orçamentária da família, onde todos precisavam trabalhar e, muitas vezes o sujeito responsável pelo sustento dos filhos era somente a mulher.

Portanto, surge à problemática de onde deixar os filhos. A rua nessa época, meados da década de 80 já não era a mesma, enfatizando o tom saudosista, mas era uma preocupante e triste realidade. A rua não era mais o cenário alegre de muitas brincadeiras com as mais diversas manifestações culturais como o ‘esconde-esconde’, ‘a mamãe da rua’, ‘o pega-pega’, ‘o barra manteiga’, enfim, aquele espaço possível de desenvolvimento da cultura infantil.

Paulínia, apesar de ser uma cidade pequena, tem uma grande concentração de indústrias, principalmente a química e, naquela época, era e ainda é local de constante migração. Esta conseqüência era em razão de uma demanda que não atendia às necessidades das ofertas industriais por falta de recursos humanos qualificados. Essa situação gerava um cenário preocupante, exigindo que o serviço social municipal local deveria conduzir a situação criando suportes para as necessidades básicas do migrante e de seus dependentes.

A solução então foi criar um espaço que também fosse educativo onde as crianças e adolescentes preenchessem o seu tempo liberado da escola com atividades prazerosas que permitisse o usufruto de seu tempo presente.

Mais uma vez reforçamos a idéia que o Projeto Sol foi pensado num primeiro momento para prevenir que crianças e adolescentes estivessem expostos à marginalidade, alerta já expressado por Jaume Trilla (2003, p. 32), quando se referiu à (...)“situação ou risco de inadaptação ou marginalização social”(...)“populações em situação de conflito social” e como já vimos, a rua como espaço de risco dado ao atual problema de organização urbana, as crianças estariam mais vulneráveis aos maus tratos e levadas a possíveis (...) “populações em situação de risco”.

Por outro lado, era intenção de que para essa ação educativa, buscasse um novo caminho, diferente da escola convencional. Porém, não em sua substituição e nem para minimizar o seu papel, ou seja, a sua função desenvolvimentista educativa, mas de realmente construir uma nova prática, e que atendesse os objetivos do Projeto Sol dando luz a estas questões.

Mesmo com uma bibliografia escassa que servisse de apoio para esse tipo de trabalho, que para muitos de nós profissionais, no início se confundia com a prática da escola formal e ao mesmo tempo se confrontava com ela, o cotidiano dessa nova proposta foi o nosso maior aliado.

Por meio de um fazer diário influenciado onde todos os aspectos do desenvolvimento, tínhamos a preocupação de que todos os sujeitos recebessem a mesma atenção que se configurou a partir de um projeto teórico, e de vivências práticas, que foram sendo descobertas e se construindo por ela mesma.

Alusivo às questões que foram apontadas acima, onde o ser humano é central no processo do desenvolvimento, único e singular na sua constituição, é nessa diversidade cultural dentro do cotidiano e da convivência, que o projeto se fixou como eixo norteador na sua construção de prática educacional.

Bezerra (2000, pgs.17,18) nos esclarece, que

Para entendermos a cotidianidade devemos entender a sociedade em que vivemos, pois essa sociedade gera a cotidianidade. Cotidianidade seria um conceito que poderia ser o fio condutor para o conhecimento da sociedade, e não algo estanque e separado, nem algo fora do contexto concreto.

Pensando num contexto educacional diferenciado, podemos dizer que a partir do todo (sociedade), e da realidade vivenciada na prática (cotidiano), teremos alguns caminhos a seguir escolhido pela nova instituição, ou seja, o da reprodução ou o da transformação.

Concordamos com a autora quando nos mostra que (...)“o cotidiano não é algo linear, algo facilmente assimilável; é complexo...”(Ibidem, p.18), pois, o homem é um ser complexo.

Desde a concepção do Projeto Sol, das primeiras discussões dentro da equipe de apoio, com a seleção de profissionais, e o início das atividades práticas, não havia uma referência concreta para bases de apoios comparativos. Isso não significa que seria transplantado um modelo já existente para o Projeto Sol, mas criar parâmetros para avaliação de uma experiência concreta.

O Projeto Sol surgiu de um ideal no plano teórico voltado para uma população específica. O que na época era bem pertinente, pois na cidade e, por que não dizer no Brasil, esse tipo de trabalho era inovador e ainda incipiente no contexto global.

Não se tratava, portanto, de um complemento da educação escolar como obrigatoriedade, como por exemplo, muitas situações de escola em período integral. A complementação se daria implicitamente nas distintas formas educacionais, pois todo aprendizado refletiria nas ações dos sujeitos.

No entanto, apesar do desconhecimento e da escassez de uma bibliografia específica, alguns estudos importantes serviram de base na formação profissional dos educadores junto à Equipe de Apoio, com as teorias de Piaget, Vigostsky e Wallon. A influência de Paulo Freire também colaborou para uma visão de educação transformadora e democrática.

As ações foram construídas por meio de uma prática cotidiana, com avaliações constantes dos seus pontos positivos e negativos num diálogo entre todos os envolvidos nessa práxis. O exercício didático se iniciou com a própria equipe de trabalho organizado, ou seja, as discussões, o consenso, a liberdade de expressão no plano profissional contribuíram para a sua aplicação prática junto às crianças e adolescentes. A busca pela coerência das ações planejadas pelos profissionais, refletia no comportamento das crianças e adolescentes do Projeto Sol.

E ainda nesse início, a junção de conhecimentos de todos os profissionais nas suas áreas específicas, quais eram a Educação Física, a Educação Artística e a Pedagogia, de toda Equipe de Apoio próprio pela sua transdisciplinaridade, mediava os estudos acima citados na tentativa de embasar a prática vivenciada no dia-a-dia.

Contudo, não só de conhecimentos científicos nortearam essas discussões. Alguns textos voltados para a espiritualidade, respeito ao outro em suas diferenças, como também um pouco de auto-ajuda, enfim, foram ferramentas nessa construção de informações.

Nessa busca de conhecimentos, quando nos deparamos com crianças e adolescentes fora do ambiente escolar, num contexto diferente, a teoria não casava com a prática, e, vice-versa. Não encontrávamos nos livros respostas aos conflitos sociais existentes no dia-a-dia. Por muito tempo procuramos respostas, mas com o passar do tempo construímos possíveis explicações baseadas em fatos reais distintos uns dos outros, limitados no interior do Projeto Sol com um certo cuidado para não generalizarmos todos eles, e sim considerarmos caso a caso.

Obviamente, esta foi uma forma intuitiva de construção de uma prática educativa sem terminologia própria. A discussão era premente no processo educativo que pretendíamos e gostaríamos, que essa frase ecoasse em todo e qualquer processo educacional.

Para essa abordagem, utilizaremos o conceito de educação, associado ao conceito de cultura, que na visão de Gohn (1999, p. 98), esta considera que:

a educação é abordada enquanto forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos; pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos que os indivíduos fazem, de forma isolada ou em contato com grupos e organizações. A educação escolar, formal, oficial, desenvolvidas nas escolas, ministrada por entidades públicas ou privadas, é abordada como uma das formas da educação.

Destarte, caracterizada de uma forma bastante abrangente, e considerando outras possibilidades educacionais, já que esta não se limita a uma determinada fase do desenvolvimento humano, associa-se ao conceito de cultura onde o define como:

A cultura é concebida como modos, formas e processos de atuação dos homens na história, onde ela se constrói. Está constantemente se modificando, mas, ao mesmo tempo, é continuamente influenciada por valores que se sedimentam em tradições e são transmitidos de uma geração para outra. A educação de um povo consiste no processo de absorção, reelaboração e transformação da cultura existente, gerando a cultura política de uma nação (Ibidem, p.98).

Portanto, a seguir tentaremos definir as três vertentes da educação, para melhor compreender o Projeto Sol, sem mitificá-lo, mas ampliar os horizontes nas diversas matizes educacionais.

3.2 EDUCAÇÃO FORMAL, EDUCAÇÃO INFORMAL, EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Concebemos que o processo educativo é considerado vital no decorrer da vida. No contexto acima onde descrevemos a ‘escola’, ‘a rua’, e o ‘Projeto Sol, que não era escola’, estes se envolvem nos aspectos que caracterizam a formalidade, a informalidade, e a não-formalidade. Quanto às suas terminologias e aceções, principalmente no que se refere à educação informal e não-formal, muitos elementos são confundidos, o que tentaremos esclarecer mais adiante.

Consideramos o Projeto Sol inserido numa prática de educação não-formal, baseado nas seguintes definições:

Educação Formal: é caracterizada pela instituição de ensino clássico, ou seja, pela escola, num contexto sistematizado e hierarquizado e obrigatório.

Cury (1995, p. 105) reforça a idéia de ser esta “a educação que tem na escola seu ponto principal de referência”.

Educação Informal: considerada permanentemente ao longo da vida, ou seja, são processos espontâneos, que se dão naturalmente, de forma individual ou coletiva, por intermédio dos meios de comunicação de massa, leituras, na instituição familiar, na relação com os amigos, enfim. A educação informal ocorre nos diversos espaços e tempos conforme o envolvimento pessoal. Ainda em Cury encontraremos que,

Quando nascemos, nascemos dentro de um mundo já interpretado e que preexiste ao sujeito. Este horizonte interpretativo é pouco a pouco interiorizado pelos sujeitos. Estes, por sua vez, passam a rever o mundo de acordo com essa interpretação e a expressá-lo *segundo a situação social que os condiciona* (Ibidem, p.104).

Portanto, neste contexto de relações diárias, continuamos com Cury, (p. 105) quando nos esclarece que:

“o cotidiano, a experiência de vida, a família, são fontes informais de educação”(Ibidem, p.105).

Educação não-formal: a questão do tempo e espaço é estipulada de acordo com os interesses do grupo, o que nada impede um local definido. Também em relação aos conteúdos a serem discutidos, o que muitas vezes são os mesmos da escola formal, com estratégias diferenciadas, bem como os seus objetivos. Quanto aos objetivos deste tipo de educação, esta visa à participação, envolvimento e compromisso do indivíduo, consigo próprio e com o grupo, à ação proposta ou combinada por todos.

Portanto, a prática social é meio e não fim do processo de aprendizagem, a expressão ativa, participativa, no exercício centrado na cidadania, e não para a cidadania.

Na visão de Cury ”(1995, p.105),

educação não-formal é aquela que se pode definir educativamente em projetos de outras áreas. (...) Em confronto com a educação formal ela possui uma elasticidade muito grande, dado seu distanciamento em relação às regras burocráticas da sociedade política. Nessa distinção, a educação não-formal inclui, sem dúvida, os meios de comunicação de massa, os projetos de saúde e higiene públicas, a publicidade oficial ou não, os grupos da sociedade civil que se reúnem com finalidades comuns e específicas.

O Projeto Sol solidificou-se numa estrutura pública municipal, onde a hierarquia e algumas questões burocráticas eram pertinentes ao órgão público. O conceito de educação não-formal é o que melhor contempla a instituição em foco desta pesquisa, construída a partir de uma prática, porém, não é intenção que se limite a ele.

No caso do Projeto Sol, as possibilidades das ações educativas, bem como a liberdade de escolha e de diálogo, fortaleceram a construção de uma prática consistente, onde a ‘elasticidade’ ou flexibilidade favoreceram a diversidade de ações.

De acordo com Bezerra (2000, p.10),

a *flexibilidade* é uma das características centrais, tanto no que diz respeito à grande variedade de projetos que se enquadram no conceito, quanto à organização mais aberta e livre que esses projetos possuem. A flexibilidade e a liberdade de ação seriam fatores fundamentais na educação não-formal, possibilitando que se trilhe caminhos que a educação formal cercearia.

Assim, pode-se acrescentar um sincretismo de práticas sociais, elaboradas, planejadas e discutidas, onde a aprendizagem tornou-se consequência das mesmas, visando a coletividade do grupo em questão.

De acordo com Gohn(1999, pgs.103,104),

“as ações interativas entre os indivíduos são fundamentais para a aquisição de novos saberes, e essas ações ocorrem fundamentalmente no plano da comunicação verbal, oral, carregadas de todo o conjunto de representações e tradições culturais que as expressões orais contém”.

Desta forma, o confronto com as diferenças no sentido amplo do termo, seja, social, cultural, física, sugerem uma práxis mais dinâmica no sentido dialógico.

Gutierrez e Catani (2001, p. 74), ao abordarem questões sobre a participação e gestão escolar, discussões freqüentes nos meios acadêmicos e escolares, reforçam a necessidade

premente do diálogo, e da comunicação, onde (...)“o diálogo só pode ser verdadeiro e frutífero a partir de um esforço de aproximação onde todos tentem perceber e conhecer o outro em seu próprio contexto e a partir da sua própria história”.

De acordo com Almeida e Gutierrez (2004, p. 76), ao citarem Habermas com uma visão que “o mundo da vida é a base das relações humanas e toda nova forma de vida tem como base essa relação orgânica e social”.

O principal elemento norteador na proposta do Projeto Sol era a vida. A história de vida de cada um, com suas dificuldades, seus conflitos, seus sonhos de crianças e de adolescentes, o seu tempo, no tempo presente.

Podemos considerar um ponto alto na proposta educativa e social do Projeto Sol, onde se pensava a individualidade presente na dimensão humana, envolvendo os aspectos do desenvolvimento: cognitivo, afetivo, social, moral, cultural, histórico, motor, sem fragmentá-los e voltados para a coletividade.

Considerar o indivíduo como um ser único, é considerar a necessidade de elaborar propostas coerentes e significativas aos interesses, que contemplem o desenvolvimento dos aspectos citados. Pelo próprio histórico do Projeto Sol explorados, considerando a realidade dos participantes e dando a estes voz e vez, de seu cotidiano vivido.

O autor português Almerindo Janela Afonso(1992) nos contempla com a sua exposição num quadro comparativo aos tipos de aprendizagens considerando as características da educação formal e da não-formal.

A transposição do quadro abaixo é para que didaticamente contemple um efeito explicativo:

Escolas Tradicionais	Associações Democráticas para o Desenvolvimento
Apresentam um carácter compulsório	Apresentam um carácter voluntário
Dão ênfase apenas à instrução	Promovem sobretudo a socialização
Favorecem o individualismo e a competição	Promovem a solidariedade
Visam a manutenção do <i>status quo</i>	Visam o desenvolvimento
Preocupam-se essencialmente com a reprodução cultural e social	Preocupam-se essencialmente com a mudança social
São hierárquicas e fortemente formalizadas	São pouco formalizadas e pouco ou incipientemente hierarquizadas
Dificultam a participação	Favorecem a participação
Utilizam métodos centrados no professor-instrutor	Proporcionam a investigação-ação e projetos de desenvolvimento
Subordinam-se a um poder centralizado.	São por natureza formas de participação descentralizadas.

Quando falamos de educação formal é tácita a relação com a escola, ou seja, o ambiente escolar, conseqüentemente se desenvolve com a reprodução do saber. Pela própria ilustração acima, onde permeiam a obrigatoriedade, a pouca participação dos agentes envolvidos na construção do conhecimento. A tradição reforça a idéia de ‘pouca participação’ dos agentes envolvidos, pois isso já é um avanço nos dias de hoje, onde a escola sempre foi autoritária no sentido de ser a única detentora do saber, a transmissora, ou melhor, dizer, a reprodutora do saber instituído.

Hoje, se percebe uma maior abertura e por que não dizer, conscientização da grande diferença entre autoritarismo e autoridade, com diversas pesquisas e interesses no assunto. As discussões permeiam timidamente uma prática educativa mais participativa, uma gestão escolar mais democrática, com conselhos de pais; uma abertura necessária, mas ainda carregada pelo estigma de conservadorismo, onde na maioria das vezes esse estigma faz jus à questão.

Na educação não-formal que já discutimos acima, a flexibilidade e a liberdade tornam-se facilitadores das ações. Flexibilidade dos conteúdos e dos horários; centralização nas necessidades nos interesse e, no significativo.

Esclareceremos a seguir alguns pontos relevantes entre a educação não-formal e a informal que ainda encontra-se difuso no contexto das definições.

Tanto a educação não-formal como a informal, ocorrem em diversos locais determinados ou não, inclusive no espaço escolar, por exemplo, em situações de escolas abertas aos finais de semanas, o recreio escolar, enfim, o espaço físico escolar sendo aproveitado para as demais formas de aprendizagens, conforme as características citadas.

Uma diferença relevante entre a educação não-formal e a informal, segundo Gohn (1999, p. 100), refere-se à intenção:

“que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar”.

O presente estudo busca trazer à luz possíveis fundamentações teóricas para um trabalho que perdurou treze anos, e que no início foi intuitivamente desenvolvido. Com a necessidade de preencher um tempo liberado das obrigações escolares enfatizou-se o momento presente da infância e adolescência, por intermédio de práticas significativas e participativas.

De acordo com Gutierrez e Catani (2001, p. 74), quando concluem o texto sobre participação e gestão escolar, este no remete à questão de que devemos, “buscar construir comunicativamente o consenso pelo diálogo com todos os envolvidos(...)” e acrescentamos, seja nas três vertentes discutidas sobre a educação: formal, não-formal e informal.

3.3 EDUCAÇÃO FÍSICA FORMAL, EDUCAÇÃO FÍSICA INFORMAL E EDUCAÇÃO FÍSICA NÃO-FORMAL

No presente estudo a preocupação em preencher um tempo liberado de crianças e adolescentes após o período escolar, exigiu o envolvimento de algumas disciplinas foram definidas como básicas para contemplar esta lacuna do dia. Algo que estimulasse à arte no seu sentido amplo; o interesse pelos estudos de literaturas; a importância da iniciação esportiva, da dança, e sempre por intermédio do lúdico. Desta forma podemos dizer que as disciplinas Educação Artística, Educação Física e Pedagogia formaram os pilares sustentadores da proposta do Projeto Sol.

Como já citado no relato histórico do Projeto Sol, objetivou-se buscar novas formas para o desenvolvimento da proposta e que esta não se limitasse nas particulares das disciplinas utilizadas de modo fragmentado. A intenção era explorar todos os aspectos do desenvolvimento humano tendo nessa estratégia, os meios e não os fins para aprendizagem.

Quando nos reportamos a qualquer área do conhecimento, pensamos primeiramente no ambiente escolar. Na sistematização dos conteúdos e no Projeto Sol não foi diferente.

Podemos dizer que a primeira referência foi à escola formal, e pela prática do cotidiano, de certa forma, propiciou intuitivamente a descoberta de outras possibilidades que visassem a transformação e não a reprodução do sistema de ensino vigente.

O ponto de partida era o repertório de conhecimentos trazidos pelas crianças e adolescentes, por meio de sua cultura imbuída de símbolos, valores e tradições. Estes conhecimentos adquiridos pela educação informal, por exemplo, a família e os trazidos da educação formal da escola e outras instituições como no caso desta pesquisa a APAE, responsável por muitos valores e desenvolvimentos.

No contexto desta discussão devemos ressaltar a categorização elaborada por Costa (1988), a respeito da Educação Física e Esportes, a saber:

Educação Física e Esportes Formais: como o próprio nome sugere, conserva as formalidades do tradicionalismo, onde o padrão ortodoxo ainda resiste, desconsiderando a individualidade e a cultura. Ocorre a valorização da técnica e da ciência aplicada indiferentemente às diferenças individuais;

Educação Física e Esportes Informais: é a atividade espontânea, segundo Costa (1988, p. 19), é de “predomínio das pessoas”. O que por sinal é comum nos finais de semana, onde o lazer é aliado ao tempo livre;

Educação Física e Esportes Não-Formais: segundo Costa (1988, p. 19) “são parcialmente institucionais”; há mediação do profissional com o participante, ocorre a adaptação da atividade física, considerando as realidades social e cultural, por meio das características e interesses individuais e do grupo. A técnica e a ciência não são descartadas.

A partir destas categorias da Educação Física e Esportes Formais, Informais e Não-Formais (FIN) elaboradas por Costa (1988), que contemplam o referido projeto de pesquisa, concebemos um quadro ilustrativo para dar maior visibilidade ao assunto.

Educação Física e Esportes Formais	Educação Física e Esportes Informais	Educação Física e Esportes Não-Formais
Caráter obrigatório.	Caráter não obrigatório.	Caráter não obrigatório e sim de compromisso.
O espaço é o escolar.	O espaço não é pré-determinado.	O espaço pode ou não ser determinado.
A presença do professor é fundamental.	A mediação é espontânea e dispensável.	A mediação não compete exclusivamente ao professor.
Rigidez nas regras, horários e conteúdos.	Descarta-se a formalidade das regras, horários e conteúdos.	Há maior flexibilidade nas regras, horários e conteúdos.
Sugere a interação e participação.	A participação é espontânea.	Favorece a participação e interação.
A técnica é importante.	A técnica não é importante, e sim consequência.	A técnica não é descartada, nem torna-se prioritária.
A competição é considerada.	A competição pode ocorrer independente do seu resultado.	A competição não é estimulada, é circunstancial.

De fato o entendimento da Educação Física dentro do Projeto Sol, como uma instituição não-formal coerentemente possibilitou uma prática que visasse a diminuição das disparidades sociais, e que incentivasse a solidariedade.

A prática desta categoria Educação Física e Esportes Não-Formais, aliada à instituições não escolares ou não-formais, no caso o Projeto Sol constituiu um desafio permanente do profissional que, segundo Stucchi (1999, p. 53), “reforça a idéia da existência de uma realidade de propostas através de instituições não educacionais para a educação continuada, que promovem atividades de múltiplas formas objetivando preencher o tempo livre das pessoas”.

3.4 O LAZER

A *informalidade* do contexto pelo qual se desenvolve este trabalho é uma condição de preparação para liberdade de escolhas que se pretende por meio de um processo continuado de educação.

Os indivíduos e os grupos sociais passam a utilizar determinadas práticas na medida da sua valorização e no reconhecimento de seus significados. Sendo assim, estes exercícios que motivam esta vivência deverão selecionar conteúdos culturais que melhor promovam identificações e atendimento às suas necessidades. Podemos destacar aqui particularmente os gostos, tendo grande aceitação os relativos à sensação do “prazer” conforme Gutierrez (2001, p. 13) “categoria esta fundamental para a pesquisa do objeto lazer”.

Para chegar no grau mais evoluído de escolha de um conteúdo e, este se tornar uma cultura de prática, o processo da *não formalidade*, no caso do Projeto Sol Morumbi, foi intermediário, exercendo grande influência no curso dessa formação.

Viver em sociedade exige a participação da educação na cidadania, seja nos mais variados grupos como na família, na escola, no trabalho, enfim, significados e significantes independentemente da faixa etária.

Esta forma de organização da sociedade em que vivemos, incluiu-se o reconhecimento e o acesso aos conteúdos do lazer. Além disso, hoje, este processo também deve favorecer, o que de mais puro existe na essência do ser humano, ou seja, o lúdico para os momentos de tempo livre, incluindo outros compromissos criados pela sociedade como família, religião e política. É fundamental o aspecto lúdico das sensações do ser humano, elemento de sua essência por natureza, característica que deve ser preservada e fortalecida pelo processo educativo continuado. Dentro disso podemos entender a abordagem do lazer de forma direta do referido projeto de pesquisa no contexto educacional, no usufruto do seu tempo livre pelo lazer.

Utilizar o lazer como categoria de análise para sua demanda e oferecimento por meio das organizações exigem dizer que seu significado passou por diferentes etapas ao longo dos tempos. Em épocas remotas, era apenas um simples instinto animal para com os envoltórios nos rituais do cotidiano, nas tarefas exigidas para a sobrevivência. Davam-se nos jogos e nas festas, pois faziam com que os homens se reunissem em rituais de celebração para as diferentes atividades como sendo as coisas mais importantes para as suas relações.

Num segundo momento, na sociedade pré-industrial o trabalho e o tempo livre obedeceram a ritmos influenciados pelos ciclos naturais do dia e da noite, do clima quente e frio, das estações do ano, pelo semear e a colheita e por um grande misticismo. A necessidade de respeitar os diferentes momentos influenciados pela natureza e seus fenômenos ditou comportamentos, interferindo nessa essência humana refletindo nas relações grupais.

Em seguida inicia a ordem cronológica do tempo mecânico imposto pela necessidade de produção das fábricas, configurando uma nova organização social conhecida como sociedade industrial. Esta fase modificou sobremaneira o estado de espírito do homem lúdico, tornando-o parte de uma linha de montagem quase sem sentido natural, apenas mecânico e industrial.

Atualmente com o desenvolvimento da tecnologia e da cibernética que interfere em todas as esferas produtivas, o tempo livre e o tempo de trabalho apresentam modificações nas relações entre os tempos e as atitudes da sociedade. Conforme algumas características apresentadas nessas relações, cada vez mais, o trabalho passa a liberar o homem de seu escritório industrial. Está sendo criada uma liberdade que não aparece de forma rotulada, e sim, de maneira indireta. É um tempo que deve ser valorizado com outros significados apresentando alternativas crescentes e diversificadas de práticas sociais. Portanto, o tempo de lazer vem ganhando possibilidades cada vez maiores diante dos novos envolvimento das obrigações com os divertimentos, conforme Dumazedier (1980).

Com uma industrialização ainda em constante evolução e agora numa outra fase, o envolvimento do homem com o sistema produtivo sofre modificações que interferem na maneira como viver seu dia-a-dia. Além disto, um outro fator decisivo foi quanto a formação das cidades e uma problemática urbanística que forçou o homem a conviver num ambiente cada vez mais difícil. Devido o aumento do número de pessoas no mesmo espaço, das distâncias entre residência e trabalho, da qualidade das relações sociais e outros fatores, inclusive a própria indústria de transformação.

Com essa modificação, o lazer considerado no sentido da existência de um período de tempo desvinculado das obrigações, no qual o homem desenvolve um estado de espírito propício, deve ser apoiado por um conjunto de 'conteúdos culturais' para livre escolha e que foram ensinados. Estes conteúdos são anunciados por Dumazedier (1980, p.19) que propôs algumas categorias de atividades com a intenção de facilitar a compreensão do envolvimento do

homem nas maneiras de se preencher o tempo livre. Ao referenciar este autor, torna-se importante citar sua influência nos “antigos” estudos mundiais do lazer. Assim, para ele lazer foi inicialmente entendido como:

...um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de bom grado, seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora, depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais.

Essa dimensão do conceito de lazer apresentada por Dumazedier como um “conjunto de ocupações” antes desvinculadas das principais instituições sociais, agora exige uma outra análise atendendo as preocupações do tema deste estudo.

Uma vez que estamos interessados nas influências de uma educação não escolarizada, os diversos conteúdos do lazer ganham destaque, nas respostas obtidas nesta pesquisa. Os interesses pelos conteúdos culturais do lazer ganham valores reforçados pelo Projeto Sol em suas várias unidades, complementando, sem este ser o objetivo da proposta, a escola formal.

Como contribuição para uma maior relevância na construção dos interesses no campo do lazer, estes podem ser entendidos nas suas especificidades, segundo Dumazedier (1980), como conteúdos culturais. Consideramos estes conteúdos como desenvolvimento dos domínios intelectual/cognitivo, social/afetivo, artístico/estético, físico/motor, manual/criativo.

Posteriormente Camargo (1986) acrescenta o turismo (turismo/geopolítico) de relevante importância para este tema, mostrado como uma atividade fortemente relacionada aos tempos da instituição não-formal com suas derivações. O conteúdo turístico do lazer, pela sua potencialidade, traz mais subsídios para compreensão do comportamento social no lazer. Este conteúdo indica um tempo utilizado nas mudanças de lugares, saídas das rotinas e na valorização da convivência social, o que por sinal, foi ponto relevante nas lembranças dos egressos do Projeto Sol Morumbi.

As atividades entendidas no contexto deste trabalho como conteúdo do lazer desvinculado de obrigatoriedade, sugere a liberdade pela qual os autores se referem. Eles consideram também que todas as práticas, quando obrigatórias, apresentariam um outro significado, tornando-se inevitavelmente um trabalho, a exemplo da escola formal.

No sentido de reforçar a intenção da compreensão do significado do lazer para este estudo, o aspecto lúdico deverá ser considerado elemento norteador do processo de aprendizagem. Podemos dizer, o meio para valorizar o estado de espírito da alegria de fazer. Portanto, os procedimentos certamente poderão propiciar participações criativas e de desenvolvimento.

As experiências com os conteúdos dentro de um tempo e um lugar específicos – Projeto Sol Morumbi - no dia-a-dia das pessoas, denota segundo Bramante (1998, p. 9), “uma dimensão privilegiada de expressão humana, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo, enriquecida pelo seu potencial socializador”.

O autor descreve esta práxis, mostrando o lazer num sentido essencialmente humano de ser e estar, apresentando uma dimensão abstrata e uma outra concreta.

Perfeitamente adequado às necessidades de uma realidade observada na sociedade atual, o envolvimento nos conteúdos determinados denota um privilégio de participação em comparação às muitas impossibilidades decorrentes de distúrbios sociais. Estes distúrbios podem de alguma forma, vir a impedir essa participação. Esse autor refere-se a uma participação altamente criativa e sociabilizante da prática dos conteúdos que são pertinentes no contexto do valor do grupo, reforçado no caso desta pesquisa.

Toda essa conjuntura possível de participação poderá educar o sujeito a optar por caminhos a serem trilhados. Trabalho, produção e mercado ainda são palavras de ordem com muita força em seus vários significados que, por uma certa lógica, se ligam às atividades muito mais pelo sentido do lucro financeiro e do sacrifício. Apenas ainda tangenciando o sentido de lazer para sua valorização em parceria com as outras esferas da vida em sociedade.

A existência do tempo que se percebe e se conquista fora do trabalho, passa a ter um significado diferenciado do tempo gasto na produção de bens. O lazer gera satisfação pessoal, e isso deveria ter valor tão importante quanto o de produzir algo que se reverta em lucro financeiro.

Até agora, a concepção de lazer vem se estabelecendo como sendo um estado de espírito alcançado pelos sujeitos na prática do conteúdo escolhido no tempo livre. Assim, verificamos na obra de Marcellino (1996, p.50) a existência de uma dimensão denominada “duplo processo educativo” e que vem reforçar nossas intenções em que, as ações coordenadas e

vivenciadas dentro de um processo de ensino e aprendizagem, apresentam dois aspectos dos conteúdos do lazer, até aqui utilizados:

Praticamente todos os autores ligados aos estudos do lazer reconhecem esse duplo aspecto educativo. Trata-se de um posicionamento baseado em duas constatações: a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; a segunda, que para a prática das atividades de lazer é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação aos conteúdos culturais, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e pela criatividade. Verifica-se, assim, um duplo processo educativo - o lazer como veículo e como objeto de educação.

Os conteúdos do lazer dentro de um processo educativo podem ser passíveis de constantes recriações, de modo que, a forma de participação deve ser adquirida por meio da aprendizagem e, posteriormente, reconhecida por todos. Pressupõe-se uma evolução da participação e consumo desses conteúdos no tempo livre, quando ao sujeito é dada garantia de participação na política de sustentação, visando permitir a evolução dos níveis – elementar, crítico e criativo – os quais o autor se referiu.

As pessoas têm por direito o acesso à educação básica formal, e podemos constatar a necessidade de vivenciar outras formas de práticas educacionais, como neste caso o Projeto Sol Morumbi.

Esta questão é premente nos objetivos da educação, para tanto, o direcionamento atual da escola de tempo integral.

Ainda utilizando as idéias de Marcellino (1992, p. 314), na compreensão dos significados dessas práticas as quais nos referimos acima, este nos fala de um conteúdo em sua “especificidade concreta” como sendo um componente da cultura que, em momento algum, pode ser analisado de forma isolada. Contudo, se visto isoladamente, praticado aqui ou ali, fica subentendido em sua “especificidade abstrata”, de forma que também pode ser interpretado e ligado às concepções “funcionalistas, compensatórias e reforçadoras” de desigualdades sociais.

Na prática dos conteúdos do lazer, apesar de todo o desenvolvimento tecnológico que temos e reconhecemos, ainda podemos verificar muitas situações que reforçam as diferenças individuais, caracterizando um “todo inibidor” como algo grandioso e difícil de se atingir. Os astros e estrelas exaltados pelos meios de comunicação de massa, na dimensão

denominada de espetáculo, chegam até a grande massa, passando a exercer forte influência na perseguição e frustração da conquista de um certo estado superior.

Em contraposição a influência de um espetáculo e seus mitos, o lazer, segundo Marcellino, está numa dimensão em que:

...como a cultura – é compreendido em seu sentido mais amplo - vivenciado (praticado ou fruído) no ‘tempo disponível’. É fundamental, como traço definidor, o caráter ‘desinteressado’ dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.

No presente estudo, as atividades desenvolvidas de forma lúdica, no sentido de tanto ampliar como descobrir conteúdos culturais, permearam o conhecimento adquirido nas diversas instituições da educação consideradas informal como a família, a igreja, e a formal, escola.

O lazer identificado neste trabalho nos reporta a reflexão do autor Gustavo Gutierrez (2001, p.7), considerando o lazer como “atividade não obrigatória de busca pessoal do prazer no tempo livre”(…).

O autor nos descreve nesta obra sobre a diferença entre “sentir prazer e buscar prazer”, o que nos fez refletir no caso desta pesquisa onde os egressos do Projeto Sol Morumbi, buscavam prazer, eram motivados por esta busca.

As brincadeiras, os jogos, os amigos, os professores, a refeição foram elementos para esta busca do prazer. E considerando um ponto importante, é que nem sempre essa expectativa se consumava, e conseqüentemente a necessidade do constante diálogo no processo da aprendizagem, como continua Gutierrez (2001, p.7):

(…) “o lazer não pressupõe necessariamente a consumação do prazer. Seu compromisso é com a busca do prazer, com a luta por uma sensação de prazer que pode, ou não, vir a ocorrer”.

Fica muito claro que todos os argumentos apresentados na tentativa de esclarecimento do conceito de lazer, permanecem vinculados a algum tipo de compromisso, neste caso, inserido numa proposta de educação sócio-educativa específica na cidade de Paulínia.

CAPÍTULO IV

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir de uma experiência profissional voltada para a disciplina de Educação Física em uma instituição não-formal o presente estudo buscou analisar, por meio de dados bibliográficos, documentais e entrevistas, a contextualização de uma experiência educacional resultante dos depoimentos dos ex-freqüentadores, hoje adultos, que vivenciaram esta prática na sua infância e adolescência.

Trata-se da instituição Projeto Sol, na cidade de Paulínia-SP, onde o presente estudo é desenvolvido com os ex-freqüentadores do referido projeto no bairro Morumbi daquela localidade. A escolha desse núcleo se deu pela vivência da pesquisadora nessa unidade e por ser a primeira Professora de Educação Física desta instituição.

Tendo como ponto de partida o levantamento da coleta de dados do Projeto Sol, resgatou-se o referencial teórico do primeiro Projeto escrito em 1986, pela equipe chamada de apoio e os demais documentos publicados pela mídia local na época, bem como os registros de matrículas dos freqüentadores, os registros escritos guardados pelos professores, fotografias, especificamente do núcleo Morumbi.

Por intermédio do primeiro documento registrando as intenções de uma prática educacional que extrapolasse os padrões ortodoxos da escola formal, e que de certa forma privilegiasse a educação, a cultura, em seus sentidos amplos, constata-se uma história de treze anos de existência.

O segundo passo da pesquisa, foi por intermédio do Livro de Matrícula da época tentar localizar os ex-freqüentadores do núcleo Morumbi.

O terceiro passo, foi entrevistar o ex-prefeito Dr. Benedito Dias de Carvalho, principal idealizador da proposta educacional não-formal na cidade de Paulínia. A entrevista foi concedida em 25 de Maio de 2004, e gravada utilizando um micro gravador e posteriormente transcrita na sua íntegra.

Como quarto passo desta pesquisa, foi feita entrevista com a Professora Maria Luiza Rodrigues de Vasconcelos, uma das integrantes da Equipe de Apoio do Projeto Sol, que

também colaborou na criação da proposta tanto com a teoria como com a prática neste projeto de educação, pioneiro no município de Paulínia. A entrevista foi gravada no dia 11 de Junho de 2004, o material utilizado e sua transcrição recebeu o mesmo tratamento que a entrevista anterior.

E por fim, a entrevista com o arquiteto Izaak Vaidergon realizada em 06 de Junho de 2005 responsável pelo projeto arquitetônico do Projeto Sol. Igualmente às entrevistas anteriores, essa recebeu o mesmo tratamento.

A trajetória do Projeto Sol foi uma constante construção e a importância desse registro é conhecer se as experiências vividas num contexto sócio-educacional diferentemente da escola formal, outorgam avaliações pertinentes à esse tipo de educação, estendendo para todos de uma maneira geral.

Nessa pesquisa concebeu-se uma compilação de dados, pois há uma trajetória de treze anos, igualmente ao tempo de duração do Projeto Sol pela pesquisadora desta ação. Como já citado acima, a pesquisadora em questão foi a primeira Professora de Educação Física do núcleo Morumbi, a primeira Orientadora Pedagógica dos quatro núcleos, quais eram, João Aranha, Monte Alegre, Morro Alto e Morumbi, durante cinco anos e, posteriormente Diretora do núcleo Morro Alto de Janeiro de 1998 a Dezembro de 2000.

Estabelece-se, pela aplicação e estudo de experiências concretas, um panorama geral dessa trajetória, e não flashes de momentos estanques e muitas vezes descontextualizados à própria realidade.

Trata-se de um refazimento da memória pelas experiências vividas entre gerações. Por um lado, que ocorreu na infância e adolescência, portanto hoje são homens e mulheres com possibilidades de testemunharem as transformações por que passaram com uma visão do universo adulto. Por outro, a professora recém formada, ou seja, tentando juntar a teoria com a prática nos conhecimentos adquiridos nos bancos da universidade, inserida numa proposta que não foi sequer discutida pela universidade na década dos anos 80.

E hoje com o aprendizado da vida, nos momentos da educação formal, da não-formal e da informal, revive e ao mesmo tempo descobre por suas lembranças e pelas lembranças dos que foram crianças e adolescentes, histórias escritas por momentos vividos juntos.

Portanto, parte-se para uma pesquisa observacional descritiva, qualitativa, de uma população específica, qual foi o Projeto Sol Morumbi na cidade de Paulínia, em forma de um questionário estruturado com questões abertas, semi-abertas e fechadas.

A forma de envio dos questionários foi de cunho pessoal. Algumas pessoas foram localizadas por meio de consulta ao livro de matrícula da época, pois moravam no mesmo local, ou parte da família residia no mesmo endereço. Outras foram encontradas por terem contato com ex-professor, como o de Educação Artística que leciona na Escola de Ensino Supletivo do município e tem contato com alguns dos ex-freqüentadores do Projeto Sol Morumbi, ou com pessoas da família. A pesquisadora deste trabalho que exerce a função de diretora escolar de educação infantil (EMEI) no prédio do extinto Projeto Sol do bairro Morro Alto, nessa transição também reencontrou muitas pessoas.

A ex-diretora do núcleo Morumbi, hoje na mesma função da escola de educação infantil, que era o antigo prédio do Projeto Sol, e com a sua extinção o espaço foi adaptado para esta faixa etária onde os filhos dos ex-freqüentadores estudam sob uma outra denominação.

E, conforme os encontros foram acontecendo, os próprios ex-freqüentadores envolvidos nessas lembranças, colaboraram na entrega do questionário para quem encontrassem. Foram distribuídos setenta e quatro questionários, e respondidos quarenta e oito, ou seja, 65% desta amostragem.

As perguntas elaboradas para o questionário da referida pesquisa, estão classificadas segundo Lakatos e Marconi (1991, p. 204), como:

- “Perguntas Abertas: também chamadas livres ou não limitadas, são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões;
- Perguntas Fechadas ou dicotômicas: também denominadas limitadas ou de alternativas fixas, são aquelas que o informante escolhe sua resposta entre duas opções;
- Perguntas de múltipla escolha: são perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo várias facetas do mesmo assunto”.

Nesta pesquisa utilizamos também questões, segundo as autoras acima, tricotômicas, ou seja, “quando é acrescentado mais um item”, (ibidem, 205).

Baseado nas definições acima utilizaremos os termos questões abertas, fechadas e semi-abertas, contendo o mesmo teor das definições acima.

O questionário, portanto, foi dividido em quatro blocos, com questões abertas, objetivando contemplar um panorama geral dos ex-participantes e verificar, por meio das lembranças desta experiência educacional na cidade de Paulínia, que influências aquelas vivências tiveram em suas vidas, avaliadas nos dias de hoje.

Quanto às questões semi-abertas, solicitou-se uma explicação além da resposta fechada. E nessa etapa foi possível descobrir influências das estratégias pedagógicas do Projeto Sol que era utilizada na época, quanto a sua organização de tempo, suas opções de escolha nas atividades mais dirigidas e livres.

São elementos importantes quanto à percepção destes ex-freqüentadores do sistema formal de ensino e o não-formal, e sobre as atividades físicas praticadas. A seguir descreveremos com maior detalhe cada bloco da pesquisa.

4.2 DESCRIÇÃO DOS BLOCOS DE QUESTÕES

Aos blocos da referida pesquisa concebe-se um fator relevante na história do Projeto Sol. Registraram-se anos depois por uma profissional que desde o início participou desta proposta sócio-educacional, que foi inovadora na cidade de Paulínia. Uma proposta preocupada com a prevenção de riscos sociais, ou seja, que as crianças e adolescentes estivessem expostos à violência social. Sendo assim, com a oportunidade de novos conhecimentos no sentido amplo do termo, e o direito a exercer sua cidadania no momento presente da ação educativa.

Destacamos os quatro blocos e seus conteúdos da pesquisa em questão.

BLOCO 1

Eu...
Imperfeito? Incógnito? Divino?
Não sei...
Eu...
Tive um passado? Sem dúvida...
Tenho um presente? Sem dúvida...
Terei um futuro? Sem dúvida...
A vida que pare de aqui a pouco...
Mas eu, eu...
Eu sou eu,
Eu fico eu,
Eu...

(Álvaro de Campos)

Sobre a identificação: nome, data de nascimento, idade, sexo, estado civil, se possui filhos, escolaridade, profissão, se está inserido no mercado de trabalho, quantas horas diárias de trabalho e renda mensal.

Neste bloco, considerou-se a realidade sócio-econômica e educacional no contexto atual destas pessoas.

BLOCO 2

*Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!
Como são belos os dias
Do despontar da existência!(...)*

(Casemiro de Abreu)

Neste bloco, iniciou-se uma viagem no tempo, de uma época da infância e adolescência com suas lembranças.

Duas questões abertas permearam este bloco: a época em que frequentou o Projeto Sol; e o relato de algumas lembranças.

BLOCO 3

*Fica decretado que,
a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer,
o dia inteiro,
abertas para o verde
onde cresce a esperança.*

(Thiago de Mello)

Neste bloco estabelece-se maior visibilidade dos ex-freqüentadores em relação às suas lembranças e conseqüentemente das aprendizagens adquiridas.

Estabelecem-se questões pertinentes à rotina do Projeto Sol; sobre a liberdade de escolha das atividades; sobre esta opção de escolha; em relação à convivência com os colegas; a contraposição do sistema formal de ensino; se as atividades desenvolvidas no Projeto Sol contribuíram para o melhor desempenho na escola formal e para a sua formação pessoal; se praticava atividades físicas no Projeto Sol e em caso afirmativo comentar algumas destas atividades.

Baseada nas questões fechadas, neste bloco complementa-se as referências citadas com três questões semi-abertas. A primeira, relacionada com a rotina do núcleo em relação a divisão do tempo das atividades e solicita-se uma justificativa se gostava ou não dessa organização.

A segunda questão semi-aberta, refere-se a contraposição no relacionamento com os colegas do Projeto Sol com a escola formal. E por fim, a terceira e última questão do bloco três refere-se às atividades físicas desenvolvidas no Projeto Sol, e caso as praticassem na época, citar algumas que fazem parte deste rol de recordações.

BLOCO 4

*Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.*

(Ricardo Reis)

Buscaram-se referências quanto às vivências que tiveram no Projeto Sol. Das coisas boas, coisas ruins e de todas essas experiências o que foi aproveitado para a vida hoje, de homens e mulheres que deixaram o mundo infantil no passado, e com as vivências construíram o presente.

Neste panorama estabeleceu-se a importância do Projeto Sol na cidade de Paulínia, especificamente uma educação não-formal no desenvolvimento pessoal, abrangendo os aspectos cognitivo, afetivo, social, moral, perceptivo motor, cultural e histórico.

Os dados do referido questionário foram coletados e transportados para planilhas do EXCEL, e transformados em gráficos em formato de “pizza”. Foram dezessete gráficos com as referidas porcentagens e numerados na seqüência coletados da pesquisa. Porém o gráfico dezoito que se refere ao ‘Tempo de Permanência’ no Projeto Sol Morumbi e o gráfico dezenove que se refere ao ‘Motivo da Desistência’ em freqüentar o mesmo núcleo tiveram suas tabulações obtidas dos Livros de Matrículas da época.

Quanto às questões semi-abertas e abertas foram analisadas por bloco de acordo com o solicitado, verificando-se os pontos de congruência das respostas com os objetivos do Projeto Sol. A rotina do dia-a-dia, a contraposição da educação formal com a não-formal, as atividades físicas que praticavam, e relevância do que foi bom, e do que consideravam ter sido ruim, e o que se observa hoje como produto dessa experiência.

Seguem-se nos itens 4.3. os gráficos e as respectivas explicações dos dados coletados referentes às questões fechadas, e no 4.4. as análises das questões semi-abertas e abertas relacionadas com os objetivos que o Projeto Sol propunha aos participantes.

Para melhor compreensão, visibilidade e descrição das lembranças no entrelaçamento dos objetivos do Projeto Sol, algumas foram transcritas no corpo do texto conforme análise no item 4.4. e descritas na íntegra nos anexos.

4.3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA DOS EGRESSOS DO PROJETO SOL MORUMBI

GRÁFICO 1: QUESTIONÁRIOS

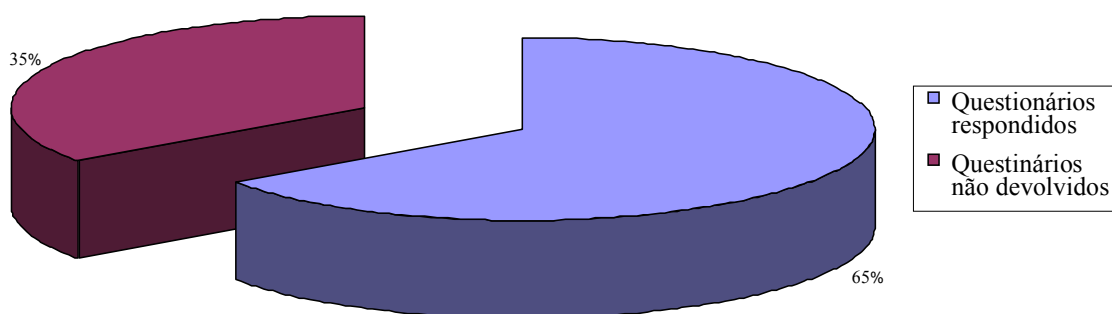


GRÁFICO 1: Foram enviados 74 questionários aos ex-freqüentadores do Projeto Sol – Morumbi. Destes, 48 foram devolvidos respondidos, ou seja, 65% desta população.

GRÁFICO 2: IDADE

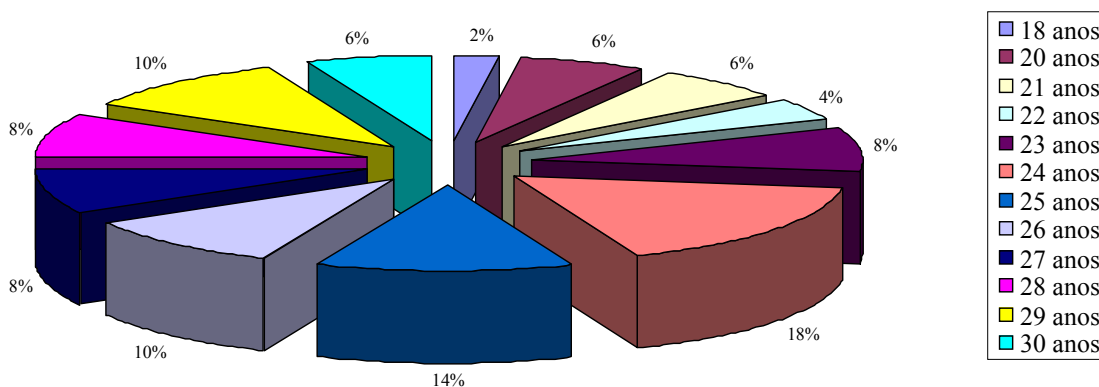


GRÁFICO 2: Demonstra a idade dos ex-freqüentadores, variando entre 18 e 30 anos. Sendo 2% ou seja 1 pessoa com 18 anos; 6% ou 3 pessoas com 20 anos; 6% ou 3 pessoas com 21 anos; 4% ou 2 pessoas com 22 anos; 8% ou 4 pessoas com 23 anos; 18% ou 8 pessoas com 24 anos; 14% ou 6 pessoas com 25 anos; 10% ou 5 pessoas com 26 anos; 8% ou 4 pessoas com 27 anos; 8% ou 4 pessoas com 28 anos; 10% ou 5 pessoas com 29 anos e 6% ou 3 pessoas com 30 anos.

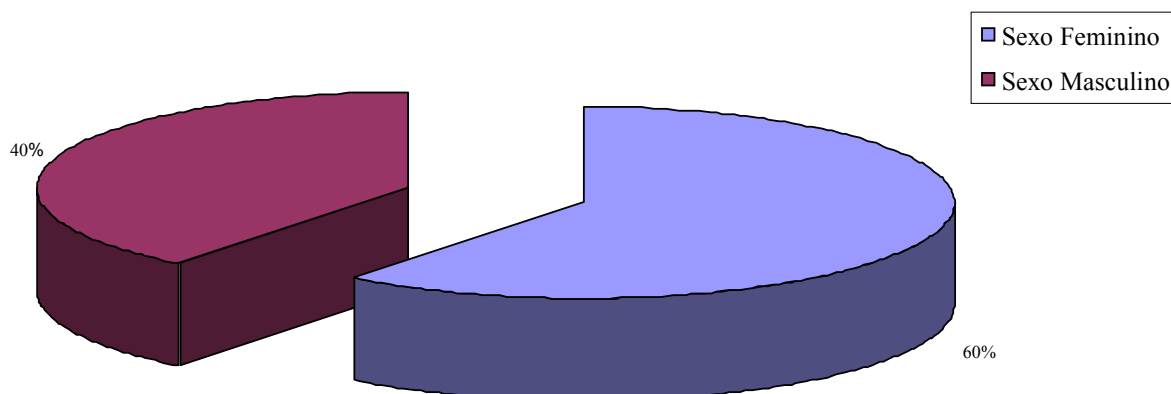
GRÁFICO 3: GÊNERO

GRÁFICO 3: Na amostragem das pessoas que responderam o questionário, 60% ou 29 pessoas são do sexo feminino e 40% ou 19 pessoas são do sexo masculino.

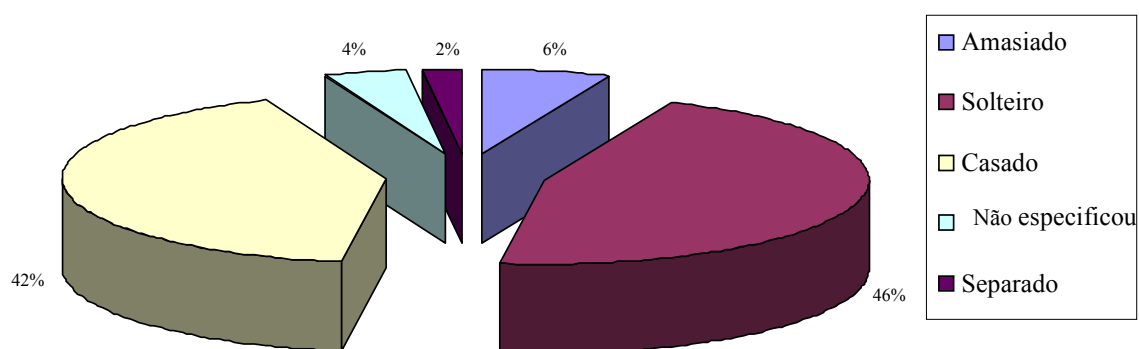
GRÁFICO 4: ESTADO CIVIL

GRÁFICO 4: Neste item considerou-se o termo utilizado pelos próprios ex-freqüentadores, classificado de acordo com a sua referência quanto ao seu estado civil. Constatou-se que 46% ou 22 pessoas são solteiras; 42% ou 20 pessoas são casados; 6% ou 3 pessoas são amasiados; 4% ou 2 pessoas não especificaram e 2% ou 1 pessoa é separada.

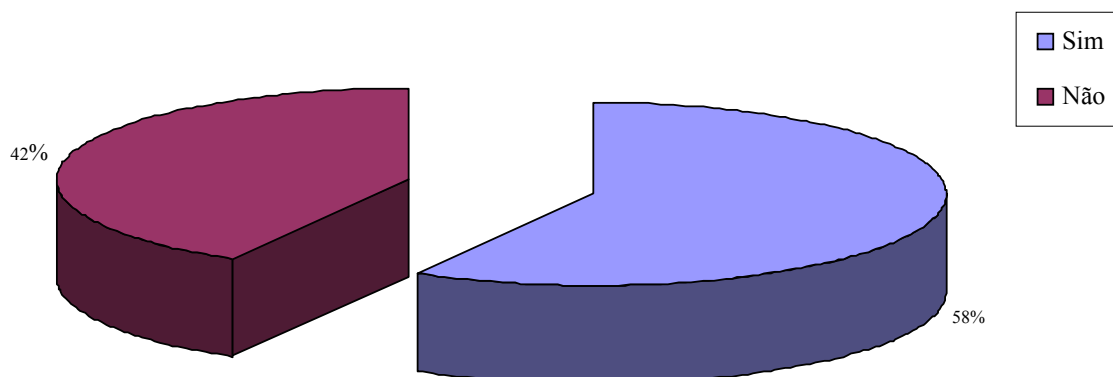
GRÁFICO 5: FILHOS

GRÁFICO 5: Este gráfico demonstra que 58% ou 28 pessoas possuem filhos e 42% ou 20 pessoas não possuem filhos.

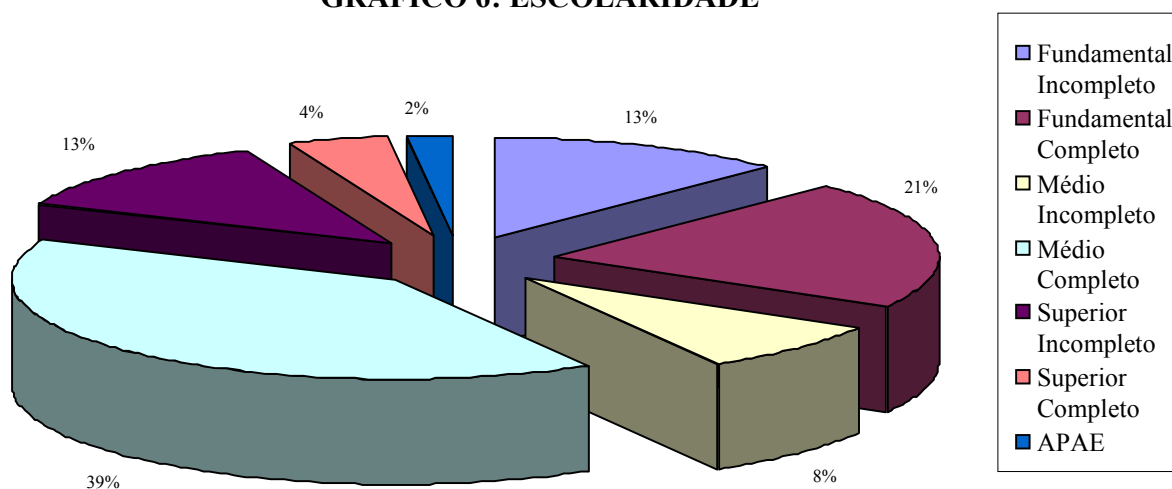
GRÁFICO 6: ESCOLARIDADE

GRÁFICO 6: Considera-se nesta classificação sobre a Escolaridade o seguinte:

Fundamental Incompleto: a não conclusão das 8 séries do 1º.Grau. Portanto, 13% ou 6 pessoas não concluíram este grau de escolaridade.

Fundamental Completo: a conclusão das 8 séries do 1º.Grau. Portanto, 21% ou 10 pessoas concluíram esta etapa da escolaridade.

Médio Incompleto: a não conclusão das 3 séries do 2º.Grau. Portanto, 8% ou 4 pessoas estão nesta faixa.

Médio Completo: a conclusão das 3 séries do 2º.Grau. Portanto, 39% ou 19 pessoas aqui se incluem.

Superior Incompleto: a não conclusão do 3º.Grau (ensino superior). Portanto, 13% ou 6 pessoas estão nesta fase de escolaridade.

Superior Completo: a conclusão do ensino superior. Portanto, 4% ou 2 pessoas estão nesta fase de escolaridade.

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE): 2% ou 1 pessoa com necessidades especiais que frequenta esta instituição.

GRÁFICO 7: TRABALHA

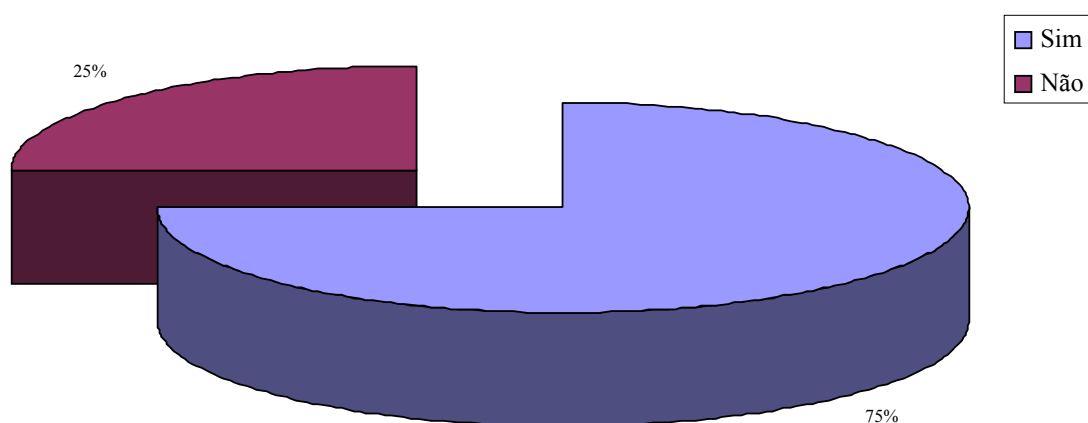


GRÁFICO 7: Este gráfico demonstra que 75% ou 36 pessoas desta população possuem vínculo empregatício, seja como autônomo ou empregado de alguma indústria, comércio ou órgão público. E 25% ou 12 pessoas não trabalham.

GRÁFICO 8: HORAS DIÁRIAS DE TRABALHO

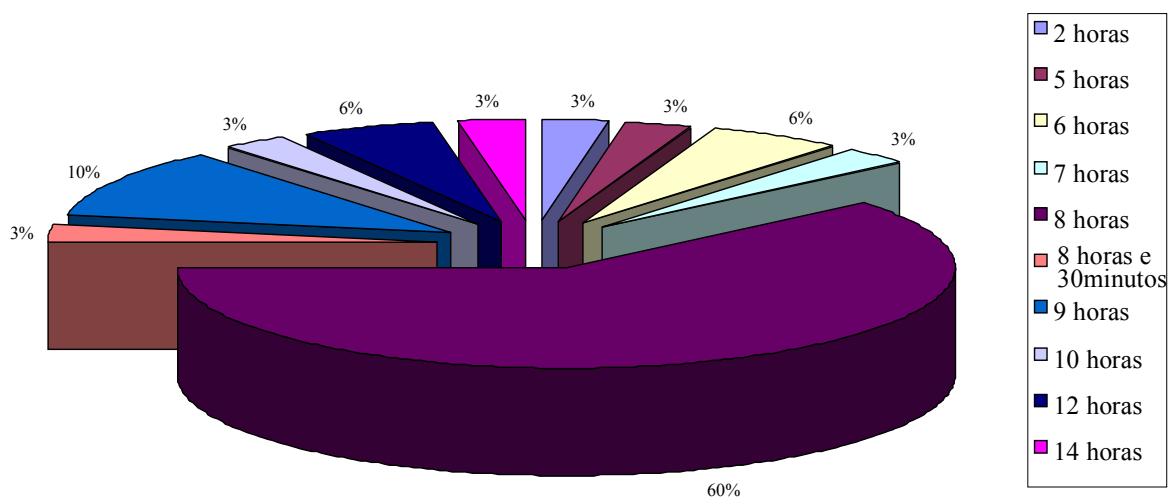


GRÁFICO 8: Considerando-se os dados acima, destes 75% que trabalham, as horas diárias variam entre 2 e 14 horas. Sendo 3% ou 1 pessoa trabalha 2 horas; 3% ou 1 pessoa trabalha 5 horas; 6% ou 2 pessoas trabalham 6 horas; 3% ou 1 pessoa trabalha 7 horas; 60% ou 22 pessoas trabalham 8 horas; 3% ou 1 pessoa trabalha 8 horas e 30 minutos; 10% ou 4 pessoas trabalham 9 horas; 6% ou 2 pessoas trabalham 12 horas e 3% ou 1 pessoa trabalha 14 por horas dia.

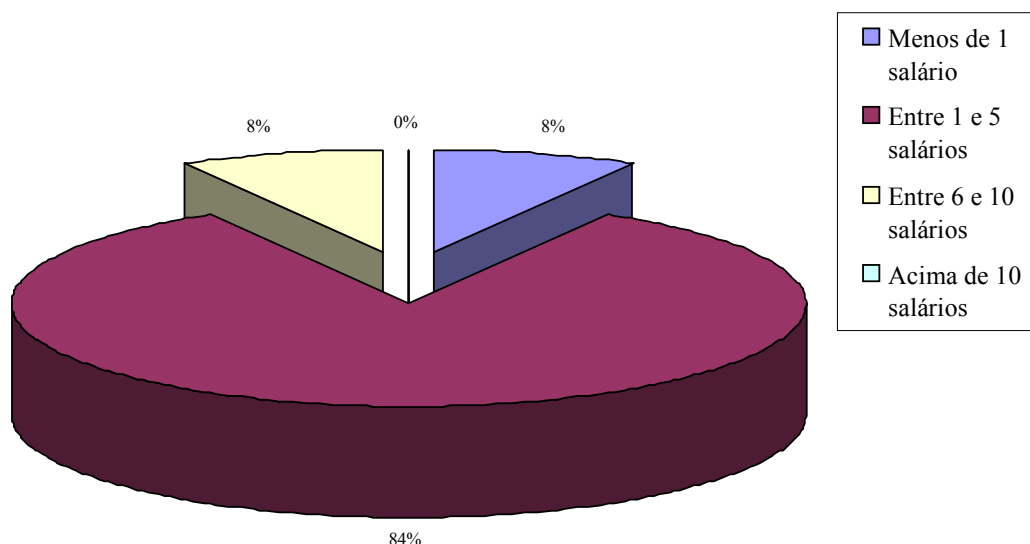
GRÁFICO 9: RENDA MENSAL

GRÁFICO 9: Este gráfico mostra a renda mensal dos 75% que trabalham. A renda mensal foi indicada e constatada da seguinte forma:

Menos de 1 salário mínimo: onde 8% ou 3 pessoas estão nesta faixa salarial;

Entre 1 e 5 salários: onde 84% ou 30 pessoas estão nesta faixa salarial;

Entre 6 e 10 salários: onde 8% ou 3 pessoas indicaram esta faixa salarial;

Acima de 10 salários: não houve nenhuma indicação.

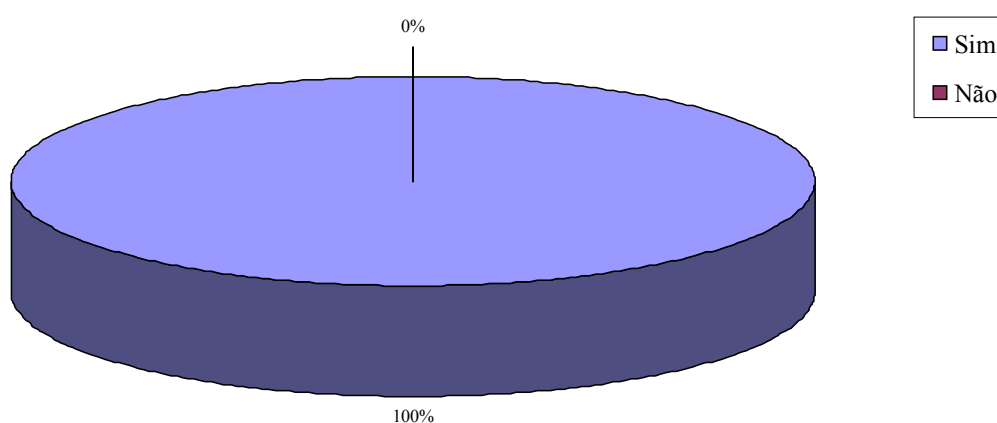
GRÁFICO 10: ORGANIZAÇÃO DE TEMPO

GRÁFICO 10: Demonstra que 100% das respostas foram favoráveis quanto ao tipo de organização da rotina do Projeto Sol-Morumbi.

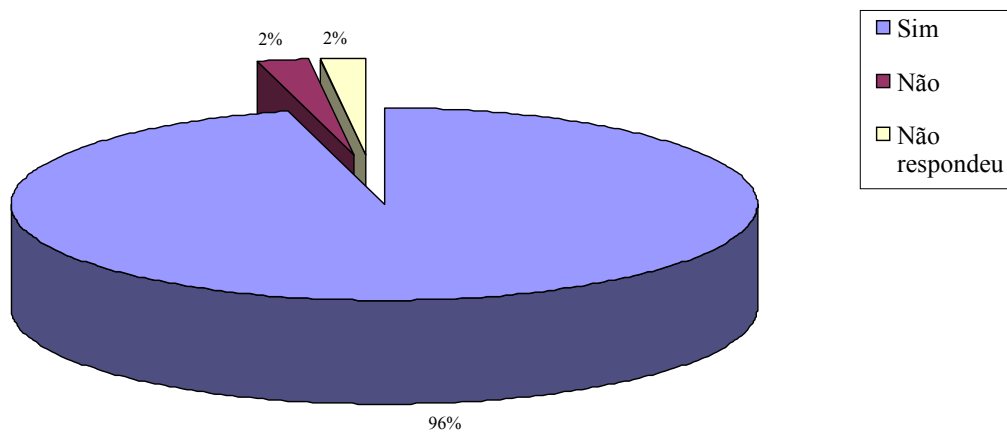
GRÁFICO 11: LIBERDADE DE ESCOLHA

GRÁFICO 11: Este gráfico mostra que 96% ou 46 pessoas consideraram ter liberdade de escolher as atividades; 2% ou 1 pessoa não tinha liberdade de escolha e 2% ou 1 pessoa não respondeu. Incide que a maioria dos ex-freqüentadores se lembrou do processo de escolha das atividades.

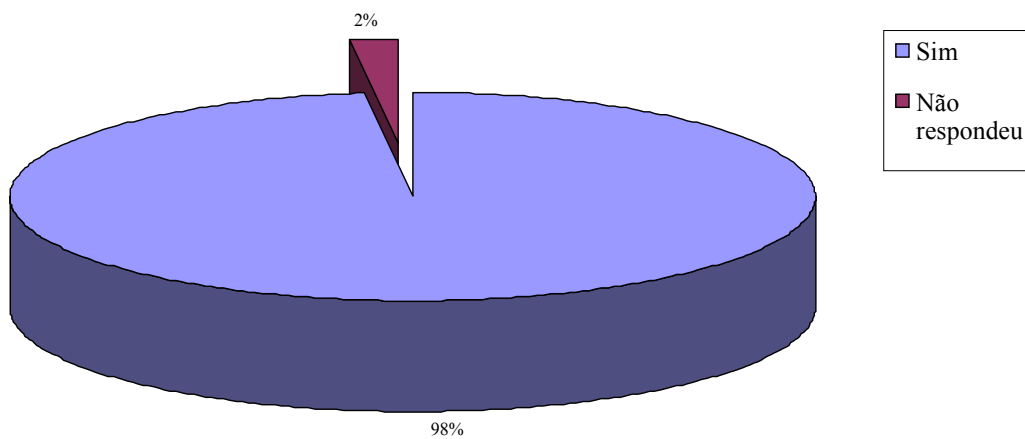
GRÁFICO 12: GOSTAVA DO PROCESSO DE ESCOLHA

GRÁFICO 12: Este gráfico mostra que 98% ou 47 pessoas gostavam do processo de escolha das atividades e 2% ou 1 pessoa não respondeu.

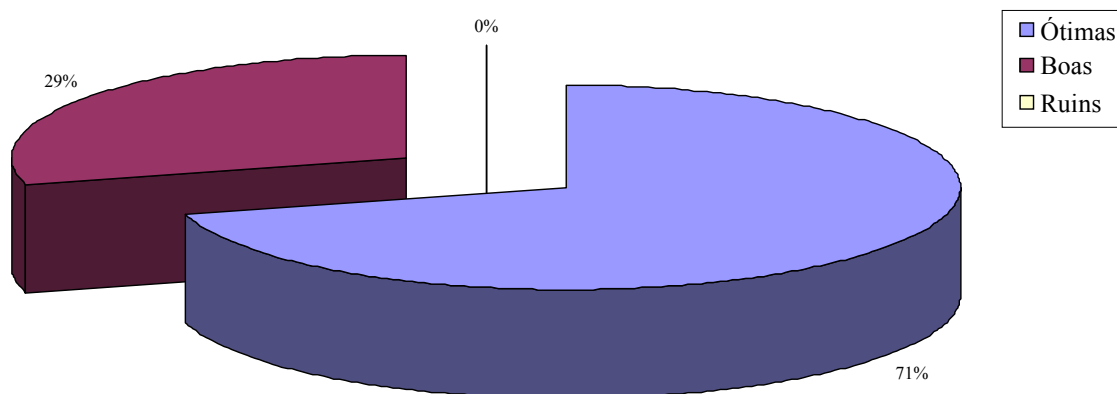
GRÁFICO 13: CONVIVÊNCIA COM OS COLEGAS

GRÁFICO 13: Este gráfico mostra que 71% ou 34 pessoas acreditavam que a convivência com os colegas era ótima; 29% ou 14 pessoas acreditavam que esta convivência era boa e nenhum indicou ser ruim.

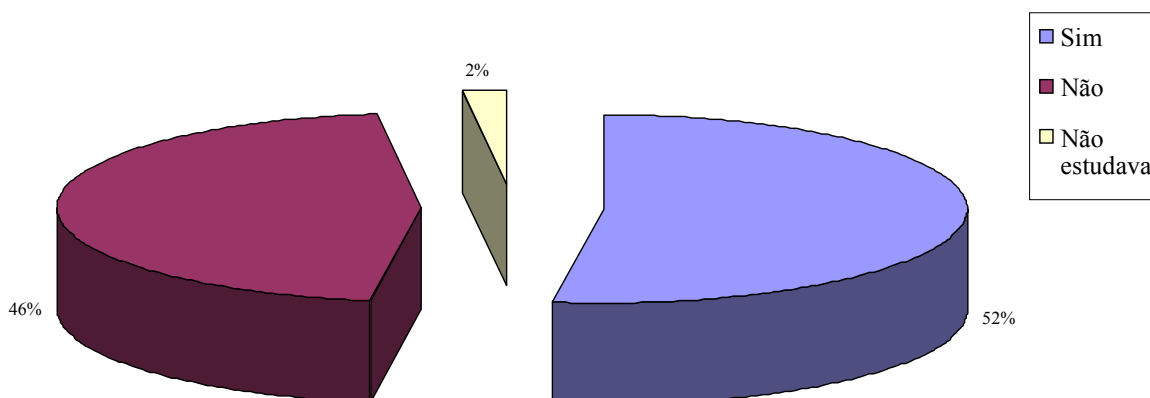
GRÁFICO 14: DIFERENÇA DA RELAÇÃO DOS COLEGAS DO PROJETO/ESCOLA/APAE

GRÁFICO 14: Este gráfico demonstra que 52% ou 25 pessoas consideravam diferente a relação entre o Projeto Sol e as demais instituições citadas; 46% ou 22 pessoas não consideravam diferente e 2% ou 1 pessoa frequentava outra instituição (APAE).

GRÁFICO 15: CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO SOL NO DESEMPENHO ESCOLAR

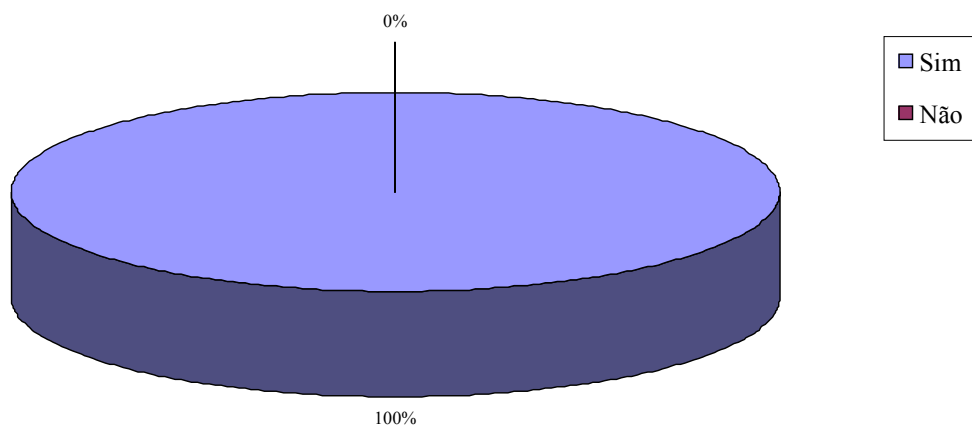


GRÁFICO 15: Nesta demonstração gráfica 100% ou 48 pessoas consideraram que as atividades desenvolvidas no Projeto Sol contribuíram para melhorar o seu desempenho escolar e na APAE.

GRÁFICO 16: CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO SOL PARA A VIDA PESSOAL

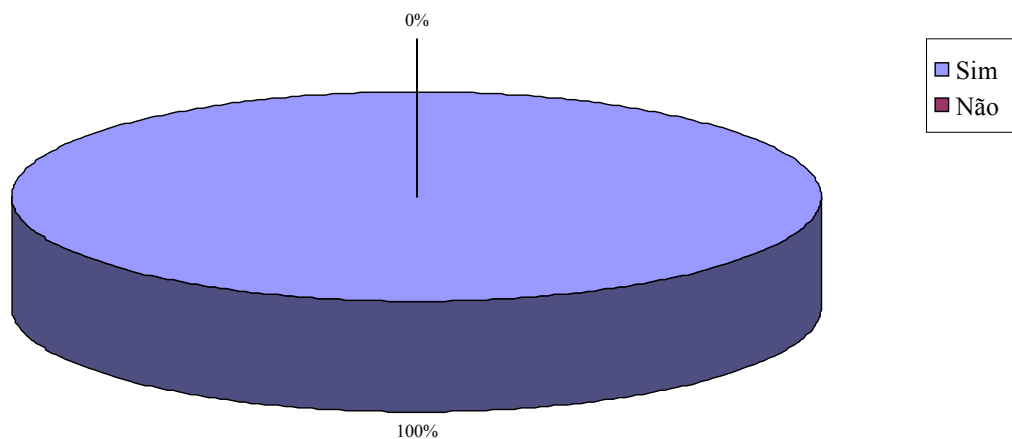


GRÁFICO 16: Neste gráfico 100% ou 48 pessoas consideraram que as atividades desenvolvidas no Projeto Sol contribuíram para a sua formação pessoal.

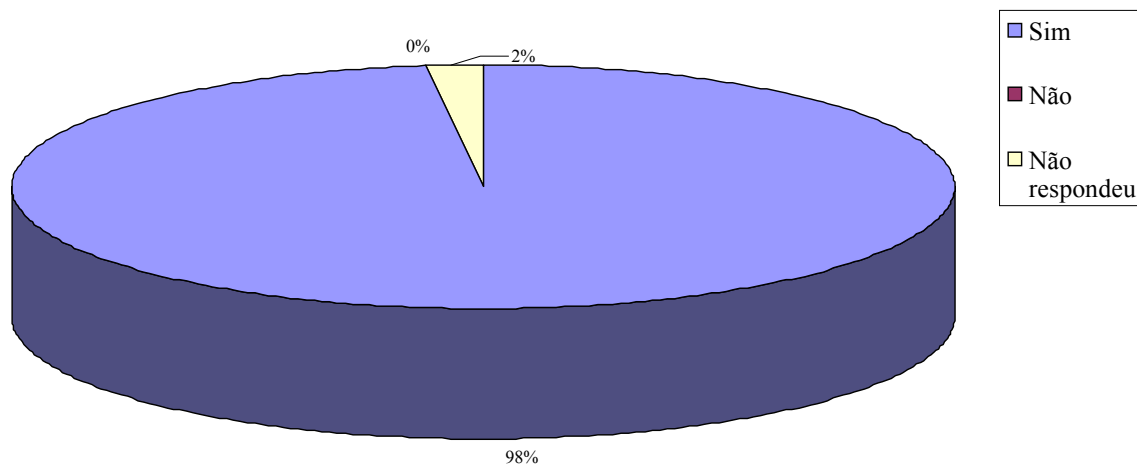
GRÁFICO 17: PARTICIPAVA DAS ATIVIDADES FÍSICAS DO PROJETO SOL

GRÁFICO 17: Este gráfico mostra que 98% ou 47 pessoas praticavam as atividades físicas no Projeto Sol e 2% ou 1 pessoa não respondeu.

Como complemento do gráfico 17 relativo, estas são as atividades físicas que praticavam:

Futebol, Voleibol, Gincana, Dança, Queimada, Perna de Pau, Pular Corda, Capoeira, Latinha, Soltar Pipa, Bolinha de Gude, Jogar Bola, Natação no Ginásio de Esportes do Município, salto em Distância, Corrida, Ping – Pong, Brincadeiras, Ginástica, Basquete, Esconde – Esconde, Andar de Bicicleta, Alongamento, Pega – Pega, Cabo de Guerra, Bets, Hand Ball.

ILUSTRAÇÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS/RECREATIVAS MAIS CITADAS



GRÁFICO 18: TEMPO DE PERMANÊNCIA NO PROJETO SOL - MORUMBI

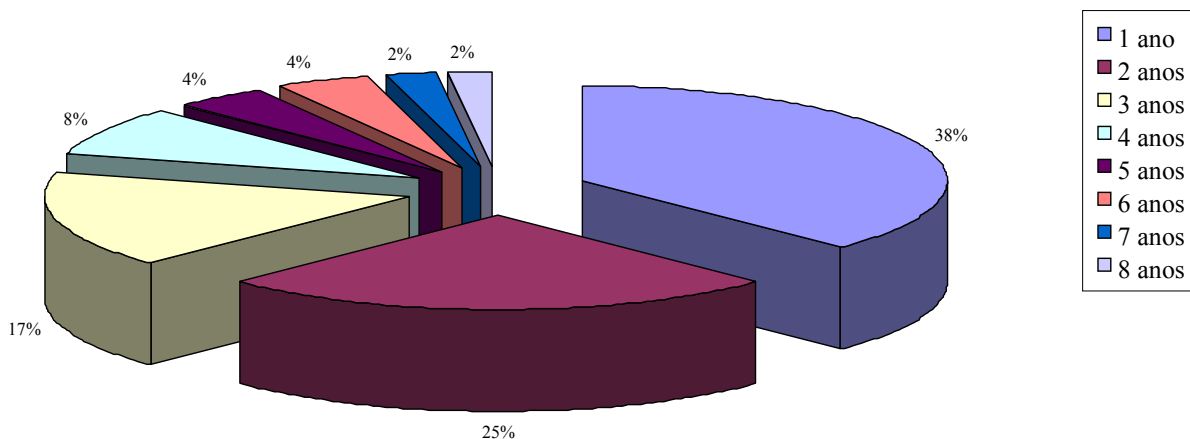


GRÁFICO 18: O Tempo de Permanência dos ex-freqüentadores do Projeto Sol-Morumbi variou entre 01 a 08 anos, de acordo com o gráfico:

01 ano: 38% ou seja, 18 pessoas permaneceram nesse tempo; *02 anos:* 25% ou 12 pessoas;

03 anos: 17% ou 8 pessoas; *04 anos:* 8% ou 4 pessoas; *05 anos:* 4% ou 2 pessoas; *06 anos:* 4% ou 2 pessoas; *07 anos:* 2% ou 1 pessoa e *08 anos:* 2% ou 1 pessoa.

GRÁFICO 19: MOTIVO DA DESISTÊNCIA

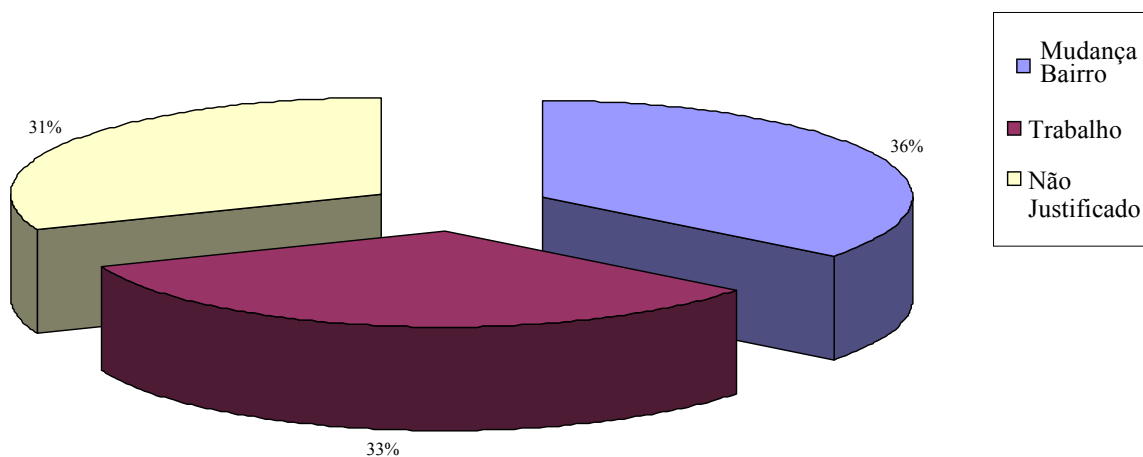


GRÁFICO 19: Este gráfico mostra o motivo da desistência em freqüentar o Projeto Sol-Morumbi. Foram estipulados 03 categorias, são elas:

Mudança de bairro: 36% ou 17 pessoas mudaram de bairro de deixaram de freqüentar este núcleo;

Trabalho: 33% ou 17 pessoas se inseriram no mercado de trabalho;

Não justificado: 31% ou 15 pessoas não justificaram sua saída.

4.4 ANÁLISE IDEOGRÁFICA

De acordo com os objetivos do Projeto Sol, as categorias extraídas das análises dos discursos dos entrevistados, confirmam expectativas e situações vivenciadas durante o processo de permanência na instituição. Constatamos, mesmo que o tempo de permanência tenha sido de um ou dois anos, a passagem pelo Projeto Sol fez diferença na experiência de vida das pessoas, lembrada com carinho e saudade.

No BLOCO DOIS, em relação ao tempo que frequentou o Projeto Sol, poucos precisaram a época, alguns colocaram o ano aproximadamente, ou nada registraram. Esse dado foi respondido com incerteza ou nem respondido, mas houve possibilidade de transcrever e avaliar no gráfico dezoito sobre o ‘Tempo de Permanência’ dos egressos do Projeto Sol Morumbi, pelo documento Livro de Matrícula da época. E a outra questão deste bloco, solicitou-se o relato de algumas lembranças deste Projeto.

As palavras-chaves que nortearam este bloco de respostas referem-se a dois pontos fundamentais avaliados, que são:

1- Convivência com o outro: neste tópico a nitidez da importância do outro para o aprendizado é caracterizado de uma forma poética, com saudade e principalmente de boas lembranças.

O relacionamento com os colegas, com os professores, e demais funcionários aparecem explicitamente trinta e uma vezes nas situações lembradas. Os nomes dos professores tanto do Projeto Sol Morumbi, como de outros núcleos onde havia sempre que possível alguma atividade de integração, a diretora do núcleo, as cozinheiras e os colegas que foram citados de maneira geral.

2- As atividades: é interessante perceber que a abordagem em relação aos conteúdos é referida de maneira mais lúdica, ou seja, mais voltados ao lazer diferentemente da imposição sistemática da escola formal.

Estabelece-se um elo entre as atividades desenvolvidas dentro do núcleo e as atividades extra-núcleo, e estas se fundem em conhecimentos através da prática, gerando prazer.

A alegria, as brincadeiras com todos os envolvidos nesse contexto das atividades desenvolvidas na rotina do Projeto Sol, realçam que boas marcas foram deixadas, e as referências aos adultos presentes no seu cotidiano foram consideravelmente positivas.

É gratificante perceber que o pronome usado é ‘nosso’, onde todos pertenciam, e hoje pertencem, na ‘nossa’ memória.

Na análise das respostas, a convivência com o outro e as atividades desenvolvidas unem-se por fios tecidos sem nós, formando-se um todo com diversos matizes. Professores, funcionários e colegas fazem parte da mesma categoria: *amigos*.

A faixa etária variada, ou seja, de sete a treze anos⁶, em nenhum momento foi impedimento para a boa recordação, pois a opção de escolha criava uma igualdade de direitos. Talvez este seja um dos pontos fortes que favoreceram a inclusão dos desiguais, não somente no sentido de necessidades especiais, mas de interesses, compreensão, pela própria fase do desenvolvimento em que se encontravam.

O Projeto Sol, por ser elaborado por uma equipe transdisciplinar, favoreceu o olhar sob diferentes ângulos, o que possibilitou a riqueza de intenções e interações.

Destacaremos nos blocos os objetivos específicos para análises das respostas, mas convém esclarecer que alguns se repetirão para melhor percebermos os resultados obtidos.

Constatamos ter sido atingido os objetivos específicos que o Projeto Sol propunha, pelos resultados obtidos com esta pesquisa. Alusivo a este bloco de questões constata-se pelos pontos analisados quanto à *convivência com o outro e atividades*, que os objetivos de:

- “- Dar condições para que a criança se sinta amada.
- Favorecer o desenvolvimento das capacidades de cada um.
- Estimular a criança a expressar adequadamente seus sentimentos, dúvidas, medos, inseguranças, dificuldades e raivas.
- Oferecer condições para a melhoria do estado nutricional e de saúde da criança”.*

Registramos o sentido destes objetivos a partir dos relatos nas expressões dos ex-freqüentadores nas suas lembranças:

*“Tínhamos grande **alegria** em saber que a hora se aproximava, pois, no Projeto era **melhor que a casa ou a escola**, porque **nos alimentávamos** muito bem, fazíamos deveres de casa, aprendíamos tudo sobre a nossa cultura, pintar, dançar, marcenaria, teatro e muito mais.*

“Projeto Sol era um bloqueio para nós contra as drogas”.

*“Eu me lembro **das nossas brincadeiras, dos nossos passeios, das amizades que fiz**”.*

⁶ Primeiramente pelo projeto original designou-se a idade limite até treze anos, com a prática e verificando-se as necessidades existentes de cunho social, econômico, de risco, estendeu-se naturalmente para quatorze e em alguns casos até quinze anos.

*“As **brincadeiras**, as atividades, **os amigos**, **os professores**, **os cuidados dos professores**”.*

*“Lembro-me muito das aulas de costura, das viagens, quando íamos para **as piscinas do poli ou do ginásio**, da festa feita todos os meses para os aniversariantes, **do banho de mangueira na arena e dos professores** que foram muitos, pois freqüentei dois Projetos Sol de bairros diferentes”.*

*“Muita **recreação**, **esportes**, aprendizagem em **artesanato**, ensinamentos complementares para o **convívio em sociedade**”.*

*“Atividades como jogar bola. Nas férias fazíamos **passeios** para zoológico, bosque e outros. Das **amizades com colegas** e com os **professores** que hoje só tenho boas lembranças daquela época. Na simplicidade éramos **felizes**, pois o Projeto Sol proporcionou momentos ótimos, se não fosse o Projeto não tínhamos com quem ficar naquele tempo”.*

*“Além da necessidade de estar lá (minha mãe trabalhava e eu não tinha com quem ficar em casa) eu tinha vários amigos que freqüentavam o ‘Projeto’, então, por diversas vezes **me senti acolhida** quanto aos **meus amigos, professoras(es) e funcionários**. Pelo fato de minha mãe trabalhar, eu me sentia **carente** e então depositava essa carência nos funcionários. Sem contar com **os momentos de lazer**: dança, brincadeiras, etc...Lembrando também que o dever de casa era feito no próprio ‘Projeto’, dando assim ênfase nas **responsabilidades** das tarefas”.*

*“Lembro-me muito das **atividades** de artesanato dado pelo **Professor João**, da **cozinheira Rosa**, como eu gostava da comida dela, as vezes fecho os olhos e posso me ver sentada no refeitório, **juntamente com os nossos colegas**. Gostava também das atividades teatrais na arena, das aulas de dança na sala vermelha, enfim, são muitas lembranças...”.*⁷

A nitidez dos pontos analisados pela convivência com o outro e as atividades, estão fortemente relacionados aos aspectos afetivo e social. Os sentimentos como prazer, satisfação, segurança, proteção, ou seja, um atendimento que não se restringia às necessidades básicas como alimentação, higiene, e nem tampouco, às de conhecimento sistematizados, sem sentidos. Na realidade a junção das necessidades se complementava e todos os momentos existentes no Projeto Sol eram considerados ‘atividades’.

No BLOCO TRÊS, as questões semi-abertas relacionam-se com uma questão fechada anterior. A primeira refere-se à rotina do núcleo, se gostavam ou não da divisão de tempo

⁷ Grifamos os termos em negrito por conta própria para realçar nossas análises.

das atividades e, a justificativa da resposta. Esta justificativa deu-se pela total aceitação nessa divisão de tempo, de acordo com o gráfico dez. Conforme esclarecemos anteriormente na descrição da rotina do núcleo, após um processo de avaliação com todos os envolvidos, a ordem da programação poderia ser invertida para melhor atendimento dos participantes. Porém, isso acontecia semestralmente para não criar confusões ou mesmo não ter parâmetros de avaliação dos pontos positivos e negativos do trabalho, ou seja, experimentava-se por um tempo determinada rotina, e discutia-se os prós e contras desse dia-a-dia.

Outra questão semi-aberta refere-se à diferença entre a relação das experiências do Projeto Sol com a escola formal. Pelo gráfico quatorze especifica-se na visão dos entrevistados se havia diferença ou não, e se avaliado que perceber diferença, comentar neste item.

Por fim do terceiro bloco quanto à questão semi-aberta, se participava ou não das atividades físicas no Projeto Sol, em caso afirmativo comentar algumas.

Retomaremos a alguns dos objetivos específicos do Projeto Sol que ilustram e ao mesmo tempo os reforçam enquanto proposta inovadora de trabalho sócio-educativo na cidade de Paulínia.

Dos objetivos específicos:

- “Dar oportunidade para o desenvolvimento de valores, tais como respeito, cooperação, solidariedade, responsabilidade, religiosidade - acreditar mais na própria possibilidade de vida - ordem, limpeza no trabalho.
- Desenvolver o interesse na produtividade e qualidade do trabalho.
- Favorecer o desenvolvimento das capacidades de cada um.”*

Num local onde a perspectiva era o atendimento a 120 crianças e adolescentes por período, uma estrutura em relação às atividades, organização do tempo, era premente. O respeito pela história de cada um nesse todo, em não ignorar os demais compromissos e responsabilidades destes participantes em relação à escola formal e a família, serviam de base nessa organização.

A família desde o início, nas primeiras discussões nas comunidades locais com os professores contratados em 1987, a equipe de apoio, incluindo a presença constante do Prefeito Dr. Benedito Dias de Carvalho, referiram-se a dois pontos:

- a lição de casa ou tarefa escolar e,
- alimentação.

Já pela proposta do projeto original, estas questões que eram motivos de ansiedade das famílias, estavam previstas. A rotina do núcleo, melhor dizendo, dos núcleos, foi elaborada considerando os compromissos e necessidades das crianças e adolescentes além do Projeto Sol.

Pelas respostas obtidas na referente pesquisa, demonstra que essa divisão de tempo contribuiu para que se organizassem e que de tudo um pouco pudessem aproveitar. Percebemos que o ‘tempo’ era aliado e para usar uma expressão popular ‘não se corria atrás do tempo’, nele tudo se encaixava bem.

Vejamos a seguir algumas colocações que reforçam os objetivos supra citados do Projeto Sol quanto à rotina.

*“Por que **tinha tempo para tudo**, tudo tinha a sua hora”.*

*“A criança desde pequena aprende a ter regras e limites, sabendo **dividir o seu tempo** (hora de brincar, fazer lição, refeição, etc.) **aprende a se organizar**”.*

*“Por que as crianças que freqüentavam o Projeto Sol **se ocupavam** com as atividades e **não tinham tempo de ficar na rua aprendendo coisas ruins**”.*

*“O horário da tarde passa rápido, mas naquele tempo demorava muito, e **dava tempo de fazer tudo, principalmente brincar**”.*

*“Desta forma faz com que **a criança entenda** que tem **hora certa para tudo**”.*

*“Assim ficava mais fácil **saber que existia tempo para tudo**, e com isso não ficávamos cansados de estar fazendo uma só atividade como na escola”.*

*“Ajudava muito com as **lições da escola**, pesquisas, fornecimento de materiais, e **disciplinava quanto aos horários** de cumprir os deveres, limpeza e de brincar”.*

*“Com esta organização do tempo, **nos adaptamos a fazer tudo em seu momento exato**, sem atropelar e nem deixar de fazer as atividades programadas”.*

*“Por que **não era rotineiro**, mas englobava todas as atividades necessárias para os mesmos. Até as que não gostávamos muito (lição de casa)”.*

*“Assim **eu tinha tempo de fazer de tudo um pouco, inclusive a lição** o que me dava **mais tempo para brincar em casa**”.*

*“Além dos **meus deveres em dia**, eu podia tirar as minhas dúvidas **com os colegas e professores**, podendo **também brincar e me divertir com todos**”.*⁸

De uma maneira geral, a disciplina, cooperação, solidariedade, responsabilidade, religiosidade no sentido descrito nos objetivos específicos do Projeto Sol, e mesmo a questão da ordem, da limpeza no trabalho, estão explicitamente descritos nas respostas acima.

A percepção e clareza das colocações nos remetem à importância do processo educacional, onde os agentes devem estar envolvidos e compreender cada situação.

“Dava tempo para tudo”, envolve as obrigações tanto relacionadas com as atividades do Projeto Sol, pois, a partir da escolha, havia um acordo de início, meio e fim, como por exemplo as da escola formal, no caso, as tarefas escolares enviadas para casa. Para os que participavam do Projeto Sol, eram tarefas para serem feitas no ‘SOL’.

Uma outra questão semi-aberta, ainda no Bloco Três, refere-se à contraposição da escola formal com o Projeto Sol, no tocante do relacionamento com os colegas. Alguns especificaram outros pontos nessa observação, quanto à liberdade de escolha, a relação com os professores, maior liberdade, enfim, citaremos abaixo algumas considerações como ilustração.

*“As **relações eram diferentes** por motivo dos **educadores**, tínhamos **mais atenção** no Projeto Sol, eles estavam **sempre presentes**”.*

*“No Projeto Sol nós tínhamos **mais liberdade** para fazer as nossas lições, **trabalhando** na companhia dos **colegas e professores**”.*

*“Na escola não tínhamos **escolha de atividades** e era tudo levado **mais a sério**, no Projeto até na hora da lição de casa **era divertido**”.*

*“No Projeto Sol éramos **mais livres** para **esclarecermos algumas coisas**, que na escola não tínhamos com os **professores**”.*

*“No Projeto Sol tinha a **liberdade** de optar pela atividade que estava **disposto a fazer** e na escola não, é tudo dado sem o aluno poder opinar”.*

*“No Projeto eu tinha contato com **todas as faixas etárias** (idades), diferente da escola onde as turmas são distribuídas, partindo deste conceito”.*

⁸ Grifamos os termos em negrito por conta própria para realçar nossas análises.

“Na *escola por exemplo, o momento de **vivenciar a liberdade** com os colegas **era restrita em minutos (recreio) no Projeto eram todos os momentos**”.*

Nessas citações, percebemos na visão dos entrevistados, duas realidades distintas: o Projeto Sol exatamente com as características que se propunha desde a sua concepção, ainda que em fase de descobrir uma prática inovadora, e a escola formal se abrindo para um repensar mais construtivista, menos cerceador de movimentos para a aprendizagem como um todo.

E por fim, neste Bloco Três registra-se sobre as atividades físicas mais praticadas e lembradas.

Mostra-se na sua maioria as atividades recreativas e que muitas são conhecidas como ‘brincadeiras de rua’. Reforça-se nesta questão que o Projeto Sol com o seu objetivo primordial de preencher o tempo livre das crianças e adolescentes para não ficarem expostos aos riscos da rua devido à ausência dos pais/responsáveis, resgatou um espaço que em outras épocas foi muito salutar. Pelas atividades citadas comprovamos essa colocação:

“*pular corda, queimada, soltar pipa, bolinha de gude, pega-pega, cabo de guerra, esconde-esconde, latinha, perna de pau, pula-metro, corrida, ping-pong, brincadeiras, jogar bola, bets, andar de bicicleta, futebol, volei, hand ball, basquete, capoeira,...*”.

Retrata-se nesses depoimentos a infância, a inocência, a simplicidade e principalmente a ludicidade presentes e significativamente escritos na história de vida de cada um com boas e felizes lembranças.

Neste espaço ocupado por vidas, escreve-se também a história do Projeto Sol na cidade de Paulínia.

No BLOCO QUATRO, analisaremos as avaliações feitas pelos ex-participantes do Projeto Sol, com um distanciamento pelo tempo. Hoje, adultos, relatam suas experiências vividas na infância e adolescência.

Nota-se que as coisas ‘boas’ estão intrinsecamente relacionados a tudo que analisamos das respostas anteriores, referem-se às lembranças, aos cuidados, às atividades, aos colegas, professores, funcionários, enfim, reúnem-se substantivos que registraram em cada história de vida, aprendizados significativos.

Transcreveremos algumas colocações das coisas ‘boas’ e ‘ruins’. Muitos não responderam sobre as coisas ‘ruins’. E, é interessante notar que no bloco anterior o ‘tempo’ é cronológico e visto como aliado, pois, na rotina do núcleo tudo era possível e ‘dava tempo para fazer’. Já neste bloco o fator ‘tempo’ é referido como passado e considerado como algo ‘ruim’, pois, refere-se a um tempo que não volta mais. Verificaremos nas respostas a seguir:

*“**Bom:** foi a proteção que eu tinha, o alimento, a ajuda escolar, os colegas, os professores que sinto muita saudade. As minhas paqueras, enfim, sinto uma eterna saudade de tudo e de todos. Não houve nada de ruim, freqüentei oito anos desde o tempo do AICA. Tivemos uma grande família, na minha vida hoje vejo meu irmão marceneiro, graças à marcenaria do João. ‘Projeto Sol Saudades’”.*

*“**Bom:** uma experiência no Projeto Sol foi bom, eu conheci muitas pessoas que eu mantenho amizade até hoje, outras que quase nunca vejo, porém quando encontro é legal. E para minha vida hoje é bem proveitoso porque sou educadora infantil, muito do que aprendi posso passar para as crianças”.*

*“**Bom:** a comunicação com os colegas e professores, o modo em que éramos tratados pelos professores. Hoje, procuro ensinar os meus filhos tudo o que aprendi enquanto freqüentava o Projeto Sol.*

***Ruim:** a parte ruim, foi ter que me afastar do projeto Sol”.*

*“**Bom:** Das coisas boas que até hoje tenho por lição, e tenho aplicado na minha vida profissional, acadêmica, etc..., é o senso de união (equipe) obtido por intermédio das práticas esportivas e outras atividades que exigia o envolvimento de equipe”.*

*“**Bom:** foi muito bom eu ter participado do Projeto Sol, pois lá aprendi a aproveitar o tempo que sobrava depois de sair da escola, tinha horários para as atividades e para as tarefas, coisa que antes de não ter o Projeto, saía da escola e ia para a rua brincar com os meus amigos e acabava não tendo tempo para fazer as tarefas.*

*“**Ruim:** Infelizmente hoje não existe mais”.*

*“**Bom:** O Projeto Sol foi um começo maravilhoso, onde tive a oportunidade de aproveitar minha infância como criança. Assim adquirindo ao passar dos anos mais responsabilidade e o gosto por exemplo pela pintura e desenho”.*

Conclusões

Nesta pesquisa realizada com os egressos do Projeto Sol Morumbi na cidade de Paulínia/SP, confirma que os objetivos propostos no projeto original e principalmente a intenção deste trabalho sócio-educativo foram atingidos de acordo com os resultados apresentados.

Sendo um dos objetivos do Projeto Sol em criar condições de oportunidades para todos, respeitando as desigualdades culturais, econômicas, enfim, onde pudessem ampliar o seu capital cultural nessa fase da infância e adolescência com conteúdos significativos e experiências muitas vezes vetadas no seu meio social (família).

Nesse sentido, considera-se o aprendizado adquirido ou o capital cultural que “exige uma *incorporação* que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor...”(Bourdieu, 2003, p.74).

Considera-se assim, que o tempo vivido primeiramente pela necessidade, e depois pelo prazer em participar do Projeto Sol, foi um investimento individual, ou seja, uma aprendizagem.

Ainda segundo Bourdieu, “O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um habitus” (Ibidem, pg.74, 75).

Portanto, acreditamos que a conclusão se deu num processo gradativo, ou seja, passo a passo no decorrer do trabalho, explorando-se detalhadamente cada bloco da referida pesquisa, para que didaticamente obtivéssemos maior visibilidade do contexto geral.

Comprovamos que os objetivos do Projeto Sol foram contemplados pelo que hoje pudemos constatar nos depoimentos dos entrevistados, quanto à sua formação, independentemente do nível sócio-econômico e educacional apresentados nos gráficos seis e nove.

Pessoas que valorizam um tipo de sociedade mais humana, onde a convivência com o outro, seja no tempo livre ou não, é consideravelmente essencial na construção da sua história de vida. Encontramos nessa viagem no tempo, um passado cuja infância e adolescência foram épocas marcadas de forma saudáveis, base para um presente mais feliz.

Hoje podemos reforçar que a teoria foi construída pela prática no cotidiano do Projeto Sol. Partimos de um projeto idealizador e na prática com as experiências do dia-a-dia, as observações, as reflexões com a Equipe de Apoio, as interferências de todos os envolvidos, principalmente das crianças e adolescentes, transformaram-se a prática em teoria. A sua fundamentação consiste nada mais em considerar os sujeitos da história com os seus conhecimentos, em referenciais para futuros conhecimentos.

Nesse contexto, talvez nos dias atuais seja uma utopia do ensino formal, uma escola mais democrática, mais participativa com maior envolvimento da comunidade, porém em 1987, essa discussão era inovadora numa instituição que não era escola. Sem ao certo, saber exatamente que tipo de educação permeava o Projeto Sol, mas que *na e pela* prática descobria-se onde chegar.

Oferecer novas oportunidades, vivências, ensinar e ao mesmo tempo aprender, criava-se uma constante reflexão sob diversos matizes do conhecimento, tanto pelos profissionais envolvidos diretamente com a prática de áreas distintas, como pela Equipe de Apoio na sua transdisciplinariedade. E no contraponto desse mundo adulto, estavam as crianças e adolescentes que eram os protagonistas nessa construção da história, pois com os seus ‘termômetros’ naturais mediam o grau de satisfação e insatisfação no cotidiano.

Nesse movimento de volta ao passado, concluímos que a estrutura de trabalho desenvolvido pelos primeiros profissionais contratados em 1987 para colocar em prática o que se idealizava no ‘papel’, foi o pilar sustentador dessa história. Podemos dizer, que a base estrutural não foi mais modificada e sim aperfeiçoada conforme as necessidades que a situação exigia. Dois pontos fortes marcaram essa base estrutural:

- a organização do tempo: quanto a divisão de horário para os momentos específicos, o horário da brincadeira, aos momentos coletivos e os reais objetivos da existência desses momentos, cuja explicação ocorreu no decorrer da pesquisa;
- os aspectos afetivo e social: onde o conhecimento da realidade, da situação familiar, da cultura, serviram não para justificar o sucesso ou fracasso, mas, para serem pontos de partida nessa reflexão.

Segundo Bourdieu, “A igualdade formal que pauta a prática pedagógica serve como máscara e justificação para a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura transmitida, ou, melhor dizendo, exigida”(1998, p.53).

Nas citações a seguir podemos constatar que o ‘hoje’ tem sido reflexo reluzente do ‘ontem’, para a construção do ‘amanhã’.

“...hoje vejo o meu irmão marceneiro, graças a marcenaria do João”.

“...na minha vida hoje é bem proveitoso porque como sou Educadora Infantil, muito que aprendi posso passar para as crianças”.

“...hoje, procuro ensinar os meus filhos tudo o que aprendi enquanto freqüentava o Projeto Sol”.

“...tenho que agradecer todo estímulo que tive para que me tornasse um grande artista, desenhista e pintor que hoje é o meu sustento”.

“...hoje sou grato a todos e tento passar isso para meu filho desde já para que ele cresça no bom caminho como eu e meus irmãos”...

“Cresci uma pessoa responsável e tendo melhor visão dos dias atuais”.

“O Projeto ensinava que tínhamos hora para tudo. Para estudar, fazer lições, brincar, etc. e isso me tornou mais responsável na minha vida”.

“Lá no Projeto eram realizados trabalhos como pintura, criação de objetos, isto fez com que eu ganhasse amor pela decoração e é exatamente nesta área que trabalho hoje...”.

“Tudo o que relatei que fiz no Projeto Sol foi importante para mim e usado em casa, no trabalho, e servirá até de história para os meus filhos”.

“...o que aproveite na minha vida, foram os momentos felizes e de lazer que eu tive no Projeto...”.

Na contextualização dessas reflexões sobre o Projeto Sol, consideramos uma proposta de educação não-formal por suas características de não obrigatoriedade, mas de compromisso, seu caráter voluntário, enfim. Ao analisarmos sua construção histórica, por meio dos depoimentos dos egressos do núcleo Morumbi refletiremos sobre algumas questões prementes na educação de maneira geral.

Discutimos desde o início, que o Projeto Sol não foi idealizado para substituir a escola formal, nem tampouco ser considerado como local para o reforço escolar, ou seja, local para recuperar a defazagem do conhecimento. Porém, sem descartar a sua complementaridade.

Ao considerarmos as três vertentes da educação formal, não-formal e informal, destacaremos as características peculiares do Projeto Sol, que não se deve limitar a um determinante específico, e sim vários, como:

- exclusiva de uma realidade;
- de uma época;
- de uma intenção;
- de um espaço e tempo diferenciados.

Em relação à característica da realidade no final da década dos anos 80, constatou-se a necessidade de criar um espaço que complementasse o período ocioso de crianças e adolescentes, decorrente das necessidades de todos os membros responsáveis pela família trabalharem fora do lar.

A época retrata um período final ao regime militar, uma reconstrução de pensamentos, idéias e ideais, um resgatar e ao mesmo tempo redescobrir Paulo Freire.

O intuito foi criar oportunidades para discussão, experiências e vivências significativas.

Consideramos que um dos fatores que favoreceram a proposta prática de se explorar as múltiplas linguagens da Educação Artística, Educação Física e Educação Geral e construir novas linguagens dentro de filosofia de educação que se pretendia, foi a questão do espaço e tempo.

O espaço físico concebia a liberdade de movimentação, percepção, aproximação, inter-relação, explorando todos os sentidos. O perceber-se e perceber o outro favorecido pelo espaço.

Em relação ao tempo, conforme pontuamos no início do trabalho, o tempo era aliado, e utilizando uma frase citada por um egresso do Projeto Sol Morumbi, “dava tempo para tudo”. A própria flexibilidade na organização do tempo, dentro de um espaço propício, estimulador, contemplava a proposta educacional.

Nos seus treze anos de história, sofreu interferências da escola formal como sua primeira referência, da informalidade enquanto repertórios trazidos para dentro de seu espaço, e também da não-formalidade no sentido de desprendimento de conteúdos preestabelecidos, de práticas construídas *no* e *pelo* coletivo, de avaliações qualitativas e não quantitativas, enfim.

Registra-se que o Projeto Sol adquiriu uma identidade educacional própria, levando-se em consideração as características acima, citadas separadamente para efeito didático.

Com toda riqueza de informações que contempla essa pesquisa como registro histórico, concedemos que o indicativo ‘não’ na caracterização da educação não-formal, ou melhor da proposta sócio-educativa construída no Projeto Sol minimiza o contexto.

O Projeto Sol foi criado com uma finalidade específica, atendeu a essa finalidade pelos próprios depoimentos dos egressos entrevistados, e percebemos que muito mais que simplesmente encontrarmos uma denominação científica, é nos apropriarmos da filosofia desse trabalho. Ideal ser refletida na educação formal, não-formal e informal, possibilitando reflexões consistentes e pertinentes em qualquer processo educacional.

Sendo assim, compreendemos que a trajetória do Projeto Sol estabeleceu um marco na cidade de Paulínia: *antes e depois do Projeto Sol*. Uma proposta sócio-educacional complementar às vertentes da educação indicadas acima.

A partir dessa pesquisa, sugerimos uma reflexão no âmbito educacional onde os protagonistas possam desvelar seus anseios na construção de uma educação mais igualitária, mais significativa, no respeito às diferenças.

Apropriamo-nos para finalizar de um trecho do livro “Essa Escola chamada Vida” de Paulo Freire e Frei Betto (2003, p. 44), e que nos reporta ao sentido poético e ao mesmo tempo real para todo educador atuar na perspectiva de uma educação significativa que se pretenda construir.

O ponto de partida é a VIDA.

O educando ou é o protagonista do processo educativo ou estamos falando de opressão educativa que, portanto, não é educadora. Ele tem que estar no centro do processo. Professor, assessor, educador, é apenas aquele que vai ajudar a explicitar e a sistematizar aquilo que a vida e o contexto dos educandos fornecem como elemento. Aquilo que eu chamo de "técnica do saca-rolha". Tirar deles e, depois, entrar com a "chave de fenda", para apertar os parafusos.

Referências Bibliográficas

AFONSO, A. J. Sociologia da educação não-escolar: Reactualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: ESTEVES, A. J. **A sociologia na escola – professores, educação e desenvolvimento**. Porto, Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento, 1992.

ALMEIDA, A. M. B.; GUTIERREZ, L. G. Políticas públicas de lazer e qualidade de vida: a contribuição do conceito de cultura para pensar as políticas de lazer. In: **Qualidade de Vida e Políticas Públicas: Saúde, Lazer e Atividade Física**. Campinas, SP: IPES Editorial, 2004.

BEZERRA, S. Do assistencial ao educacional: por uma fundamentação filosófica da educação não-formal. Campinas, SP: [s.n.], 2000. – Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação-Unicamp.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. 251 p. 72-76.

_____. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. P. 39-64.

BRAMANTE, A. C. Lazer: concepções e significados. Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Belo Horizonte, v.1, nº1, p.9, 1998.

CAMARGO, L. O. L. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, L. P. **Educação Física e Esportes não formais**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1988.

CURY, R. C. J. **Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. 6. Ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

DUMAZEDIER, J. **A teoria sociológica da decisão**. São Paulo: Biblioteca Científica, SESC, 1980 (Série Lazer).

_____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

FREIRE, P.; BETTO, F. **Essa escola chamada vida**. 14ª Ed. – São Paulo: Ática, 2003.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

GALLARDO, J. S. P. Delimitando os conteúdos da cultura corporal que correspondem à área da Educação Física. In: *Conexões – Revista da Faculdade de Educação Física – UNICAMP – Campinas*, v. 1 , n.1, 2003.

GOHN, M. G. **Educação Não-Formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.

GUTIERREZ, L. G.; CATANI, A. M. Participação e Gestão Escolar: conceitos e potencialidades. In: **Gestão Democrática da Educação: atuais tendências, novos desafios**. 3ª Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

GUTIERREZ, L. G. **Lazer e Prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas, SP: Autores Associados. Chancela editorial CBCE, 2001. (Coleção Educação e Esportes).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – CENSO 2000.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3ª Ed. Ver. E Ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

MARCELLINO, N. C. **Lazer: sua especificidade e seu caráter interdisciplinar**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, v.12, nº1/3 p.314, 1992.

_____. **Estudos do Lazer: uma introdução**. Campinas: Autores Associados, 1996.

ROMANS, M.; PETRUS, A.; TRILLA, J. **Profissão educador Social** – Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado** – Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

STUCCHI, S. A Cultura do Lazer Físico Esportivo como resultado da disciplina Educação Física Escolar: o caso do Colégio Estadual “Culto à Ciência” de Campinas, SP: [s.n.], 1999. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

Bibliografia Consultada

AYOUB, E. Interesses físicos do lazer, como área de intervenção da Educação Física. Campinas, 1993, 154p. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física, UNICAMP, 1993.

CAMARGO, L. O. L. **Educação para o Lazer**. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Polêmica).

GEBARA, A. ...[et al.] **Educação Física e Esportes: perspectivas para o século XXI**. Organizador – Wagner Wey Moreira, Campinas, SP: Papyrus, 1993.

BRUNHS, H. T.; GUTIERREZ, L. G. (org.). **O corpo e o lúdico: ciclo de debates lazer e motricidade**. Campinas, SP: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2000. (Coleção Educação Física e Esportes).

_____. **Representações do Lúdico: II ciclo de debates “lazer e motricidade”**. Campinas, SP: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2001. (Coleção Educação Física e Esportes).

_____. **Enfoques contemporâneos do lúdico: III ciclo de debates “lazer e motricidade”**. Campinas, SP: Autores Associados, Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2002. (Coleção Educação Física e Esportes).

HENRIQUES, R. “Desnaturalizar a desigualdade e erradicar a pobreza: por um novo acordo social no Brasil”. In: HENRIQUE, R. (org.) **Desigualdade e Pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.

LAMONT, M.; SCHMALZBAUER, J.; WALLER, M.; WEBER, D. **Cultural and Moral Boundaries in the United States: Structural positions, geographic location, and lifestyle explanations**. *Poetics*, 24:31-56.

MAZIERO, M. D. S.; SOARES, M. T. M. **Paulínia: dos trilhos da carril às chamas do progresso [1770-1970]**. Paulínia, SP: Unigráfica, 1999.

McLAREN, P. **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** Trad. Lucia Pellanda Zimmer...[et al.], Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.

RHODIA. Revista oitenta anos [1919-1999]. Ano XXXVIII, n° 412, edição especial, 1999.

SANT'ANNA, D. B. (org.) **Políticas do Corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SNYDERS, G. **A alegria na escola.** São Paulo: Manole, 1988.

SOARES, C. L...[et al.]. **Metodologia do ensino da Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1993.

ANEXOS

ENTREVISTAS

DR. BENEDITO DIAS DE CARVALHO (Prefeito de Paulínia de 1986 a 1989)

“Eu acho que se cada um de nós, tivermos o direito de sonhar, e se junto com o sonho botar um tijolinho numa construção, com certeza teremos um mundo melhor”.

(Dr. Benedito Dias de Carvalho)

Esta entrevista com Dr. Benedito Dias de Carvalho foi concedida no dia 25 de Maio de 2004, na cidade de Paulínia.

O entrevistado inicia, relatando sobre suas preocupações aos problemas sociais, por uma questão de humildade, por uma questão de formação.

Filho de fazendeiro, porém fazendeiro humilde, sem letra. Sua mãe semi-analfabeta, mas cheia de amor, cheia de ensinamentos para passar aos filhos.

Relatando sobre seus pais, considera a grande capacidade que tiveram na contribuição pela formação dos filhos.

Nessa observação sobre sua infância, preocupou-se enquanto médico e prefeito com a área social. E nesta questão, quando prefeito da cidade de Paulínia, de 1985 a 1988, foi conhecer com sua equipe o CIEPS no Rio de Janeiro, na gestão do governo Leonel Brisola, cujo, projeto foi inspiração do governo Federal (era Collor, com o CIACS). Desta forma, se interaram do processo que estava sendo desenvolvido (CIEPS-RJ), em atenção ao menor, na área não-formal.

Esse conhecimento o conscientizou do trabalho que gostaria de desenvolver em Paulínia, aproveitando a função que exercia de Prefeito Municipal, pois detinha o poder em suas mãos. Assim sendo, poderia implementar grandes obras sociais.

Quanto ao Projeto desenvolvido em Paulínia, o considerava muito bom, por não ter tido o dedo impositivo de quem detinha o poder. Havia sim, uma equipe pensando e elaborando, desde a parte pedagógica, à definição da forma física de sua estrutura, até dos conteúdos sociais que este Projeto deveria contemplar.

O ex-prefeito coloca que a vida pública apresenta facetas ruins, pela incapacidade de resolver todos os problemas, e que muitas vezes se resolve tantos problemas criando outros, porque é um conflito de interesses.

Acredita que como pessoa (comum), não teria capacidade de resolver tantos problemas na área social, na educação, na habitação, na saúde, como foi desenvolvido enquanto político (Prefeito). Esse Projeto “SOL” da Educação acredita ter sido uma dádiva especial que recebeu, de poder desenvolvê-lo. Esse foi um marco especial para todos nós, “eu acho que o SOL nos iluminou dois ao mesmo tempo”.

Retoma, que este Projeto “SOL” foi baseado no CIEPS do Rio de Janeiro, mais do que tudo é a humildade e a sensibilidade de acolher as crianças, para não lamentar no futuro que tenham seguido o rumo da marginalidade.

Certamente, “por mais caro que seja o projeto, ele ainda será barato, será economicamente barato, se levar em conta todas as pessoas que nós formamos, que grupo de trabalho consegui formar como cidadão e de impedir que ele deixe de ser um cidadão, para ser um marginal, para ser um delinqüente”.

Em relação a este Projeto de Pesquisa, o Dr. Benedito considera que será um reencontro maravilhoso com os ex-freqüentadores. E diz: “uma criança, filha de uma pessoa muito pobre, sem recurso nenhum, que mal ganha o sustento do dia-a-dia, não tem oportunidade de oferecer aos filhos, uma iniciação esportiva, uma iniciação artística, e o conteúdo de cidadania. Por que eles são cidadãos, estão sobrevivendo numa situação extremamente dramática, extremamente difícil, mas, é um ato de cidadania e que ele precisa de outros conteúdos, precisa de uma convivência sadia, precisa de um acompanhamento e sem isso não vai acontecer”.

Dr. Benedito faz uma retrospectiva histórica da necessidade da mulher inserir-se no mercado de trabalho, colaborando com o sustento da família, ampliando o orçamento do lar. Isso na década de 50, até nossos dias. “A mulher não tinha direito nem a voto, ela era uma mera criadeira de filhos, mas isso era muito bom pelo lado social, porque ela como criadeira de filhos, criava os filhos”.

As circunstâncias econômicas levaram a mulher contribuir na renda do lar, trabalhando fora de casa.

Considera que o poder público tem que estar atento a uma necessidade social, a uma necessidade econômica, e criar infra-estrutura necessária.

Recorda que na sua gestão, foram criadas creches, Escolas Municipais de Educação Infantil (EMEI_s), escola profissionalizante, e o Projeto “SOL”. Fundamenta que uma educação formal de bom conteúdo, pensando no professor, no auxiliar do professor, na estrutura da escola, na vizinhança da escola, ou seja, todo o contexto, construindo uma escola de gabarito.

Nessa junção de seções de ensino, desde a creche até o profissionalizante, ou seja, da educação infantil até a educação de jovens e adultos, constituía-se o “PROGRAMA SOL”.

Como médico cita que a definição de saúde, para a Organização Mundial de Saúde, diz: “é o completo bem estar físico, social e psicológico, e não simplesmente a falta de doença”. E complementa, sendo social, psicológico, a importância de atendimento à estes segmentos, criando os complementos necessários.

O ex-prefeito considera que o Projeto SOL evoluiu fora do seu tempo, pois, da sua idealização (1986), na exata transição do AICA, o funcionamento em 1987, e logo em 1º de Janeiro de 1989 deixou o governo para a oposição. E pontua: “tenho certeza que o Projeto SOL ficou em boas mãos, que teve uma evolução a contento e eu tenho certeza disso, porque houve aperfeiçoamento. E a coisa só desanda quando ela é imposta ou quando ela não tem auto-sustentação”. “Não tem motivação própria para continuação”.

Dr. Benedito acredita que, apesar do Projeto SOL ter sido fechado em dezembro de 2002, ainda haverá uma reformulação, que futuramente sofrerá uma revisão, com talvez um enfoque diferente baseado na necessidade da família de hoje, família de baixa renda.

O entrevistado faz uma crítica em relação ao “diploma”, onde o país passou por uma fase de valorização da escola formal, sendo que, conforme a titulação adquirida, há acréscimos nos salários. O Ministério da Educação e Cultura (MEC), valoriza a faculdade de acordo com a biblioteca, laboratório, número de professores com mestrado e doutorado, enfim, uma super valorização do diploma e completa: “O que não está errado. Eu acho que ele é válido, só que nós temos que valorizar também a vivência adequada na sociedade, outros fatores que não são diplomas. É o sentimento, é o amor, é a cidadania, são outros valores que não estão ali dentro da escola formal e que vai levar a uma melhoria inclusive da formal”.

Relata que quando há interação, consciência agradável, sentimental, afetiva, a melhoria do ambiente é constante e a cada dia se agregam valores. E, “da mesma forma quando há um problema que vai culminar com a expulsão do aluno, com a repreensão, com a suspensão, coma tristeza em geral, e com a marginalização, muitas vezes, não da escola, mas, da sociedade”.

Desta forma, considera que o aluno se revoltará contra o sistema de ensino formal, e cairá numa situação de marginalidade cedo.

Completa o pensamento num atendimento global, com o período integral da criança, desde a creche, passando pela EMEL, enquanto que na escola o período é parcial, criando assim mecanismos para a exposição aos riscos da nossa sociedade.

Uma outra preocupação do entrevistado, era com o ensino profissionalizante, e não somente com a “educação das letras”, mas, em criar oportunidades de desenvolver bons profissionais com qualificação naquilo que se propõe a fazer.

Retoma a questão do Projeto SOL dizendo: “no nosso Projeto a gente queria trabalhar para o enriquecimento da cidadania, era um Projeto despretensioso, não queríamos uma lavagem cerebral, era proposta séria para um assunto sério”.

AS ALEGRIAS DO PROJETO SOL

“As alegrias do Projeto SOL que eu poderia resumir, é o seguinte: para qualquer cidadão por mais humilde que ele seja, quando ele vê um encaminhamento das pessoas para uma vida normal, para uma vida comum, para uma vida respeitosa, isto é uma satisfação”.

A gente poder contribuir para a formação da cidadania, eu acho que é a coisa mais importante que pode existir sob o aspecto de solidariedade e de convivência pacífica. Então, a alegria é ver que uma criança humilde de lar, sem nenhuma concepção material vivendo mesmo na pobreza, na dificuldade do dia-a-dia, de repente, desponta como um pequeno artista nas artes plásticas, na música, no esporte, ou, fora disso. Um cidadão que sabe respeitar os seus pais, os seus colegas, os seus professores. De modo que, isso é uma alegria muito grande, ela não é possível ser mensurada, mas, é possível de ser avaliação”.

MARIA LUÍZA RODRIGUES DE VASCONCELOS (PEDAGOGA)

“O ser humano em qualquer estágio, nível ou fase que ele esteja, ele é sempre prioridade”.

(Maria Luíza Vasconcelos)

A pedagoga Maria Luiza Vasconcelos faz uma retrospectiva histórica do Departamento De Educação, Esporte, Cultura e Lazer (DECLA), na gestão do Prefeito Dr. Benedito Dias de Carvalho de 1985 a 1988, passando a prefeitura para o seu sucessor em 1º de Janeiro de 1989. O Diretor de Divisão convidado para assumir este departamento foi o Prof. Múcio, que na época era professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e considera de grande valor sua contribuição na construção do Programa SOL.

Dois segmentos com atendimento em período integral da Educação de Paulínia já estavam bem definidos, prestando um bom serviço à população que era a Educação Infantil, sub-dividida em:

Creches – atendendo crianças de três meses a três anos;

EMEI's – atendendo crianças de três anos a seis anos.

Uma pequena equipe formada por duas psicólogas Maria Aparecida Beghini e Ana Luisa Magri, e duas pedagogas Iole e Maria Luíza Vasconcelos, porém, com grandes preocupações. Sentiam falta de um atendimento integral para as crianças do 1º grau, ou seja, após o período que frequentavam a escola formal, de responsabilidade do Estado nesta ocasião. Isto se deu pelo aumento de encaminhamentos recebidos no Centro de Terapia e Reabilitação Integrada Municipal (CETREIM), onde muitos problemas começaram a surgir em torno da criança.

Esta preocupação veio de encontro com a proposta do Prefeito Dr. Benedito Dias de Carvalho, em tirar a criança da rua, oferecendo um complemento na sua educação.

A família muitas vezes desestruturada, o nível sócio-econômico bem precário, tudo contribuía para a criança ficar na rua. Sendo assim, considera que crianças na rua, sem orientação necessária, tornam-se futuros marginais.

Portanto, esta equipe começou a conversar sobre a questão da infância, principalmente das crianças que frequentavam o 1º grau, passando apenas meio período do seu tempo na escola.

Para fazer parte da equipe foi chamado o arquiteto Izaak Vaidergon com vasta experiência em trabalho com comunidade, para pensar o espaço físico. Desta forma, a equipe aumentou, e se reuniam constantemente para elaborar e determinar as linhas do projeto. O Prefeito Dr. Benedito

participou de passo a passo desta elaboração, tanto dos estudos, das pesquisas que faziam, como das mudanças que consideravam importantes.

Havia uma afinidade com as pessoas da equipe chamada de apoio em relação a conduta, sobre a educação que se pretendia e que já se exercia no município.

Assim este trabalho foi caminhando, elaborado, executado com as devidas concessões. O primeiro núcleo inaugurado foi o Monte Alegre, o segundo o núcleo do Morumbi e o terceiro o João Aranha. O terreno onde foi construído o núcleo do João Aranha ficava a escola rural de 1º grau, o qual foi cedido para a Prefeitura. Uma preocupação do Prefeito Dr. Benedito, era construir uma casa simples, de madeira, mas confortável, para o zelador e sua família morarem no mesmo espaço do núcleo. Assim, zelaria pelo melhor pelo patrimônio.

As construções foram projetadas pensando na criança. O foco mais importante era a criança. As salas se convergiam para um centro, a arena, onde na sua parte interna pudesse ser aproveitada para apresentações de teatros, dança, enfim.

A proposta era informal, mas, muito bem trabalhada, tanto na Educação Física, como na Educação Artística e no reforço pedagógico que seria a parte da leitura, teatro, isso era informal, mas, bem estudado de acordo com uma pedagogia.

O processo seletivo para escolher os profissionais das áreas de Educação Física, Educação Artística e Pedagogia para trabalhar no Projeto Sol, não se avaliava somente o conhecimento, mas, na entrevista, avaliava-se também que visão a pessoa entrevistada tinha sobre o outro, o respeito pelo outro, à individualidade da criança. A escolha pelo pessoal desde professor, cozinheira, servente, zelador, era pensando na proposta do trabalho que se pretendia, pois, todos, fariam parte do processo educativo, independentemente da sua função.

Para a criança participar do Projeto Sol, ela era primeiro convidada, e a meta dos profissionais era cativá-la, bem como a sua família, pois, não faria sentido envolver somente a criança nesta proposta e deixar os seus pais de fora. Muitos trabalhos comunitários foram feitos, envolvendo a comunidade como um todo, pais, representantes das associações de bairro, enfim, muitas foram as reuniões para que todos entendessem o que se pretendia com o trabalho do Projeto Sol.

Outro fator relevante em relação à proposta do Projeto Sol, foi buscar um entrosamento com as escolas de 1º grau, que eram subordinadas ao Estado. Eram feitas reuniões administrativas e assim, muito discutido sobre o Projeto.

As escolas faziam muitas queixas de algumas crianças que freqüentavam também o Projeto Sol, e quando verificávamos, essas mesmas crianças eram excelentes no Projeto Sol. No período que passavam no Projeto eram alimentadas, eram cuidadas, tinham o emocional abastecido.

As crianças iam para o Projeto Sol felizes.

Em relação à refeição, era muito bem feita pelas merendeiras, o objetivo que a Prefeitura de Paulínia sempre teve foi oferecer uma alimentação saudável, equilibrada, incluindo frutas no cardápio.

Como citado acima, todos dentro do núcleo eram parte importante do processo educativo da criança. Sendo assim, semanalmente aconteciam as reuniões com os professores e a equipe de apoio, e mensalmente com todos os funcionários, professores, diretora, merendeiras, serventes, zelador. Esta reunião mensal era elaborada pela equipe de apoio, e tinha numa primeira parte, questões sobre relacionamento, respeito, e era um espaço para conversar, para todos pudessem expor seus pensamentos, idéias, enfim, que o grupo se conhecesse melhor.

Hoje este tipo de proposta educacional é muito discutida, mas, na época não era, e quantos aproveitaram deste espaço....

Relembra os passeios no Zoológico de São Paulo, no Aeroporto de Viracopos e do Bosque dos Jequitibás em Campinas, do Bosquinho e da Piscina no Ginásio de Esportes em Paulínia, das merendas diferentes nestes dias diferentes. Conhecer outras cidades, lugares na própria cidade que não conheciam, ampliava o conhecimento cultural das crianças.

Os trabalhos das crianças sempre foram valorizados, nas exposições não se escolhia o mais bonito, não tinha este enfoque, todos os trabalhos eram expostos, não havia comparação. Todos eram valorizados porque cada um fez o seu, e cada um é cada um. Isto é que importava.

Este foi um pedaço da minha vida que agradeço a Deus.

IZAAK VAIDERGON (ARQUITETO)

*Ninguém é dono de espaço nenhum, de nenhuma obra arquitetônica.
O tempo é dono desse espaço. Alguma coisa relevante se sobrevivesse é a memória.
(Izaak Vaidergon)*

A minha experiência com a educação não-formal começou antes do Projeto Sol.

Eu tinha feito um filme (um vídeo) chamado “Redescobrimo o interior das pessoas”, que em por volta de 1980 no Governo Franco Montoro e esse filme era consequência de uns estudos que tinha feito sobre a percepção da cidade baseado no Keven Lins, enfim, por que eu sou professor da área da Teoria. Fiz uma proposta de ir numa cidade do interior pequenininha de dois mil habitantes, e através das pessoas eu resgatar algo que fosse misterioso. Existe uma frase que eu gosto de citar que a seguinte: “quando não há nada, há um mistério que você não pode ver”. Então, partindo disso, quando você não tem nada, existe um mistério que você tem que descobrir. E assim consegui esta verba e fui para uma cidade chamada Santa Maria da Sé próximo de São Pedro e caminhos de Brotas, uma cidadezinha que não tem absolutamente nada, aparentemente não tem nada. Fiquei uma semana com uma equipe filmando umas crianças que estavam passando umas férias lá, e depois de uma semana de entrevistar as crianças e acompanhar elas, eu me lembrei que todo dia a gente ouvia numa praça, o programa de alto-falante que o Padre Frei Fernando ficava o dia inteiro tocando música clássica, você pode imaginar um negócio desse, numa cidadezinha no interior com dois mil habitantes, falando coisas bonitas, positivas, comentando coisas da cidade. Achei bem interessante e fui conhecer este Frei, que era uma pessoa de idade e, pediu para gravá-lo fazendo o programa. E achei um pouco insólito isso, mas, como foi feito o pedido, aceitei. O Frei colocou o disco com música clássica e começou assim: “programa lindo, maravilhoso é redescobrimo o interior... das pessoas”. Ou seja, ele percebeu que as pessoas de Santa Maria da Sé era uma das coisas mais importantes, e começou a desenvolver todo um raciocínio.

O meu trabalho na Unicamp chama-se “Religiosidade e Sacralidade” aparentemente parece que tem a ver com religião, mas não tem, e sim com *religare* e com *aprender significados*, isso tem a ver com sacralidade. Isso é preciso aprender discernir, quando você não tem nada e começa por um mistério acontecer alguma coisa, algo em potencial.

Muito antes de ter o Projeto Sol, havia movimentos que isso acontecesse das pessoas, e esse movimento foi crescendo.

Voltando para o vídeo que fiz, e este foi sucesso muito grande, esse vídeo foi passado não sei em quantas cidades, eu mesmo visitei umas cinquenta cidades com o Franco Montoro e o pessoal.

Um ‘cara’ daqui de Paulínia viu o vídeo, foi o Dr. Benedito. E quis me conhecer, e disse das idéias interessantes. E essa conversa permeou que todo esse conceito tem a ver com uma visão do mundo, da minha formação, de militância política, militância no movimento juvenil, e eu venho estudando isto há muito tempo, e estou engajado nisso. E o Dr. Benedito falou que no dia que fosse prefeito me convidaria para trabalhar com ele. E eu esqueci. No dia que ele foi eleito prefeito, acho no primeiro ou segundo dia ele me ligou e me chamou para trabalhar com ele. E eu tinha escritório, uma montão de coisas assim, mas eu achei esse convite tão legal que decidi ir trabalhar em Paulínia. E continuei trabalhando na PUC-Campinas.

O prefeito Dr. Benedito era visionário das idéias do CIEPs do Rio de Janeiro, das escolas pré fabricadas, enfim. Fui visitar o CIEPs, mas, antes de pensar no CIEPs, percebi que precisávamos trabalhar com as pessoas das cidades. A primeira coisa que fiz foi uma festa no bairro do João Aranha, na comunidade. E nessa festa a gente foi se encontrando, a gente começou a se reunir e toda semana ia para um lugar da cidade, um parque, uma escola, levava uma comidinha, e discutia amenidades. E dessa conversa, é que foi surgindo, foi se moldando esse conceito de educação não-formal. Não era muito claro porque sempre está associado à escola, ao espaço onde existe um programa, uma organização, esse é o sentido que a gente tem de formação. Aos poucos as pessoas foram incorporando esta idéia de educação não-formal. Mas a palavra educação não-formal surgiu bem depois, surgiu uma vez que fui para o Sesc na sede da Avenida Paulista e expliquei sobre a nossa intenção, de fazer um programa no período que as crianças não estivessem nas escolas, e a idéia de desenvolver uma escola vocacional, uma escola técnica. E essa pessoa do Sesc, que era um educador, com uma formação brilhante que tinha estudado no exterior, foi quem citou o termo educação não-formal e ofereceu um material, umas apostilas sobre o assunto. E começamos a estudar. A idéia da educação não-formal é o inverso da escola formal, entretanto, não é uma coisa desorganizada. É você partir de uma temática, de um elemento de interesse e desenvolver o programa de uma maneira organizada. Na escola formal você tem uma certa disciplina e você parte do princípio de que todas as crianças são iguais, e que elas vão assimilar isso. O que acontece é que existe um grande número de excluídos na escola formal, esquecendo muitas vezes o aluno que não tem capacidade para matemática, português, pode desenvolver outras potencialidades.

Agora, essa idéia da escola não-formal, aí começou agregar funcionários e funcionárias de Paulínia, como a Maria Luiza, a Maria Beghini, tinham médicos, engenheiros, tinha tudo, sempre fazíamos reunião. E começou a idéia de eventos, de pretextos, mas era um pretexto para se encontrar e discutir idéias. Quando a gente entendeu que era isso, que isso era um potencial, não tinha claro qual seria a forma, ou que seria um edifício. Na verdade o programa não era ter um edifício, era para ser nos edifícios existentes. E como arquiteto pode dar uma solução de uma tecnologia barata que domino muito, que é a do tijolinho e laje, e podemos fazer uma construção barata. Lembro-me que a primeira construção custou cento e cinquenta mil dólares, era uma coisa baratíssima. Foi até o Edson Moura que fez, no bairro do Morro Alto e nós conseguimos realizar com a ajuda do Edson inclusive. O Edson que convenceu o prefeito que poderia realizar por este valor. Que é surpreendente isso, pouca gente sabe que o Edson estava envolvido nisso e me ajudou muito nisso.

Então o que é o Projeto do ponto de vista arquitetônico, ele se assimila formalmente a um sol mesmo. Como é que surgiu a idéia do sol. Nós estávamos fotografando as ruas, e a gente percebeu que as crianças desenhavam muito sol, muitos sóis. E eu tinha uma coleção de fotos de sóis, desenhos, e a Maria Beghini queria que fosse ‘solidariedade’. Aí fizemos um jogo poético ‘solidariedade, sol’, e como era o slogan do prefeito “solidariedade, justiça e trabalho social”, ficou ‘solidariedade’, no fim, com o tempo ficou ‘sol’, Projeto Sol.

Eu preciso dizer uma coisa, e que insisto em dizer para o pessoal lembrar, que o Projeto Sol não é meu. O Projeto Sol não é o edifício, o Projeto Sol não é uma idéia de Paulínia, apesar de ter durado só quinze anos na história nunca houve um projeto revolucionário quer dizer, que tenha durado mais de cinco anos, Paulínia foi quinze anos...

Do ponto de vista educacional, eu insisti que convidássemos algumas pessoas para falar um pouco como a Adriano Salmar que trabalhava com Paulo Freire, a Aidê que tinha trabalhado em Israel, enfim, algumas pessoas especializadas, por que havia muita dificuldade mesmo dos educadores em entender o que era a educação não-formal, por que a educação das pessoas é formal.

Bom, mas a idéia do Projeto Sol surgiu da discussão com a comunidade, com as pessoas que participavam, e surgiu aqui em casa quando viemos tomar um café. A Maria Luiza e a Maria Beghini subiram na laje porque não tinha telhado, e elas ficaram olhando.

A Maria Beghini com o seu jeito espiritualista, religioso, uma mulher muito importante no Projeto, acho que importante para Paulínia, afetiva. A Maria Luiza muito organizadinha, uma outra a Ana Luiza e também a Iole que era professora, muito interessante, aí começaram a participar cozinheiras, todo mundo trouxe contribuições importantes para o Projeto.

Basicamente o Projeto é um conjunto de espaços, que a gente chama de espaço de múltiplo uso, não é sala de aula, são espaços que teriam diversas utilidades. E no meio uma arena para as coisas acontecerem, era isso o Projeto, não tinha mais nada era um produto simples. Tinha uma varanda em volta, depois surgiu a idéia de construir no meio uma cobertura, nós pensamos até de fazer com as crianças mesmas, costurar como um toldo tipo de circo. Então, a idéia foi essa, o edifício não é necessariamente o suporte para um projeto de educação não-formal. Mas, ele foi consequência porque o prefeito desejava que aquele edifício fosse símbolo, com aquela torre, algo que fosse marcante, enfim. Teve algumas modificações no projeto, porque o telhado ia até o fim conflitando embaixo, e o prefeito achou que seria perigoso, foi isso.

Eu acompanhei bastante tempo o uso desse espaço, sempre fui convidado para festas, eventos.

Eu acho que esse edifício vai se transformar também com o tempo, eu já fiz um projeto de ampliação. Fechar a arena foi destruir o coração do Projeto.

QUESTIONÁRIO

BLOCO 1 –

Nome Completo: _____

Data de Nasc.: ____/____/____ Idade: _____ Sexo: () F () M

Estado Civil: _____ N° de Filhos: _____

Escolaridade: _____

Trabalha: () Sim () Não

Profissão: _____

Local de trabalho: _____

Quantas horas por dia? (_____)

Renda Mensal:

() menos de 1 salário mínimo

() entre 1 e 5 salários

() entre 6 e 10 salários

() acima de 10 salários

BLOCO 2 –

2.1. Em que época você freqüentou o Projeto Sol _____

2.2. Relate algumas lembranças em relação ao Projeto Sol:

BLOCO 3 –

3.1. O Projeto Sol adotava uma divisão de tempo em atividades como:

- os momentos das refeições;
- os momentos das atividades específicas, ou seja, mais dirigidas;
- o horário da lição de casa trazida da Escola;
- o horário das brincadeiras.

Você gostava desse tipo de organização?

() Sim () Não

Porque: _____

3.2. Dentro do Projeto Sol você tinha liberdade de escolher as atividades?

Sim Não

3.3. Você gostava de participar deste processo de escolha?

Sim Não

3.4. A convivência que teve com os colegas do Projeto Sol, hoje você avalia que foram:

ótimas boas ruins

3.5. Você considera que a relação que tinha com os colegas na sua Escola era diferente das relações que tinha com os colegas do Projeto Sol?

Sim Não

3.6. Em caso afirmativo, cite uma diferença entre as experiências do Projeto Sol com as experiências da Escola

3.7. Você acredita que as atividades que eram desenvolvidas no Projeto Sol, contribuíram para que o seu desempenho fosse melhor na Escola?

Sim Não

3.8. E para sua formação pessoal, as atividades foram importantes?

Sim Não

3.9. Você participava das atividades físicas no Projeto Sol?

Sim Não

Em caso afirmativo, comente algumas: _____

BLOCO 4 –

Faça uma avaliação da experiência que você viveu no Projeto Sol. O que foi bom e o que foi ruim, e o que você aproveita de experiência na sua vida hoje.

RESPOSTAS DAS QUESTÕES SEMI-ABERTAS E ABERTAS

BLOCO DOIS

“Tínhamos grande alegria em saber que a hora se aproximava, pois, no Projeto era melhor que a casa ou a escola, porque nos alimentávamos muito bem, fazíamos deveres de casa, aprendíamos tudo sobre a nossa cultura, pintar, dançar, marcenaria, teatro e muito mais. ‘Projeto Sol era um bloqueio para nós contra as drogas’”.

“Eu me lembro das nossas brincadeiras, dos nossos passeios, das amizades que fiz”.

“As brincadeiras, as atividades, os amigos, os professores, os cuidados dos professores”.

“Lembro-me muito das aulas de costura, das viagens, quando íamos para as piscinas do poli ou do ginásio, da festa feita todos os meses para os aniversariantes, do banho de mangueira na arena e dos professores que foram muitos, pois freqüentei 2 Projetos Sol de bairros diferentes”.

“Muitas atividades, músicas, pintura, esporte e jogos”.

“Muitas recreação, esportes, aprendizagem em artesanato, ensinamentos complementares para o convívio em sociedade”.

“Atividades como jogar bola. Nas férias fazíamos passeios para zoológico, bosque e outros. Das amizades com colegas e com os professores que hoje só tenho boas lembranças daquela época. Na simplicidade éramos felizes, pois o Projeto Sol proporcionou momentos ótimos, se não fosse o Projeto não tínhamos com quem ficar naquele tempo”.

“Em épocas de férias a gente ia para o Zoológico, para o bosque e outras atividades que não me recordo muito, sei que era maravilhosa aquela época. Das amizades dos professores, aquela simplicidade, éramos felizes, pois, o Projeto Sol nos deu momentos ótimos, agradeço aos professores do Projeto, principalmente você Regina, te quero muito bem”.

“Além da necessidade de estar lá (minha mãe trabalhava e eu não tinha com quem ficar em casa) eu tinha vários amigos que freqüentavam o ‘Projeto’, então, por diversas vezes me senti acolhida quanto aos meus amigos, professoras(es) e funcionários. Pelo fato de minha mãe trabalhar, eu me sentia carente e então depositava essa carência nos funcionários. Sem contar com os momentos de lazer: dança, brincadeiras, etc...Lembrando também que o dever de casa era feito no próprio ‘Projeto’, dando assim ênfase nas responsabilidades das tarefas”.

“Praticava Educação Física, trabalhos artísticos e assistia filmes”.

“Lembro das brincadeiras, dos amigos, dos monitores, das atividades artísticas e físicas, dos passeios em bosques e zoológicos, das recreações, enfim, de tudo que pude usufruir, aproveitando todo o meu tempo, não ficando assim nas ruas a procura de más companhias, embora ficava meio período, foi um tempo em minha vida que nunca esqueci e guardo com todo carinho”.

“Lembro-me muito das atividades de artesanato dado pelo Professor João, da cozinheira Rosa, como eu gostava da comida dela, as vezes fecho os olhos e posso me ver sentada no refeitório, juntamente com os nossos colegas. Gostava também das atividades teatrais na arena, das aulas de dança na sala vermelha, enfim, são muitas lembranças...”.

“Muitas coisas, das danças, oficinas de marcenaria e corte-costura, gincana, dos professores – Regina, João, Lucimara, Ariadnes, Rose, Vanda, da Rosa e Tereza cozinheiras, muitas coisas boas”.

“Foi um período de grande aprendizado em minha vida, pois tínhamos aulas de bordados em tela, pintura em tecidos (confeção de bonecas de pano), em épocas comemorativas pintávamos os vidros do prédio, tivemos professores de bijuterias, cuidávamos da horta, fazíamos apresentações de dançantes no próprio prédio e também em outros lugares como lar dos velhinhos, ginásio de esportes. Em época de páscoa ajudava na preparação dos ovos de páscoa, brincava bastante com os jogos educativos (quebra-cabeça, jogo da memória); fazíamos também visitas às instituições que pertenciam em outros bairros como Monte Alegre e João Aranha, desfilávamos na avenida no dia 07 de setembro, além de fazer passeios em outras cidades”.

“Muitas coisa boas que eu aprendi lá, fazer bastante coisas, pintar, desenhar, dançar, brincar, fazia muitas coisas legais, adorei muito, pena que acabou”.

“A senhora foi a professora mais bonita da cidade de Paulínia, muito boa, torço pela senhora, um beijo do seu aluno...”.

“Trabalhos educativos tais como: marcenaria, pintura em tela, papel, máscara de papel reciclado, atividades físicas, passeios em bosques, zoológicos, refeições equilibradas e variada, o carinho e dedicação dos professores e funcionários são memórias inesquecíveis que mais possamos ter”.

“Lembro das amizades que fizemos, inclusive com os professores. Das brincadeiras e passeios que fazíamos com os nossos colegas e professores”.

“No Projeto Sol eu aprendi a conviver com outras pessoas etc...”.

“Assistindo alguns vídeos, jogando futebol, fazendo marcenaria com o Prof. João, alguns professores (as) João, Regina (indo à Itália), Lucimara e a cozinheira Rosa”.

“Lembro-me da apresentação que fizemos, da roupa, da pintura. Das aulas de Artes e desenho. Lembro-me também das brincadeiras de esconde-esconde, de quando saía de bicicleta para ir ao clube nadar, enfim, de tudo de gostoso que lá aprendi”.

“Passeios, brincadeira, aulas de reforço e excelentes monitoras (Lucimara, Regina, Ariadne, João Conejo)”.

“As brincadeiras, as refeições, os conselhos, os incentivos para crescer na vida, o convívio com os colegas, que hoje muitos estão muito bem, alguns até já se foram. Acima de tudo a minha formação educacional, num período crítico que foi a minha adolescência”.

“Futebol e várias outras atividades que não me recordo”.

“Brincadeiras e atividades culturais”.

“Chegava às 7:30h. tomava o café da manhã, depois íamos para sala fazer as atividades e tínhamos um horário para fazermos as lições de casa da escola. Às 10:00h. saíamos para o horário da brincadeira. Depois almoçávamos e após o almoço íamos embora”.

“Chegava às 7:30h. tomava o café da manhã, depois íamos para sala fazer as atividades e tínhamos um horário para fazer a lição de casa da escola. Às 10:00h. saíamos para o horário da brincadeira. Depois almoçávamos e a partir das 11:00h. podíamos ir embora para casa, para podermos ir à escola”.

“Com toda certeza quem foi no projeto Sol nunca se esquecerá de 2 coisas:

- 1- As aulas de marcenaria do Prof. João sem dúvida uma das mais gostosas do Projeto. Só não era mais gostoso que o item 2.*
- 2- O almoço que a Rosa preparava, era uma delícia, comida de qualidade, feita com carinho, e a gente não fazia por menos, raspávamos o prato”.*

“Chegávamos radiante, já pensando nas atividades e brincadeiras que íamos ter, quando tinha passeio fora do prédio, conhecer outros projetos, com professores diferentes, alunos, era muito divertido, na volta para o nosso prédio, na maioria das vezes tinha sermão, era em geral pelo mal comportamento de alguns”.

“Eu gostava muito, foi um momento da minha infância inesquecível para mim. Momento de alegria, de conhecer novos amigos, aprender mais e conhecer novos professores que também era

uma época que eu estava conhecendo a mim mesmo. Eu tenho boas lembranças de tempos que não voltam mais”.

“Lembro que quando entrei no Projeto Sol, foi como um sonho, pois, minha mãe não queria me matricular, quem me matriculou escondido foi minha prima, quando ainda era no velho projeto AICA. Gostava muito de ficar lá, passar o tempo todo aprendendo e brincando, pulava corda, andava de perna de pau, fazia travessuras na grama, ajudava os professores, ainda me lembro os nomes: Regina, Eliane, Bernadete e Heraldo”.

“O Projeto Sol me lembra lugar onde podia brincar e aprender com os meus amigos da escolas e com os professores”.

“Me lembro vagamente de algumas coisas, por exemplo: algumas brincadeiras como andar de perna de pau, lembro também que na época que eu estava era muito calor, nós tomávamos banho de esguicho, eu gostava também de ir à piscina com o Projeto, pois era a única maneira de poder me divertir. Eu gostava de ver a Regina desenhando o SNOOP, e de ver ela irritada com uma música que as crianças cantavam pra ela, a Eliane e a Bernadete”.

“Saudades dos professores e amigos. As apresentações de danças em datas comemorativas, as festas juninas, as brincadeiras, sala de vídeo, aulas de costura, pintura e artesanato. Tudo era motivo de alegria”.

“Tenho várias lembranças, fazia artesanato, aprendia a costurar, aulas de dança, também aprendia escovação e os professores nos ensinavam até a comer, eu aprendi muitas coisas lá”.

“Bom além dos encontros com os amigos, havia pintura, jogos como futebol, voley, gincana, passeios e muitas outras coisas que trazem bastante saudades, principalmente o encontro com os amigos, que ficarão na memória para toda eternidade, muitos que venceram na vida, outros já não tiveram a mesma sorte, até mesmo aqueles que já faleceram”.

“Dança da gatinha, festa junina, Tereza (cozinheira), Lucimara (diretora), corria, brincava”.

“A hora da refeição que aprendemos a comer com garfo e faca, a hora que rezamos antes das refeições”.

“Gostava muito de dançar, das aulas de corte e costura; das aulas com o Prof. João (marcenaria), só não me recordo muito da Profa. Ariadne, da comida (que era muito boa, até hoje vejo a Rosa cozinheira). Doa passeios, íamos muito ao Itapoã, mas gostava muito das aulas de dança com a Profa. Regina – GiGi lembra? Todo o tempo que passei no Projeto foi muito bom”.

“Muitas brincadeiras legais e vários passeios”.

“Eu lembro dos amigos, dos professores que foram ótimos, de algumas brincadeiras”.

“Lá nós brincávamos, aprendia a fazer artesanato”.

“Lembro-me que gostava muito de ensaiar passos de dança para apresentações em outros Projetos e até mesmo em ruas. Lembro-me também que gostava muito de ler livros na biblioteca, pegava pelo menos 2 ou 3 livros por semana. Os trabalhos artesanais que muito gostava na época tipo: trabalhos em madeira, costura, plásticos, papéis, me despertaram hoje, para uma apreciação melhor do trabalho e principalmente valorização do esforço e capacidade alheia”.

“Lembro-me da roda do sol, das oficinas que tinham, da sala de costura, marcenaria, horta, o momento da lição de casa, a discussão da pauta das atividades do dia”.

“A mudança para o prédio novo, um momento esperado por todos os alunos”.

BLOCO TRÊS

SE GOSTAVA OU NÃO DA DIVISÃO DA ROTINA E A JUSTIFICATIVA:

“Por que tinha tempo prá tudo, tudo tinha a sua hora”.

“A criança desde pequena aprende a ter regras e limites, sabendo dividir o seu tempo (hora de brincar, fazer lição, refeição, etc.) aprende a se organizar”.

“Por que as crianças que freqüentavam o Sol se ocupavam com as atividades e não tinham tempo de ficar na rua aprendendo coisas ruins”.

“O horário da tarde passa rápido, mas naquele tempo demorava muito, e dava tempo de fazer tudo, principalmente brincar”.

“Desta forma faz com que a criança entenda que tem hora certa para tudo”.

“Educa e coloca a importância da divisão de atividades, para que sejam respeitadas”.

“No meu caso ajudou muito a me organizar, até hoje em relação a cada coisa no seu tempo, em todos os sentidos, até com o meu filho nos dias de hoje”.

“Naquele tempo no Projeto Sol eu aprendi a me relacionar melhor em todos os sentidos, até mesmo hoje na minha casa com a minha filha”.

“Era muito divertido, cada atividade tinha o seu tempo e o seu horário para que a gente tivesse seu tempo de descanso”.

“Bom, toda criança gosta de fazer algo na hora que surge a vontade, e muitas vezes não era a hora estipulada, mas sempre éramos convencidos das melhores horas para cada tipo de atividade, e isso traz a responsabilidade na organização”.

“No Projeto Sol eu ocupava o meu tempo livre com atividades interessantes”.

“Por que desde criança você tendo regras, obrigações, horários, você se torna um adulto mais responsável, mais seguro para seguir a vida”.

“Assim ficava mais fácil saber que existia tempo para tudo, e com isso não ficávamos cansados de estar fazendo uma só atividade como na escola”.

“Ajudava muito com as lições da escola, pesquisas, fornecimento de materiais e disciplinava quanto aos horários de cumprir os deveres, limpeza e de brincar”.

“Com esta organização do tempo, nos adaptamos a fazer tudo em seu momento exato, sem atropelar e nem deixar de fazer as atividades programadas”.

“Eu aprendi muitas coisas boas, conheci bastante amigos na minha infância (alguns ainda me lembro, outros não). Mas valeu a pena”.

“Gostava muito de brincar com os meus amigos. Foi maravilhoso”.

“Por que não era rotineiro, mas englobava todas as atividades necessárias para os mesmos. Até as que não gostávamos muito (lição de casa)”.

“Nos ajudava a entender que existia hora e momento para tudo. Ajudava a nos organizar para brincar e fazer nossos deveres”.

“Em vários momentos que passei lá, aprendi a divisão das atividades”.

“Isto nos levava a entender que existia um momento específico para cada atividade, e que cada instante deveria ser bem aproveitado”.

“Por que sabíamos o que fazer em cada hora que era determinada, mas eu adorava, pois tudo era divertido”.

“Desta forma aprendíamos a organizar nosso próprio tempo e tínhamos horário para tudo”.

“Nos ajudava no que era possível”.

“Assim eu tinha tempo de fazer de tudo um pouco, inclusive a lição o que me dava mais tempo para brincar em casa”.

“Assim as crianças tinham tempo para fazer tudo”.

“Nós passávamos o tempo inteiro ocupados com alguma coisa, era muito bom”.

“Vivíamos ocupados durante ‘a parte da manhã’”.

“Aprendi que tudo na vida tem a sua hora e local, e que quanto mais organizados melhor”.

“Ajudava o nos organizar com as nossas obrigações, aprender coisas novas e ainda tínhamos tempo para brincar”.

“Eu aprendi que tudo tem o seu tempo e a sua hora, e aprendi a respeitar tudo isso”.

“Não fazia lição pois ainda não ia para escola, adorava brincar (andar atrás da Regina, chorando muitas vezes)”.

“Não me lembro muito da divisão do tempo, mas adorava tudo o que fazia no Projeto Sol, hoje em dia são as lembranças boas que tive”.

“Além de deixar os meus deveres em dia, eu podia tirar as minhas dúvidas com os colegas e professores, podendo também brincar e me divertir com todos”.

“Era um método da criança aprender a ser organizada em suas atividades do dia-a-dia”.

“Por que minha mãe trabalhava e as vezes a gente não fazia a lição e lá a gente fazia, por que os professores ensinavam”.

“Foi a partir desta divisão de horários e atividades que hoje divido minhas atividades diárias com propósito e ficou bem mais fácil cumprir horário e responsabilidade a partir desta educação”.

“Assim podíamos nos preparar fisicamente e psicologicamente para cada ocasião, sem cair na rotina”.

SE PERCEBIA DIFERENÇA NO RELACIONAMENTO COM OS COLEGAS NO PROJETO SOL COM A ESCOLA:

“As relações eram diferentes por motivo dos educadores, tínhamos mais atenção no Projeto Sol, eles estavam sempre presentes”.

“No Projeto Sol nós tínhamos mais liberdade para fazer as nossas lições, trabalhando na companhia dos colegas e professores”.

“Na escola não tínhamos escolha de atividades e era tudo levado mais a sério, no Projeto até na hora da lição de casa era divertido”.

“Na escola, os colegas aprontavam com as crianças menores”.

“Os professores”.

“Mais liberdade para escolher, e relacionamento com os professores”.

“No Projeto Sol éramos mais livres para esclarecermos algumas coisas, que na escola não tínhamos com os professores”.

“Aprendia bastante coisa no Projeto Sol. E na escola a gente aprendia mais, mas se for ver bem, é que nem o Projeto Sol”.

“É que no Projeto Sol nós tínhamos mais liberdade para conversar, trabalhar como uma equipe, ou seja, lá nós éramos uma família”.

“No Projeto Sol tinha a liberdade de optar pela atividade que estava disposto a fazer e na escola não, é tudo dado sem o aluno poder opinar”.

“A liberdade de escolha na hora das atividades”.

“Na escola é mais importante nós aprendermos as coisas que a professora passa na sua matéria”.

“No Projeto Sol tínhamos acompanhamento de profissionais aptos a nos ensinar como se comportar em sociedade”.

“Por se tratar de métodos e talvez objetivos diferentes (creio). No Projeto Sol por intermédio das diferentes atividades (descontraídas), havia um maior envolvimento entre as crianças e adolescentes (meu caso na época)”.

“No Projeto me sentia mais a vontade do que na escola, além de ter mais amizades com os mesmos”.

“Na escola cumpria as regras sem ter direito de opinar, no Projeto eu tinha o direito de escolher o horário e as atividades que ia fazer”.

“Nos dois lugares você aprendia. Na escola você estudava e no Projeto aprendia a fazer um monte de coisa e também fazia bastante exercício”.

“Nos dois lugares aprendia. Na escola você aprendia a estudar. No Projeto Sol você fazia educação física, marcenaria, pintura, costura, artesanato”.

“Na escola a relação era mais com os colegas de classe e no Projeto Sol todos se envolviam nas atividades mesmo aqueles que na escola estavam em outra série”.

“É que na escola era mais de estudar e não dava para conhecer muito bem os colegas e já no Projeto Sol a gente aprendia a conhecer melhor”.

“No Projeto Sol eu tinha contato com todas as faixas etárias, diferente da escola onde as turmas são distribuídas partindo deste conceito”.

“A diferença era que no Projeto Sol nós tínhamos liberdade de escolher o que fazer e oportunidade de falar o que estávamos sentindo”.

“Porque no Projeto Sol era um ajudando o outro e na escola não podia fazer nada disso”.

“As atividades em ambos locais eram diferentes e com isso o objetivo do grupo era outro, tornando o ambiente e a cerimônia entre os colegas diferentes”.

“O exemplo de união entre os alunos”.

“Na escola por exemplo, o momento de vivenciar a liberdade com o colegas era restrita em minutos (recreio), no Projeto eram todos os momentos”.

“No período escolar exige de você e seus colegas um pouco mais de concentração impedindo assim a liberdade de relacionamento, diferente do que ocorria no Projeto Sol”.

“Por que fazia com que mesmo sendo criança, aprendêssemos a respeitar horários, e que tudo tem a sua hora, assim aprendíamos a ser responsáveis por nós mesmos”.

“Era melhor que a APAE”.

“Tudo tinha a sua hora”.

“Por que acrescentava na Educação. Todas as crianças nessa fase é importante saber dividir a hora de brincar com as responsabilidades”.

“Nos ensinava como organizar o nosso dia”.

“Dava oportunidade para você fazer as obrigações do dia-a-dia, além de aprender várias coisas”.

“Por que dava a oportunidade de aproveitar melhor as atividades”.

“Pois era divertido e muito útil, nos mantinham sempre ocupados”.

BLOCO QUATRO

AVALIAÇÃO DO QUE FOI BOM:

“Foi a proteção que eu tinha, o alimento, a ajuda escolar, os colegas, os professores, que sinto muita saudade. As minhas paqueras, enfim, sinto uma eterna saudade de tudo e de todos. Não houve nada ruim, freqüentei oito anos desde o tempo do AICA. Tivemos uma grande família. Na minha vida hoje vejo o meu irmão marceneiro, graças a marcenaria do João. Projeto Sol SAUDADES”.

“Uma experiência no Projeto Sol, foi bom, eu conheci muitas pessoas que eu mantenho amizade até hoje, outras que quase nunca vejo, porém quando encontro é legal.

“A comunicação com os colegas e professores, o modo em que éramos tratados pelos professores”.

“Foi ótimo a experiência que vivi, aprendi como conviver em grupo, saber usar a criatividade por que no dia das crianças nós mesmos inventávamos nossos brinquedos como o pé-de-lata”. Eu gostaria que os meus filhos também tivessem essa chance de conviver com pessoas maravilhosas, desde o caseiro até o diretor”.

“Foi muito bom. Porque o bairro que eu cresci era muito violento. E na rua só aprendia o que não prestava”.

“Eu vivi uma experiência no Projeto Sol que até hoje guardo só para mim, na verdade aconteceu já quando eu havia saído. Mas, trago como uma lembrança de lá. Acredito que isso alavancou minha personalidade e fez de mim uma pessoa hoje diferente, diria especial. Também tenho a agradecer todo estímulo que tive para que me tornasse um grande artista, desenhista e pintor que hoje é o meu sustento”.

“Passou um bom tempo, tenho muitas lembranças, alguns daqueles amigos hoje nem estão entre nós, mas eu procurei por em prática tudo o que aprendi com vocês, e na escola, e sempre ouvi minha mãe. Hoje sou grato a todos e tento passar isso para o meu filho desde já, para que ele cresça no bom caminho como eu e os meus irmãos. Grato por tudo!”.

“Passou um bom tempo. Tenho muitas lembranças boas, pena que muitos amigos nossos não trilharam para as coisas boas que aprenderam. Alguns nem se encontram mais conosco. Hoje passo para minha filha todas as coisas boas que aprendi, principalmente com você Regina, para

que ela tenha um ótimo carinho como eu tive. Graças a Deus, a minha mãe e a você. Obrigada Regina, da sua amiga Gláucia”.

“Nada foi ruim para mim, eu acho que para ninguém. Foi muito bom, porque a gente conheceu bastante gente que se tornou amigo, e até hoje eu vejo as pessoas que freqüentaram o Projeto Sol. E foi muito bom mesmo, olha não me lembro muito, mas lembro muito de você Regina, foi com você que a gente aprendeu a respeitar as pessoas mais novas e mais velhas”.

“É realmente emocionante falar do Projeto Sol, pois duas figuras ficaram marcadas na minha memória: a Profa. Regina e a Diretora Lucimara. Qualquer problema que eu tinha relacionado à família eu ‘corria’ para elas, como se as mesmas fossem meu ‘porto seguro’ (talvez elas não saibam a diferença que fizeram na minha vida). E acho que eu sou assim hoje: alegre, decidida e independente por colaboração e formação do meu caráter no qual essas duas profissionais contribuíram, pois não podia contar nas noites com a presença cansada da minha mãe que buscava sustentar a família. Lembro também dos desenhos que pintávamos nos vidros das janelas antes do Natal, e hoje cada vez que eu olho aquelas janelas, lembro que sempre pintava uma árvore cheia de frutas, porém, sempre sem raiz. Mas hoje eu posso dizer que: aquela árvore cresceu, está dando frutos e principalmente criou raízes”.

“Foi muito bom eu ter participado do Projeto Sol, pois lá aprendi a aproveitar o tempo que sobrava depois de sair da escola, tinha horários para as atividades e para as tarefas, coisa que antes de não ter o Projeto, saía da escola e ia para rua brincar com os meus amigos, e acaba não tendo tempo para fazer as tarefas”.

“O que posso dizer sobre esse tempo que freqüentei o Projeto Sol é que aproveitei de todas as formas possíveis, usei o tempo para brincar, estudar, fazer amigos, conhecer coisas novas, respeitar as regras, ser responsável, ser alguém que dá valor nas coisas, ter horários”.

“Tudo o que vivi no Projeto Sol foi muito bom”.

“No Projeto Sol tudo era muito bom, desde a entrada até a saída. Hoje uso na vida muitas coisas boas que aprendi no Projeto, principalmente nos afazeres da casa”.

“Nesta fase da minha vida só tive experiências positivas, pois convivi com pessoas que transmitiam e ensinavam o respeito pelo próximo, o convívio com pessoas com culturas diferentes da minha, o convívio em grupo já que tínhamos atividades que incentivavam isto. E hoje, aproveito todas essas experiências para o meu trabalho e também na universidade, já que estou me relacionando com o público todo o tempo. E também não posso deixar de ressaltar que

os professores foram para mim Mestres, não só como profissionais, mas, também como exemplos de seres humanos, envolvidos intimamente com as nossas dificuldades, desta forma, espelhos para quando tornássemos adultos fossemos dignos de todo este trabalho”.

“Eu gostei muito do Projeto Sol. Aprendi coisas boas, pintar, desenhar, fazer várias brincadeiras, fazer colagem, pular cordas. São coisas que vão ficar guardado nas minhas lembranças para sempre. Fiz bastante amizades, só aprendi coisas boas. Ruins não me lembro. Valeu a pena recordar de tantas coisas boas, era bom também que eu trazia a lição da escola para fazer lá, e isto me ajudou muito. Gostei muito dos professores”.

“Agradeço em primeiro lugar a Jesus meu amigo e comandante fiel. Que Deus ajude todas as pessoas, a você professora que ilumine a sua vida. Um abraço, beijos do seu aluno”.

“Tudo o relatei que fiz no Projeto Sol foi importante para mim e usado em casa, no trabalho e servirá até de história para os meus filhos”.

“As experiências que tive foi aprender o valor da amizade, dos professores conversando conosco quando tínhamos alguma dificuldade. Não me lembro de nenhum momento ruim”.

“Foi ter conhecido muitos amigos”.

“Das coisas boas que até hoje tenho por lição e tenho aplicado na minha vida profissional, acadêmica, etc. é o senso de união (equipe) obtido por intermédio das práticas esportivas e outras atividades que exigia o envolvimento de equipe”.

“Eu considero o Projeto Sol uma segunda escola. Pena que hoje não existe mais, pois se existisse com certeza o meu filho estudaria lá. Eu digo que é uma segunda escola mas, não para ficar o dia inteiro estudando e sim auxiliando em alguma dúvida que tínhamos e a maior parte do tempo nos divertido”.

“As amizades que criei. Há pessoas que até hoje tenho contato”.

“Tudo foi bom enquanto durou”.

“A experiência que passei no Projeto Sol foi muito boa, porque naquela época eu havia acabado de chegar de Minas e era muito pobre. Como todos na minha casa trabalhavam fora, o Projeto Sol era o meu segundo lar”.

“A educação que tive, mais conhecimento em desenvolver vários tipos de atividades. Eu tive o privilégio de não aprender a roubar e usar drogas, de matar. Esse é o melhor Projeto criado na cidade de Paulínia para tirar adolescentes das ruas e aprender atividades”.

“A experiência que tive no Projeto foi muito boa, porque aprendi várias coisas, várias atividades físicas e culturais...”

“Eu gostava do Projeto porque eu me ocupava, tinha também muitas coisas que eu gostava de fazer. Mas, enfim, tive que sair aos meus quinze anos para trabalhar na guardinha. Hoje sou uma pessoa muito feliz, trabalho, curto a minha família, sou muito feliz”

“No Projeto Sol eu brincava e aprendia ao mesmo tempo e por isso me recordo até hoje das aulas de corte-costura com a Profa. Vanda, as aulas de marcenaria com o Prof. João, as lições de casa, as atividades esportivas, danças, músicas, datas comemorativas, etc. Sendo que até hoje eu tiro proveito desta experiência que eu classifico como muito boa”

“O Projeto Sol foi um começo maravilhoso, onde tive a oportunidade de aproveitar a minha infância como criança. Assim adquirindo ao passar dos anos mais responsabilidade e o gosto por exemplo pela pintura e desenho”

“Para mim não teve momentos ruins, porque tudo o que eu aprendi foi muito bom, porque eu aprendi a conviver com as pessoas e respeitar o que o outro pensa, aprendi também a falar com as pessoas. Aprendi até comer direitinho”

“Lá no Projeto eram realizados trabalhos como pintura, criação de objetos, isto fez com que eu ganhasse amor pela decoração e é exatamente nesta área que trabalho hoje. Também crio as minhas próprias cestas de frutas, café da manhã e outras como doces e salgados. Tenho também uma boa relação com as minhas filhas”

“As atividades”

“É que lá nós não ficávamos parados, sempre tinha alguma coisa para fazer”

“Para mim foi como suporte de vida, pois quando iniciei no Projeto era uma menina muito tímida, havia chegado de outro Estado, estava um pouco insegura, então a convivência com outras crianças da minha idade, as atividades realizadas e as brincadeiras feitas, ajudaram muito no meu desenvolvimento. Foi uma época muito boa em minha vida, que até hoje me lembro e comento com algumas pessoas que as vezes encontro. Até sinto falta daqueles tempos”

“Aproveitei para ter um pouco mais de respeito ao próximo e saber como me aproximar de outras pessoas sem que seja com falta de educação”

“Trouxe conhecimentos para o nosso dia-a-dia”

“Cresci uma pessoa responsável e tenho melhor visão dos dias atuais”

“O Projeto ensinava que tínhamos hora para tudo. Para estudar, fazer lições, brincar, etc. E isso me tornou mais responsável”.

“O tempo do Projeto Sol na minha vida teve grande importância, pois cultivei grandes amizades que até hoje me recordo, e que lágrimas brotam no canto dos olhos em virtude de sentir saudades. Lembro do João, Regina, Maria Luisa, Teca, enfim, o jeito como eles nos tratavam foi marcante”.

“Toda experiência que passamos nos causa um amadurecimento gerando em cada um, uma personalidade diferente. E agradeço a Deus a todos os professores do Projeto Sol que fizeram de mim uma pessoa como sou: alegre, extrovertida, de bem com a vida...pois, foi a partir do carinho e exemplos que foram para mim, que hoje me considero uma pessoa bem melhor”.

“O Projeto Sol foi uma escola para a educação que eu tenho hoje, mas como só podia ficar até quinze anos de idade, e depois comecei a trabalhar. Hoje um pouco de tudo que eu sei foi graças ao Projeto Sol”.

“Aprendi a dividir os meus horários conforme a quantidade de atividades que tenho para fazer. Aprendi também a me relacionar bem com todos os funcionários e até hoje tenho muitas saudades de todos, da Lucimara, do João, GiGi, da cozinheira Rosa”.

AVALIAÇÃO DO QUE FOI RUIM:

“O Projeto Sol com certeza não teve para mim nada de ruim e sim tudo de bom. Acho que esse projeto deveria voltar pois, hoje em dia é mais necessário que no meu tempo”.

“A parte ruim foi ter que me afastar do Projeto Sol”.

“Só foi ruim porque tinha que ficar longe da ‘mamãe’”.

“Infelizmente hoje não existe mais”.

“Que esse tempo passou e aqueles colegas quase não vejo mais. E hoje em dia o Projeto Sol não passa de lembranças, boas lembranças, mas só lembranças”.

“O que não foi bom no Projeto Sol é que carrego até hoje a saudade de amigos que pelo destino se perderam e de tempos maravilhosos que não voltam mais”.

“Somente uma coisa ruim, foi quando terminou o ano letivo e precisava refazer a matrícula e a minha mãe não quis. Eu fiquei muito chateada, mas foi só isso”.

“Ter fechado o Projeto Sol”.

“De ruim acredito que não houve nada, tudo o que aconteceu foi importante para o meu crescimento e aprendizagem”.

“Quando tive que parar de ir”.

“O único lado ruim é que aos quatorze anos se encerrava, o que fez com que muitos colegas se perderam na vida”.

“Foi não poder mais freqüentar o Projeto pois minha mãe não assinou a renovação”.

“A única coisa que fico triste é que tudo isso tenha acabado e que a minha filha não possa passar momentos bons que eu passei”.

“Sinto pelos amigos que se perderam nas drogas, e com isso suas vidas. O resto foi uma experiência maravilhosa, pena que não volta mais e minhas filhas não tiveram esta oportunidade”.

“É que tudo acabou”.

“Que eu cresci e tive que sair... senão estaria no Sol ainda...”.

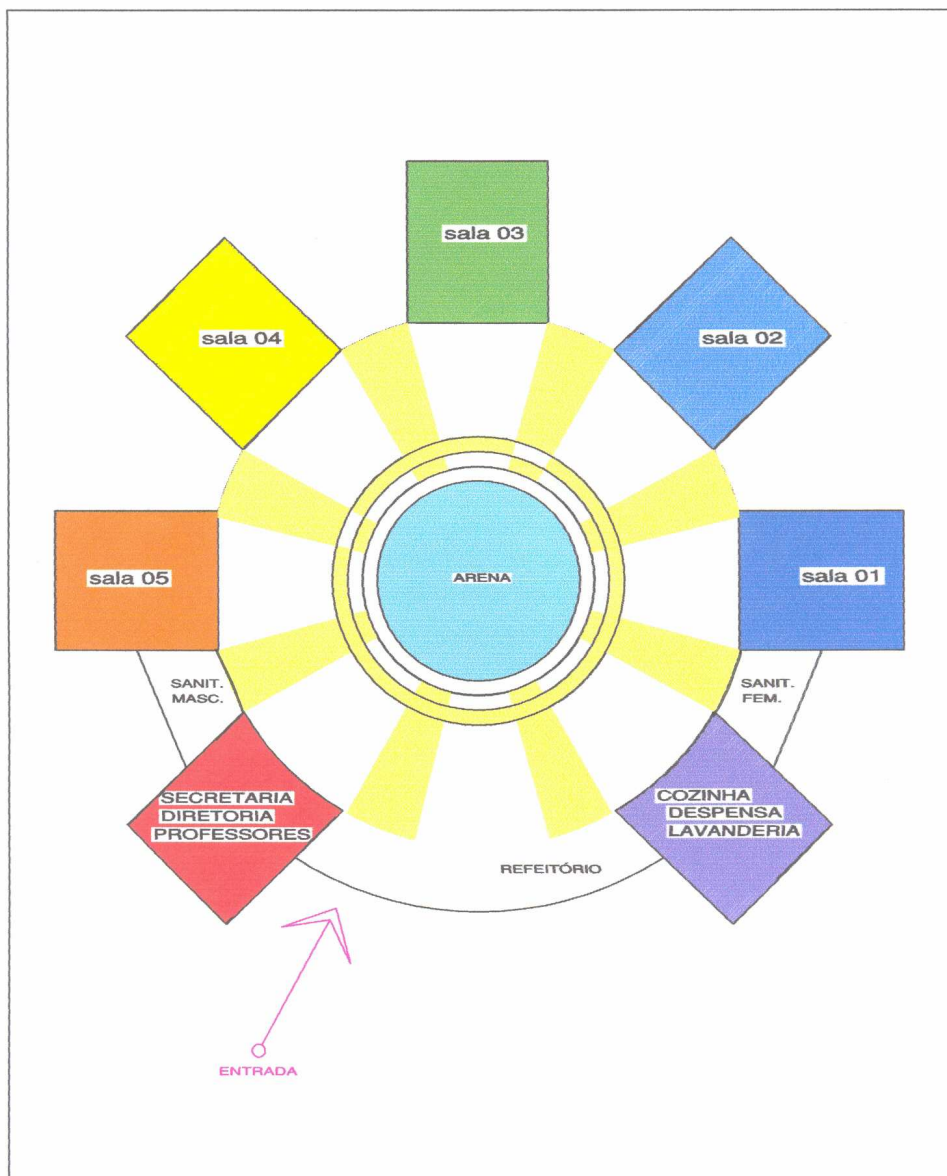
AVALIAÇÃO DO QUE APROVEITA HOJE:

“E para minha vida hoje é bem proveitoso porque como sou Educadora Infantil, muito que aprendi posso passar para as crianças”.

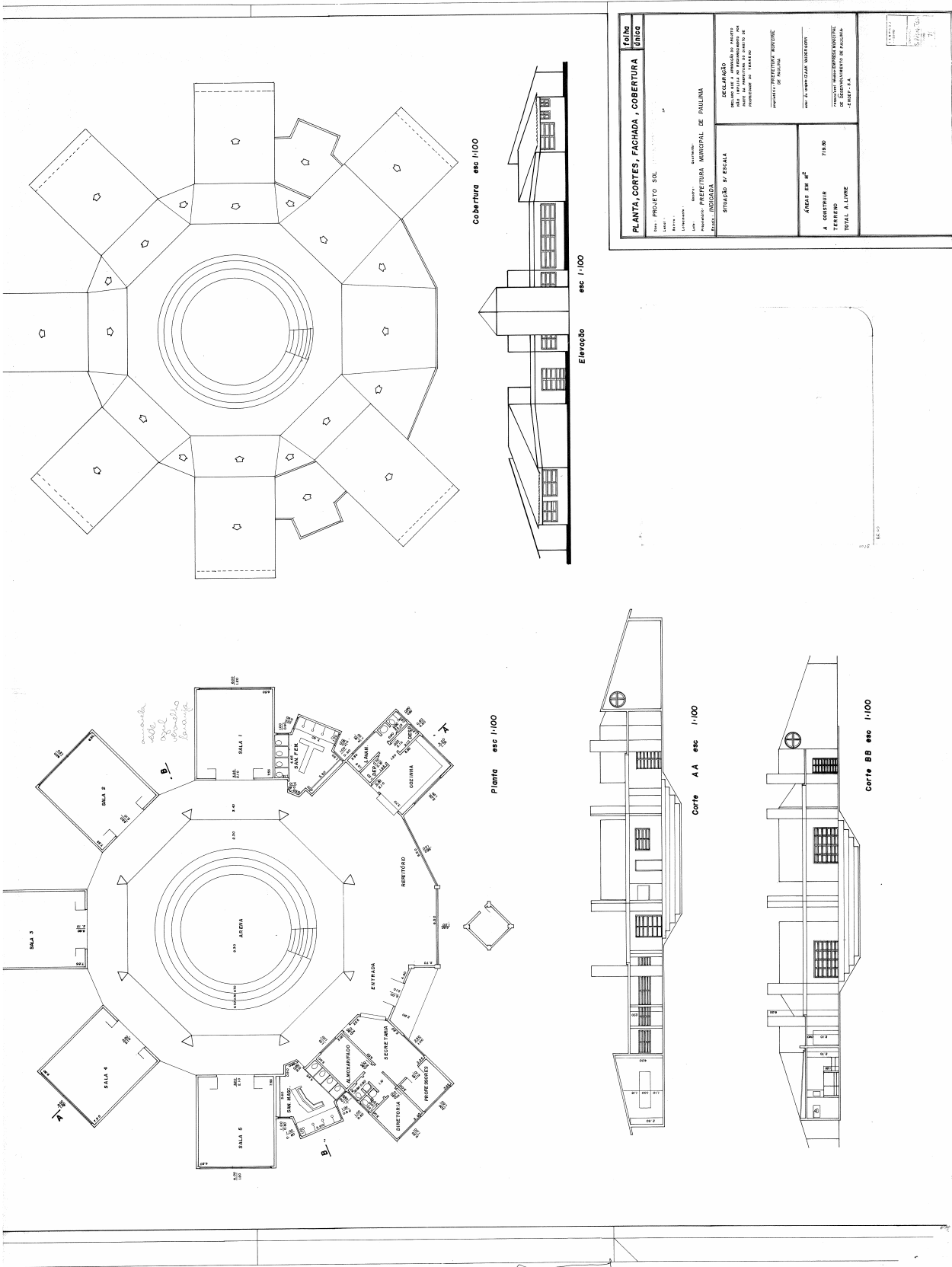
“Hoje procuro ensinar os meus filhos tudo o que aprendi enquanto freqüentava o Projeto Sol”.

“O que aproveito na minha vida foram os momentos felizes e de lazer que eu tive no Projeto, momentos que lembro com saudade e carinho, em especial de uma das professoras, nossa doce e querida professora Regina, nossa querida GiGi”.

“O que aproveitei foi ter educação e agora posso passar para os meus filhos”.



PLANTA BAIXA DO PROJETO SOL MORUMBI



PLANTA, CORTES, FACHADA, COBERTURA		Tela Única
PROJETO DE ARQUITETURA CLIENTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULINA LOCAL: PAULINA - PI DATA: 1980		
TÍTULO: INDICADA ESCALA: 1:100		DECLARAÇÃO O PROJETO DE ARQUITETURA PARA O BARRACÃO DE EXIBIÇÃO DE PAULINA - PI, EM 1980, FOI ELABORADO E APROVADO EM 1980, DE ACORDO COM O PROJETO DE LEI Nº 1.000/80, DE 12 DE ABRIL DE 1980.
ÁREAS EM M ² A. COBERTURA TERRENO TOTAL A LIVRE	1180 1180	PROJETO: TRISTEFANY, RODRIGUE DE PAULINA PROJ. DE ARQUITETURA: RODRIGUE DE PAULINA FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARQUITETURA DE GOVERNAMENTO DE PAULINA 1980-1981.



Inauguração – 11/09/88



Grupo de dança



Fazendo Arte



Marcenaria



Passeios

Atividades físicas / recreativas



Futebol



Ping-pong



Basquete



Perna de Pau



Latinha



Pipa